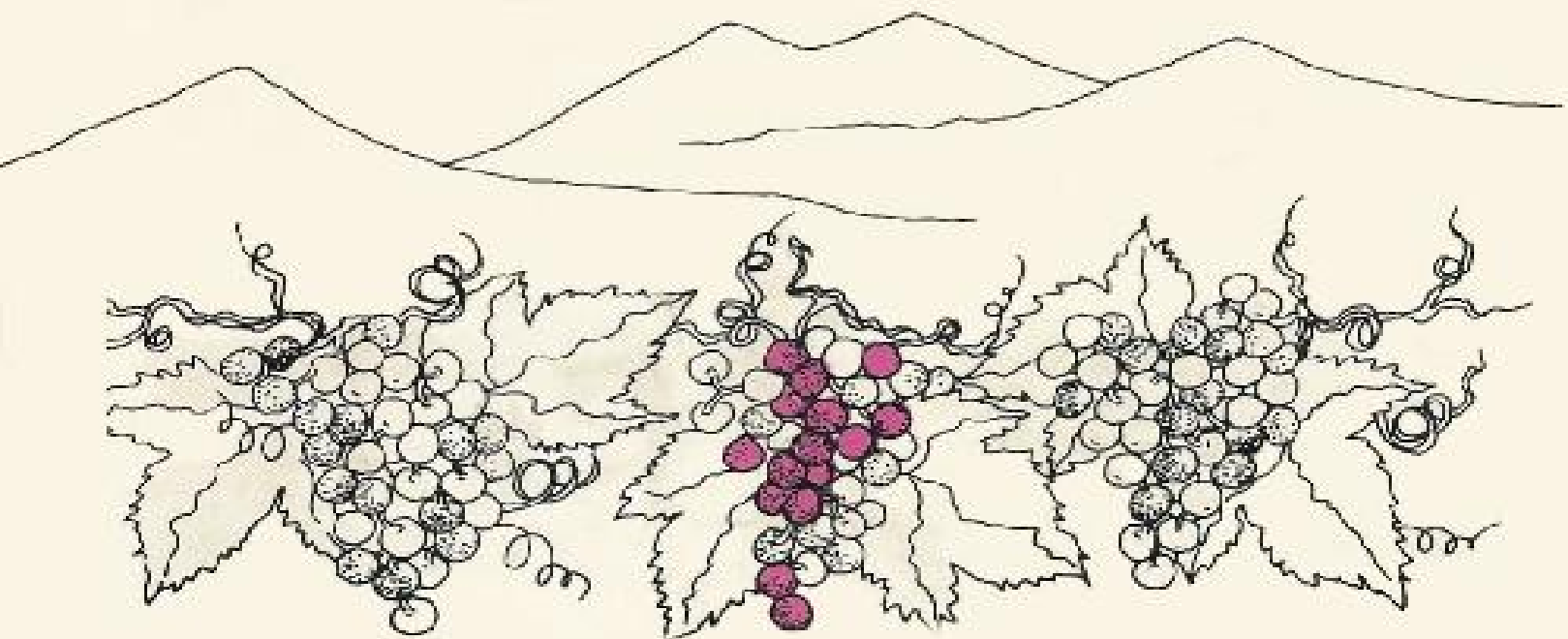


# AS UVAS E O VENTO



**PABLO NERUDA**

Tradução de CARLOS NEJAR

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



**PABLO NERUDA**

**AS UVAS E O VENTO**

**Tradução de CARLOS NEJAR**

Da mesma coleção:

Cem Sonetos de Amor

A sair:

Livro das Perguntas (trad. de Olga Savary)

Residência na Terra (trad. de Paulo Mendes Campos) Residência na Terra II  
(trad. de Paulo Mendes Campos) Terceira Residência (trad. de Paulo  
Mendes Campos)

**Coleção POESIA DE PABLO NERUDA Volume II**

Aba(s)

## As Uvas e o Vento

Apesar de ser um dos livros mais importantes da etapa de Neruda posterior ao *Canto Geral*, *As Uvas e o Vento* é quizá um dos menos conhecidos, em razão do que, depois de sua publicação em 1954, tem sido de difícil acesso fora das edições de obras completas do poeta. Em torno ao eixo do itinerário de uma viagem à Europa que é um reencontro com uma geografia, com um passado cultural e com as tensões de um presente conflitivo ou o nascimento de novos regimes socialistas, Neruda descreve uma cartografia política e poética dos anos de pós-guerra, desde a Ilha Negra no Chile até a China de Mao. Quando, na volta dos anos, o poeta abordar novamente alguns aspectos deste panorama, seu ponto de vista terá em algum caso variado, inclusive dramaticamente às vezes; mas o vigor expressivo, a fé no homem e a capacidade totalizadora de visão que pulsam em *As Uvas e o Vento* — grande hino europeu e asiático, depois do hino americano do *Canto Geral* — impõem sua grandeza e convicção mais além da circunstância histórica concreta em que se manifestaram. Como em toda a obra de Neruda, canta-se, no mundo visível, o projeto de um mundo novo onde o homem seja homem, conciliado num âmbito humano.

Aba 2

## **Pablo Neruda**

PABLO NERUDA, nascido e falecido no Chile (Parral, 1904 - Santiago, 1973), foi sem dúvida uma das vozes mais altas da poesia mundial do nosso tempo. Desde o combate direto ou desde a perseguição e o exílio valorosamente arrostados, a trajetória do poeta, que em 1971 obteve o Prêmio Nobel, configura, simultaneamente, com a evolução de um intelectual militante, uma das principais aventuras expressivas da lírica em língua castelhana, fundada num poderio verbal inigualável, que da indiscriminada imersão no mundo das forças telúricas originárias expandiu-se à fusão com o âmbito natal americano e soube cantar o instante amoroso que contém o cosmos, o tempo obscuro da opressão e o tempo aceso da luta. Um olhar que abarca simultaneamente a vastidão dos seres e o abismo interior da linguagem: poeta total, Neruda já pertence à tradição mais viva da nossa maior poesia.

companhia no-grandense de artes gráficas

**PABLO NERUDA**

**AS UVAS E O VENTO**

Tradução de  
CARLOS NEJAR





Coleção POESIS DE PABLO NERUDA – Vol. 2

capa: Lui Cuervo Lo Pumo

revisão: Sueli Bastos

© de Matilde Neruda

Todos os direitos desta edição reservados a

L & PM Editores Ltda., Av. Nova Iorque, 506

90.000 - Porto Alegre

Rio Grande do Sul

Impresso no Brasil

Primavera de 1979

\*\*\*\*\*

Digitalização, Formatação e Correção: **Chuncho (LAVRo)** - 2018

\*\*\*\*\*





# PRÓLOGO

# TENDES QUE OUVIR-ME

Eu fui cantando errante,

entre as uvas

da Europa e

sob o vento,

sob o vento na Ásia.

O melhor das vidas

e a vida,

a doçura terrestre,

a paz pura,

fui recolhendo, errante,

recolhendo.

O melhor de uma terra

e outra terra

levantei em minha boca

com meu canto:

a liberdade do vento,

a paz entre as uvas.

Pareciam os homens

inimigos,

mas a mesma noite  
os cobria  
e era uma só claridade  
que os despertava:  
a claridade do mundo.  
Eu entrei nas casas quando  
comiam na mesa,  
vinham das fábricas,  
riam ou choravam.  
Todos eram iguais.  
Todos tinham olhos  
para a luz, buscavam  
os caminhos.  
Todos tinham boca,  
cantavam  
para a primavera.  
Todos.  
Por isso  
eu busquei entre as uvas  
e o vento  
*o melhor dos homens.*  
*Agora tendes de ouvir-me.*

**I**

**AS UVAS DA EUROPA**

## I

# SÓ O HOMEM

Eu atravessei as hostis  
cordilheiras,  
entre as árvores passei a cavalo.  
O húmus deixou  
no chão  
sua alfombra de mil anos.  
As árvores se tocam na altura,  
na unidade trêmula.  
Embaixo, escura é a selva.  
Um vôo curto, um grito  
a atravessam,  
os pássaros do frio,  
os zorros de elétrica cauda,  
uma grande folha que tomba,  
e meu cavalo pisa o brando  
leito da árvore dormida,  
mas sob a terra  
as árvores de novo  
se entendem e se tocam.

A selva é uma só,  
um só grande punhado de perfume,  
uma só raiz sob a terra.  
As puas me mordiam,  
as duras pedras feriam meu cavalo,  
o gelo ia buscando sob minha roupa rasgada  
meu coração para cantá-lo e adormecê-lo.  
Os rios que nasciam  
diante de meus olhos desciam velozes  
e queriam matar-me.  
De repente uma árvore ocupava o caminho  
como se tivesse  
andado e então  
a houvesse derrubado  
a selva, e ali estava  
grande como mil homens,  
cheia de cabeleiras,  
pululada de insetos,  
apodrecida pela chuva,  
mas do fundo da morte  
queria deter-me.  
Eu saltei a árvore,

quebrei-a com o machado,  
acariciei suas folhas formosas como mãos,  
toquei as poderosas  
raízes que muito mais que eu  
conheciam a terra.

Eu passei sobre a árvore,  
cruzei todos os rios,  
a espuma me levava,  
as pedras me enganavam,  
o ar verde que criava  
joias a cada minuto  
atacava minha frente,  
queimava minhas pestanas.

Atravessei as altas cordilheiras  
porque comigo um homem,  
outro homem, um homem  
ia comigo.

Não vinham as árvores,  
não ia comigo a água  
vertiginosa que quis matar-me,  
nem a terra espinhosa.

Só o homem,



só o homem estava comigo.

Não as mãos da árvore,  
formosas como rostos, nem as graves  
raízes que conhecem a terra  
me ajudaram.

Só o homem.

Não sei como se chama.

Era tão pobre como eu, tinha  
olhos como os meus e com eles  
descobria o caminho  
para que outro homem passasse.

E aqui estou.

Por isso existo.

Creio

que não nos juntaremos na altura.

Creio

que sob a terra nada nos espera,  
mas sobre a terra  
vamos juntos.

Nossa unidade está sobre a terra.

## II

# O RIO

Eu entrei em Florença. Era  
de noite. Tremi escutando  
quase adormecido o que o doce rio  
me contava. Eu não sei  
o que dizem os quadros nem os livros  
(não todos os quadros nem todos os livros,  
só alguns),  
mas sei o que dizem  
todos os rios.  
Têm o mesmo idioma que tenho.  
Nas terras selvagens  
o Orinoco me fala  
e entendo, entendo  
histórias que não posso repetir.  
Há segredos meus  
que o rio levou,  
e o que me pediu lhe vou cumprindo  
pouco a pouco na terra.  
Reconheci na voz do Arno então

velhas palavras que buscavam minha boca,  
como o que nunca conheceu o mel  
e acha que reconhece seu sabor.

Assim escutei as vozes  
do rio de Florença,  
como se antes de ser me houvessem dito  
o que agora escutava:  
sonhos e passos que me uniam  
à voz do rio,  
seres em movimento,  
lances de luz na história,  
tercetos acesos como lâmpadas.

O pão e o sangue cantavam  
com a voz noturna da água.

### III

## A CIDADE

E quando no Palácio  
Velho,  
belo como um agave de pedra,  
subi os degraus gastos,  
atravessei os antigos aposentos,  
e saí para receber-me  
um operário,  
chefe da cidade, do velho rio,  
das casas cortadas como em pedra de lua,  
não me surpreendi:  
a majestade do povo governava.  
E olhei detrás de sua boca  
os fios deslumbrantes d  
a tapeçaria,  
a pintura que destas ruas tortuosas  
saí para mostrar a flor da beleza  
a todas as ruas do mundo.  
A cascata infinita  
que o magro poeta de Florença

deixou caindo sempre  
sem que possa morrer,  
porque de fogo rubro e água verde  
estão feitas suas sílabas.

Tudo por trás de sua cabeça operária  
eu divisei. Mas não era,  
detrás dele, a auréola  
do passado seu esplendor:  
era a simplicidade do presente.

Como um homem,  
desde o tear ou o arado,  
desde a fábrica escura,  
subiu os escadões  
com seu povo  
e no Velho Palácio, sem seda e sem espada,  
o povo, o mesmo  
que atravessou comigo o frio  
das cordilheiras andinas,  
estava ali. De repente,  
por trás de sua cabeça,  
vi a neve,  
as grandes árvores que na altura se uniram

e aqui, de novo  
sobre a terra,  
me acolhia com um sorriso  
e me dava a mão,  
a mesma  
que me mostrou o caminho  
lá longe nas ferruginosas  
cordilheiras hostis que venci.  
E aqui não era a pedra  
convertida em milagre, nem a luz  
procriadora, nem o benefício azul da pintura,  
nem todas as vozes do rio,  
os que me deram a cidadania  
da velha cidade de pedra e prata,  
mas um operário, um homem,  
como todos os homens.  
Por isso creio  
cada noite no dia,  
e quando tenho sede creio na água,  
porque creio no homem.  
Creio que vamos subindo  
o último degrau.

Dali veremos

a verdade repartida,

a simplicidade implantada na terra,

o pão e o vinho para todos.

## IV

### DESVIANDO O RIO

Foi no verão da Romênia, aço  
verde dos pinhais para o mar,  
e para o mar descobri que caminhava um rio:  
o Danúbio amarelo da Romênia.  
Mas não caminhava  
por desígnio de rio,  
mas porque o homem ia-lhe abrindo leito.  
O homem o empurrava,  
o atacava com mãos violentas  
que socavavam a terra.  
A dinamite levantava  
um ramo de fumo de cor violeta.  
Estremecia a cintura  
do rio, e caminhava.  
Por outras regiões marchava.  
Sem querer ia andando,  
fertilizando areias,  
parindo fruta e trigo.  
O rio não queria,



mas, por trás, o homem  
o empurrava,  
açoitava-lhe as ancas,  
golpeava-o na espuma,  
frenava-o e vencida,  
e para o outro lado do mar marchava o rio  
e com o rio marchava a vida.

Eu vi os rapazes manchados  
de pó e suor, pequeninhos  
diante da terra hostil e estéril,  
orgulhosos e pequeninhos,  
abrindo o caminho do rio,  
e mostrando-me a central  
futura da força, quando  
a água desse luz  
naquelas regiões negras.

Vi-os, toquei-os. Eu creio  
que os grandes deuses de antanho  
se assemelhavam aos meninos  
sorridentes que dirigiam  
o curso amarelo do rio  
para que amanhã amanheçam

as novas uvas na terra.

## V

# OS FRUTOS

Doces oliveiras verdes de Frascati,  
polidas como puros mamilos,  
frescas como gotas de oceano,  
reconcentrada, terrenal essência!

Da velha terra  
sulcada e cantada,  
renovados em cada primavera,  
com a mesma argamassa  
dos seres humanos,  
com a mesma matéria  
de nossa eternidade, perecíveis  
e nascedores, repetidos  
e novos, olivais  
das secas terras da Itália,  
do generoso ventre  
que através da dor  
continua parindo delícia.

Aquele dia a oliveira,  
o vinho novo,

a canção de meu amigo,  
meu amor à distância,  
a terra umedecida,  
tudo tão simples,  
tão eterno  
como o grão de trigo,  
ali em Frascati  
os muros perfurados  
pela morte,  
os olhos da guerra nas janelas,  
mas a paz me recebia  
com um sabor de azeite e vinho,  
enquanto tudo era simples como o povo  
que me entregava  
seu tesouro verde:  
as pequenas oliveiras,  
frescor, sabor puro,  
medida deliciosa,  
mamilo do dia azul,  
amor terrestre.

## VI

### AS PONTES

Novas pontes de Praga, nascestes  
na velha cidade, rosa e cinza,  
para que o homem novo  
passe o rio.

Mil anos gastaram os olhos  
dos deuses de pedra  
que da velha Ponte Carlos  
viram ir e vir e não voltar  
as velhas vidas,  
de Malá Strana os pés que para Morávia  
se dirigiram, os pesados  
pés do tempo,  
os pés do velho cemitério judeu  
sob vinte capas de tempo e pó  
passaram e dançaram sobre a ponte,  
enquanto as águas cor de fumo  
corriam do passado, para a pedra.  
Moldava, pouco a pouco  
te ias fazendo estátua,

estátua cinzenta de um rio que morria  
com sua velha coroa de ferro na frente,  
mas de repente o vento  
da história sacode  
teus pés e teus joelhos,  
e cantas, rio, e danças, e caminhas  
com uma nova vida.

As usinas trabalhavam de outro modo.

O retrato esquecido  
do povo nas janelas  
sorri saudando,  
e eis aqui agora  
as novas pontes:  
a claridade as enche,  
sua retidão convida  
e diz: “Povo, adiante,  
para todos os anos que vêm,  
para todas as terras do trigo,  
para o tesouro negro da mina  
repartido entre todos os homens”.

E passa o rio  
sob as novas pontes

cantando com a história

palavras puras

que encherão a terra.

Não são pés invasores os que cruzam

as novas pontes, nem os terríveis carros

do ódio e da guerra:

são pés pequenos de meninos, firmes

passos de operário.

Sobre as novas pontes

passas, oh primavera,

com tua cesta de pão e teu vestido novo,

enquanto o homem, a água, o vento

amanhecem cantando.

## VII

### PICASSO

Em Villauris em cada casa  
há um prisioneiro.  
É o mesmo sempre.  
É o fumo.  
Às vezes o vigiam  
pais de sobranceiras brancas,  
moças de cor de aveia.  
Quando passas  
notas que os guardiões  
do fumo  
adormeceram,  
e pelos telhados, entre vasilhas quebradas,  
uma conversa azul  
entre o céu e o fumo.  
Mas no lugar em que trabalha  
em liberdade o fogo,  
e o fumo é uma rosa de alcatrão  
que tingiu de negro as paredes,  
ali Picasso,



entre as linhas e o inferno,  
com seu pão de barro,  
cozendo-o,  
polindo-o, rompendo-o  
até que o barro se torne cintura,  
pétala de sirena,  
guitarra.de ouro úmido.

E então com um pincel o lambe,  
e o oceano vem  
ou a vindima.

O barro entrega seu cacho oculto  
e por fim imobiliza sua anca calcárea.

Depois Picasso volta a sua oficina.

Os pequenos centauros que o esperam  
crescem, galopam.

O silêncio nasceu  
nos ubres  
da cabra de ferro.

E outra vez Picasso em sua gruta  
entra ou sai deixando  
paredes arranhadas,  
estalactites vermelhas

ou pisadas genitais.

E durante as horas que seguem

fala com o barbeiro.

## VIII

### EHRENBURG

Quantos cães hirsutos,  
focinhos de ponta brilhante,  
rabos por trás de um móvel,  
e logo mais pêlos,  
mechas cinzentas, olhos  
mais velhos que o mundo,  
e uma mão  
sobre o papel,  
implantando a paz,  
derrubando mitos,  
vomitando fogo e silvando,  
ou falando de simples amor  
com a ternura  
de um pobre padeiro.  
É Ehrenburg.  
É sua casa  
em Moscou.  
Ai quantas vezes,  
fechado em sua casa,

pensei que não tinha paredes.

Ali entre quatro muros

o rio da vida,

o rio humano

entra e sai deixando

vidas, feitos, combates,

e o antigo Ehrenburg,

o jovem Ilya,

com este rio de terras e vidas

recolhe aqui e além

fragmentos, chispas,

ondas, beijos, chapéus,

e elabora

como um bruxo.

Tudo deita em seu forno,

de dia e de noite.

Dali saltam metais,

saltam espadas rubras,

grandes pães de fogo,

saltam vagas de ira,

bandeiras,

armas para dois séculos,

ferro para milhões,  
e ele muito tranquilo,  
hirsuto,  
com suas mechas cinzentas,  
fumando e cheio  
de cinza.

De quando em quando  
sai do forno  
e quando julgas  
que te vai fulminar,  
o vês andando,  
sorridente,  
com as mais enrugadas calças do mundo:  
vai plantar um jasmim  
em sua casa de campo:  
abre o vão,  
mete as mãos,  
como se fossem de seda  
trata as raízes,  
as enterra,  
as rega,  
e então com passinhos curtos,

com cinza, com barro, com folhas,  
com jasmim, com história,  
com todas as coisas do mundo  
sobre os ombros,  
afasta-se fumando.  
Se queres saber algo de jasmins,  
escreve-lhe uma carta.

## IX

### PALAVRAS À EUROPA

Eu, americano das terras pobres,  
das metálicas mesetas,  
onde o golpe do homem contra o homem  
se reúne ao da terra sobre o homem.

Eu, americano errante,  
órfão dos rios e dos  
vulcões que me procriaram,  
a vós, simples europeus  
das ruas tortuosas,  
humildes proprietários da paz e o azeite,  
sábios tranquilos como o fumo,  
eu vos digo: aqui vim  
aprender de vós,  
de uns e outros, de todos,  
porque de que me serviria  
a terra, para que se fizeram  
o mar e os caminhos,  
senão para ir olhando e aprendendo  
de todos os seres um pouco.

Não me fecheis a porta  
(como as portas negras, salpicadas de sangue  
de minha materna Espanha).

Não me mostreis a gadanha inimiga  
nem o esquadrão blindado,  
nem as antigas forcas para o novo ateniense,  
nas amplas vias gastas  
pelo resplendor das uvas.

Não quero ver um soldadinho morto  
com os olhos comidos.

Mostra-me de uma pátria a outra  
o infinito fio da vida  
cosendo o traje da primavera.

Mostra-me uma máquina pura,  
azul de aço sob o grosso azeite,  
lesta para avançar nos trigais.

Mostra-me o rosto cheio de raízes  
de Leonardo, porque esse rosto  
é vossa geografia,  
e no alto dos montes,  
tantas vezes descritos e pintados,  
vossas bandeiras juntas



recebendo  
o vento eletrizado.  
Trazei água do Volga fecundo  
à água do Arno dourado.  
Trazei sementes brancas  
da ressurreição da Polônia,  
e de vossas vinhas levai  
o doce fogo rubro  
ao norte da neve!  
Eu, americano, filho  
das mais largas solidões do homem,  
vim aprender a vida de vós  
e não a morte, e não a morte!  
Eu não cruzei o oceano,  
nem as mortais cordilheiras,  
nem a pestilência selvagem  
das prisões paraguaias,  
para vir ver  
junto aos mirtos que só conhecia  
nos livros amados,  
vossas órbitas sem olhos e vosso sangue seco  
nos caminhos.

Eu ao mel antigo e ao novo,  
esplendor da vida, vim.

Eu a vossa paz e a vossas portas,  
a vossas lâmpadas acesas,  
a vossas bodas vim.

A vossas bibliotecas solenes  
de tão longe vim.

A vossas fábricas deslumbrantes  
chego a trabalhar um momento  
e a comer entre os trabalhadores.

Em vossas casas entro e saio.

Em Veneza, na Hungria a bela,  
em Copenhague me vereis,  
em Leningrado, conversando  
com o jovem Pushkin, em Praga  
com Fucik, com todos os mortos  
e todos os vivos, com todos  
os metais verdes do Norte  
e os cravos de Salerno.

Eu sou a testemunha que vem  
visitar vossa morada.

Oferecei-me a paz e o vinho.

Amanhã cedo me vou.

Me está esperando em toda parte a primavera.

## **II**

# **O VENTO NA ÁSIA**

# I

## VOANDO PARA O SOL

Desde as extensões enrugadas  
do Norte, Noroeste, fui voando  
até Pequim alaranjado e verde.  
Yennan sob meu voo  
era uma só casca amarela  
de lua mineral e de vazio.  
Os motores e o vento,  
o sol aéreo,  
saudaram a terra sagrada,  
as covas desde onde  
a liberdade acumulou sua pólvora.  
Já os heróis não estavam  
entre as cicatrizes da terra:  
sua semente  
alta e livre crescia  
debulhada e reunida.  
Ardia a pele seca  
do deserto de Gobi, as regiões  
das fronteiras lunares,

os ramos arenosos  
de teu largo mundo, China,  
até que o vôo baixo  
decifrou as campinas,  
as águas, os jardins,  
e de repente em tua margem,  
Pequim, antigo e novo,  
me recebeste. Então  
rumor de terra e trigo e primavera,  
passos nos caminhos,  
ruas povoadas até o infinito,  
como se reunisses  
num copo puro  
todo o rumor da água  
para mim levantaste  
as vidas de teu povo:  
os agudos silvados,  
os ruídos do aço,  
tremor de céu e seda.  
Eu levantei em meu copo  
tuas numerosas vidas  
e o antigo silêncio.

Era o dom que me davas, uma força  
de antiga pedra que canta,  
de velho rio que fecunda  
a jovem primavera.

Vislumbrei de repente  
a velha árvore do mundo  
coberta de flores e frutas.

Ouvi de repente  
o rio da vida  
passar cumulado e firme  
de idiomas cristalinos.

Bebi em teu antigo copo  
a dura transparência,

o novo dia:

sabor de estrela e terra se fundiram

em minha boca. E divisei teu rosto entre os rostos,

antiga e jovem mãe

sorridente,

semeando com teu traje de guerrilha,

e resguardando o trigo

e a paz de teu povo

com teu sorriso armado

e tua doçura de aço.



## II

### O DESFILE

Diante de Mao Tse-Tung

o povo desfilava.

Não eram aqueles

famintos e descalços

que desceram

as áridas gargantas,

que viveram em covas,

que comeram raízes,

e que quando baixaram

foram vento de aço,

vento de aço de Yennan e o Norte.

Hoje outros homens desfilavam,

sorridentes e seguros,

decididos e alegres,

pisando fortemente a terra libertada

da pátria mais larga.

E assim passou a jovem orgulhosa,

vestida de azul operário, e junto a seu sorriso,

como uma cascata de neve,

quarenta mil bocas têxteis,  
as fábricas de seda que marcham e sorriem,  
os novos construtores de motores,  
os velhos artesãos do marfim,  
andando, andando  
diante de Mao,  
toda reunida a China, grão a grão,  
de férreos cereais,  
e a seda escarlate palpitando no céu  
como as pétalas enfim conjugadas  
da rosa terrestre,  
e o grande tambor pesava  
diante de Mao,  
e um trovão escuro  
dele subia  
saudando-o.

Era a voz antiga  
da China, voz de coro,  
voz de tempo enterrado,  
a velha voz, os séculos  
o saudavam.

E então como uma árvore

de flores repentinas  
os meninos,  
aos milhares,  
saudaram, e assim  
os novos frutos e a velha terra,  
o tempo, o trigo,  
as bandeiras do homem por fim reunidas,  
ali estavam.

Ali estavam, e Mao sorria  
porque lá das alturas  
sedentas do Norte  
nasceu este rio humano,  
porque das cabeças  
de moças  
cortadas pelos norte-americanos  
(ou por Chiang, seu lacaio),  
nas praças,  
nasceu esta vida enorme.

Porque do ensinamento do Partido,  
em pequeninos livros mal impressos,  
saiu esta lição para o mundo.

Sorria, pensando

nos ásperos anos  
passados,  
a terra cheia de estrangeiros, fome  
nas humildes choças,  
o Yang Tsé mostrando em seu lombo  
os répteis de aço  
encouraçados  
dos imperialistas invasores,  
a pátria saqueada  
e hoje, agora,  
limpa a terra,  
a vasta China límpida,  
e pisando o seu.  
Respirando a pátria  
desfilavam os homens  
diante de Mao  
e com sapatos novos  
golpeavam a terra, desfilando,  
enquanto o vento nas bandeiras vermelhas  
brincava e no alto  
Mao Tse-Tung sorria.

### III

## DANDO UMA MEDALHA

## À MADAME SUN YAT SEN

Esta medalha que Ehrenburg te deixou no peito  
é uma espiga de ouro da colheita do grande país da  
paz, da União Soviética.

Teu peito é digno desta espiga de ouro, Sung Sin Ling.

Nós te conhecemos daqueles tempos em que a China  
despertou,

e logo quando a China foi traída e martirizada,

uma vez mais pelos seus velhos inimigos,

e desde o primeiro dia te vemos quando a China

foi libertada na primeira fila, na vanguarda com os libertadores

Assim te vemos, querida amiga, ao chegar ao aeroporto:

pareceste-nos mais jovem de quanto pensamos e mais simples,

como teu povo que sofreu e combateu tanto

e que, na vitória, sorri e saúda todos os povos do mundo.

Nós, os homens da Latino-América, conhecemos

vossos inimigos.

Nosso continente tem toda a riqueza, o petróleo,

o cobre, o açúcar, o nitrato, o estanho,

mas tudo isto pertence a nossos inimigos, aos mesmos

que expulsastes para sempre.

Enquanto nossa gente dos campos e aldeias não tem

sapatos nem cultura,

eles levantaram, com o produto do saque, casas

de cinquenta andares em Nova York

e com nossas riquezas fabricaram as armas para

escravizar outros povos.

Por isso a vitória do povo chinês é nossa vitória.

Por isso a nova China é amada e respeitada

por todos os povos.

Uns quantos diplomatas em São Francisco e em Washington

não querem “reconhecer” a China Popular. Estes

senhores não sabem que existe.

Poderiam também não “reconhecer” a Terra e apesar

disso esta se move,

e se move para adiante, não para trás, como eles

quiseram.

Os senhores de São Francisco não “reconhecem”

à nova China,

mas poderiam fazer eles uma encosta ao longo da América

e se perguntassem a milhões de mineiros, de

camponeses, ao professor e ao poeta, ao velho e ao jovem,  
desde o Alaska até o Pólo Sul, teriam a resposta:

“Reconhecemos e amamos Mao Tse-Tung. É nosso  
grande irmão”.

Por isso, querida amiga da paz, Sung Sin Ling,  
esta espiga de ouro que lá da generosa terra de Stalin  
chegou a teu peito de mulher grande e simples,  
não chegou ali por casualidade ou capricho,

mas porque te amamos

e amamos a paz que defendes não só para teu povo,

mas para que todos os povos

se reconheçam e possam construir sua vida livremente.

## IV

# TUDO É TÃO SIMPLES

De manhã na aldeia  
os meninos e a luz me receberam.  
Os camponeses me mostraram todas  
suas terras conquistadas,  
a colheita comum,  
os celeiros, as casas  
do proprietário antigo.  
Mostraram-me o lugar  
em que as mães pobres  
despenteavam suas filhas,  
ou as vendiam, não faz tanto tempo,  
ai! não faz tanto tempo. Agora parece  
um sonho mau,  
a peste, a fome,  
os norte-americanos,  
os japoneses, os banqueiros  
de Londres e da França,  
todos vinham civilizar  
a China arrancando-lhe as entranhas,



vendendo-a  
nas Bolsas do Mundo,  
prostituindo-a em Shanghai.  
Queriam fazer dela  
um vasto cabaré para as tropas  
de desembarque, um lugar  
de seda e fome.  
Iam os esqueletos  
junto ao rio  
amontoando-se,  
as aldeias choravam  
fumaça negra  
e pestilência.  
“Aai!, como cabem  
na morte  
tantos mortos da China”,  
exclamava  
a senhora elegante  
lendo os jornais.  
Junto ao rio os mortos  
eram montanhas de cinza, a fome  
caminhava nas rotas da China

e em Nova York, Chiang Kai Chek  
adquiria edifícios  
em sociedade com Truman e Eisenhower.

Cheirava a esterco e ópio  
a antiga cidadela da melancolia.

Os cárceres  
se enchiam  
também de mortos.

Os estudantes eram degolados  
por um decreto norte-americano  
na praça do povo,  
e enquanto isso a revista *Life*  
publicava a foto  
de Mme. Chiang Kai Chek, cada vez  
mais elegante.

Afasta-te, mal sonho!

Afasta-te da China!

Afasta-te do mundo!

Vem comigo à aldeia!

Entro

e vejo os celeiros,

o sorriso

da China

libertada:

os camponeses

repartiram a terra.

Desde Yennan

desceu a liberdade

com pés descalços ou sapatos rotos

de campônio e soldado.

Oh liberdade da China,

és minha musa,

vais vestida de azul

num caminho

poeirento.

Não pudeste lavar-te

nem secar-te do sangue, mas marchas e marchas

e contigo

a terra escura marcha,

marcha a Bolívia esquecida

pela liberdade, marcha o Chile,

virá o Irã contigo,

entram contigo na aldeia,

com minha musa.

Mocinha vestida  
de azul guerreiro,  
musa do vento,  
das terras livres,  
a ti canto:  
ao cinturão de couro e a teu rifle,  
a tua boca seca,  
eu canto.

Musa minha,  
entra com fogo e pólvora  
em todas as ruas do mundo,  
entra com suor e sangue,  
já terás tempo  
de lavar-te, agora  
avança, avança, avança!

Tudo vi na aldeia  
da China libertada.

Nada a mim disseram.

Os meninos derramados  
não me deixavam transitar.

Comi seu arroz, suas frutas,  
bebi seu vinho de arroz pálido.

Tudo me mostraram  
com um orgulho  
que conheci na Romênia,  
que conheci na Polônia,  
que conheci na Hungria.  
E o orgulho novo  
do camponês que à luz do mundo  
de manhã,  
pela primeira vez vê a farinha,  
pela primeira vez olha as frutas,  
pela vez primeira vê crescer o trigo,  
e então  
ainda que seja mais velho que o mundo  
te mostra o arroz e as uvas,  
os ovos de galinha,  
e não sabe que dizer.

Tudo é seu  
pela vez primeira.

Todo o arroz,  
toda a terra,  
toda a vida.

Que fácil é quando se conseguiu

a felicidade, que simples

é tudo.

Quando tu e eu, amor meu, nos beijamos,

que simpleza é ser felizes.

Mas esqueces

quanto andaste

sem encontrar-me

e quantas vezes

te desviaste

até cair cansada.

E pois,

tu não sabias

que eu andava buscando-te

e que meu coração se ia desviando

à amargura

ou ao vazio.

Não sabíamos

que se marchássemos

adiante, adiante,

reto, reto,

sempre, sempre,

tu me encontradas

e eu te encontraria.

Vês, assim aos povos

lhes sucede:

não sabem,

não compreendem,

podem equivocar-se,

mas andam sempre

e se encontram,

se encontram a si mesmos,

como me encontraste,

e então

tudo parece simples,

mas não foi simples

andar às cegas.

Havia que aprender da vida,

do inimigo, da escuridão,

com seus textos,

e ali estava Mao ensinando

e ali estava o Partido

com sua severidade e sua ternura,

e agora rapazes chineses,

dos campos,

musa jovem,  
não esqueçamos:  
tudo parece simples  
como a água.  
Não é verdade.  
A luta não é a água,  
é o sangue.  
Vem de longe.  
Há mortos:  
nossos irmãos caídos.  
Todo o caminho  
está cheio de mortos  
Que não esqueceremos.  
E a aldeia  
não é simples,  
o ar não é simples,  
traz palavras,  
traz canções,  
traz rostos,  
traz dias passados,  
traz cárceres,  
traz muros



salpicados de sangue e agora

doce é a aldeia,

doce é a vitória.

Levantemos a taça

pela musa,

pelos que não esquecemos

e os que reconstroem,

pelos que caíram

e continuam vivendo

em toda parte,

porque largo é o mundo

e em toda parte sempre

caiu o sangue,

o mesmo:

nosso sangue.

Agora

entro na aldeia

do campo libertado

e doce é o ar

como nenhum

e respiro a vida,

a terra,

a vitória.

A terra, se estendemos  
sobre sua pele as mãos,  
é a mesma,  
aqui ou em Patagônia  
ou nas ilhas do mar.

A terra é sempre  
a mesma,  
e agora  
entrando em tua aldeia,  
olor de pão,  
olor de fumo,  
olor de trigo,  
cheiro de água e vinho,  
é minha terra,  
é toda a terra.

E então  
saudei com respeito  
o território antigo,  
sua beleza,  
sua agricultura unânime,  
seu rosto e pó e orvalho,

a liberdade brilhando  
no sorriso,  
e pensei em minhas margens,  
em minha bandeira,  
em minha areia, em minha espuma,  
em todas as minhas estrelas.

E assim nessa manhã  
da aldeia da China  
entrei cantando,  
porque meu coração  
se transformou em guitarra  
e todas as cordas ressoaram  
recordando minha terra,  
cantaram  
recordando a minha pátria,  
além, na América.

Quando alguma vez eu chegar  
à casa do povo  
em terra livre,  
tudo  
parecerá tão simples,  
tão singelo,

como o beijo que agora  
nos damos, amor meu.

## V

### AS CIGARRAS

Enchia a manhã da aldeia  
o outono estridente  
das cigarras sonoras.  
Me acerquei: as cativas  
em suas pequenas jaulas  
eram a companhia dos meninos,  
eram o violoncelo inumerável  
da pequena aldeia  
e da China o rumor  
e o movimento de ouro.  
Divisei apenas às prisioneiras  
em suas jaulas minúsculas  
de bambu fresco,  
mas quando voltei para partir,  
os camponeses  
puseram o castelo de cigarras  
em minhas mãos.  
Recordo em minha infância os peões  
do trem em que meu pai trabalhava,

os coléricos filhos  
da intempérie, apenas  
vestidos com farrapos,  
os rostos maltratados pela chuva ou a areia,  
as testas divididas  
por cicatrizes ásperas,  
e eles me levavam  
ovos empavonados de perdiz,  
escaravelhos verdes,  
cantáridas de cor de lua,  
e todo esse tesouro  
das mãos gigantes maltratadas  
às minhas mãos de menino,  
tudo isso  
me fez rir e chorar,  
me fez pensar e cantar,  
lá nos bosques  
chuvosos  
de minha infância.  
E agora  
estas cigarras  
em seu castelo de bambu oloroso,

do fundo da terra chinesa,  
rascando sua estridente  
nota de ouro,  
chegavam às minhas mãos  
de mãos batizadas pela pólvora  
que conquistou a liberdade, chegavam  
lá das amplas terras  
libertadas,  
mas eram as mãos do povo,  
as grandes mãos,  
que nas minhas deixavam  
seu tesouro.

Eu recordei minha infância  
e quando pela terra  
fui medindo  
e cantando,  
mas nada,  
nada  
como isto,  
este tesouro vivo.

E então comigo andaram,  
me acompanharam

durante meus dias de China.

Na manhã, em minha peça de hotel,

trinta cigarras

diziam meu nome

com um som agudo

de aço verde

e eu lhes dava folhas

que comiam,

tirando de suas jaulas pequenas máscaras

de guerreiros pintados, e na tarde,

quando nas vastas terras

o sol tombava,

um dia mais havia afirmado na pátria

a liberdade do povo.

Em minha janela

as cigarras com uma só voz

metálica

cantavam

para os campos,

para os meninos,

para as outras cigarras,

para as folhas e para as colheitas,



para toda a terra:  
despediam o dia  
com a altura incrível de seu canto,  
e assim, de minha janela,  
de dia e de noite,  
te saudava, China,  
uma voz da terra  
que as mãos do povo  
me entregaram,  
uma multiplicada voz que vai cantando  
comigo, nos caminhos.

## VI

### CHINA

China, por muito tempo nos mostraram tua efígie  
pintada especialmente para ocidentais:

eras uma velhinha enrugada,

infinitamente pobre,

com uma tigela vazia de arroz

na porta de um templo.

Entravam e saíam os soldados

de todos os países,

o sangue salpicava as paredes,

te saqueavam como a casa sem dono,

e davas ao mundo um aroma estranho,

mescla de chá e cinza,

enquanto na porta do templo com teu prato

vazio, nos fitavas com teu olhar antigo.

Em Buenos Aires se vendia teu retrato

feito especialmente para senhoras cultas,

e nas conferências tuas sílabas mágicas

surgiam de repente como luz enterrada.

Todos sabiam algo das dinastias

e ao dizer Ming ou Celadom franziam os lábios  
como se comessem um morango,  
e assim querias que para nós fosses  
uma terra sem homens, uma pátria  
onde o vento entrava pelos templos vazios  
e saía cantando, só, pelas montanhas.

Queriam que acreditássemos  
que dormias,  
que dormirias com um sonho eterno,  
que eras a “misteriosa”,  
intraduzível, estranha,  
uma mãe mendiga com farrapos de seda,  
enquanto isso de cada um de teus portos  
se afastavam os barcos carregados de tesouros  
e os aventureiros entre si disputavam  
tua herança: minerais  
e marfins, planejando,  
depois de sangrar-te, como levariam  
um bom barco carregado com teus ossos.

## VII

### A GRANDE MARCHA

Mas ocorria algo no mundo.

Teu retrato não nos satisfazia.

Era formosa tua pobre majestade,

mas não nos bastava.

A bandeira soviética ondulava

beijada pela pólvora

entre os corações dos homens.

Tu, China, nos faltavas, e através dos mares

ouvimos de repente que a voz do vento

já não cantava só por teus largos caminhos.

Incorpora-se Mao

e ao longo da China

e ao longo

de tantos sofrimentos,

vimos subir seus ombros

envoltos pela aurora.

De longe, da América, a cuja margem

meu povo escuta cada onda do mar,

vimos surgir sua tranqüila cabeça,

e seus sapatos dirigirem-se rumo ao Norte.

Para Yennan com poeirento traje

se encaminha seu grave movimento:

e vimos desde então que as nuas terras

da China lhe entregavam homens,

pequenos homens, enrugados velhos,

sorrisos infantis.

Vimos a vida.

Não estava só o velho território.

Não era a lua de água

enchendo a espectral arqueologia.

De cada pedra um homem,

um novo coração com um fuzil,

e te vimos povoada, China, pelos teus soldados,

pelos teus, enfim, comendo pasto,

sem pão, sem água, andando o comprido dia

para que a aurora pudesse nascer.

## VIII

### O GIGANTE

Não eras mistério, nem jade celeste.  
Eras como nós, povo puro,  
e quando pés descalços e sapatos,  
camponês e soldado, na distância  
marcharam defendendo  
tua inteireza, vimos o rosto,  
vimos as mãos  
do que trabalha o ferro, nossas mãos,  
e no longo caminho distinguimos  
os nomes de teu povo: eram os nossos.  
Soavam de outro modo, mas sob  
as sílabas agudas,  
eram por fim os rostos e os passos  
que com Mao marchavam  
através do deserto e da neve  
para preservar o germe  
de nossa própria primavera.

Alto estava o gigante medindo passo a passo  
seu arroz, seu pão, sua terra, sua morada,

e foi reconhecido pelos povos do mundo:

“Como crescestes de repente, irmão”.

Mas também o fitou o inimigo.

Cá dos bancos cinzentos de Nova York e a City

as algibeiras que ali se alimentam de sangue

se disseram com medo: Quem é este?

O tranquilo gigante não respondeu: Olhava

as largas terras duras da China. Recolhia

com uma só mão todo o pesadume

e a miséria, e com a outra

mostrava o vermelho trigo de manhã,

tudo o que a terra entregaria,

e no seu grande rosto foi crescendo

um sorriso que ondulava ao vento,

um sorriso como um cereal,

um sorriso como estrelas de ouro

sobre todo o sangue derramado.

E assim se levantaram suas bandeiras.

Já os povos te viram limpar tua vasta terra,

unidade, furacão na ameaça,

martelo sobre o mal, luz vencedora

sobre o velho inimigo, vitoriosa.





## IX

### PARA TI AS ESPIGAS

República, estendeste  
teus amplos braços por todo teu corpo  
e fundaste a paz em teu destino!  
Os perversos que vêm de mais além do mar  
para saquear tua existência, foram bem recebidos,  
e rumo à Formosa acorrentada voam  
para alimentar o ninho de escorpiões.  
Logo desceram à Coréia. Sangue  
e pranto e destruição, sua acostumada  
tarefa: paredes vazias e mulheres mortas,  
mas de repente um dia  
chegou o baluarte de teus voluntários  
para cumprir a sagrada fraternidade do homem.

De mar a mar, de terra a neve,  
todos os homens te contemplam, China.

Que poderosa irmã jovem nos nasceu!

O homem nas Américas, inclinado em seu sulco, rodeado pelo metal de sua  
máquina ardente,

o pobre dos trópicos, o valente

mineiro da Bolívia, o largo operário  
do profundo Brasil, o pastor  
da Patagônia infinita,  
te olham, China Popular, te saúdam  
e comigo te enviam este beijo em tua fronte.  
Não és para nós o que quiseram: a imagem  
de uma mendiga cega junto ao templo,  
mas uma forte e doce capitã do povo,  
ainda com tuas vitoriosas armas em uma das mãos,  
com um crescente ramo de espigas no peito  
e sobre tua cabeça  
a estrela de todos os povos!

# **III**

## **REGRESSOU A SIRENA**

## I

# EU CANTO E CONTO

Desde o estio báltico,  
azul aço, âmbar e espuma,  
até onde os Cárpatos coroam  
as fontes da Polônia  
com os diademas pálidos da Europa,  
eu atravessei a terra  
dos martírios e dos nascimentos,  
a pele esquartejada,  
o infinito trigo que renasce,  
as grutas do carvão, e me mostraram  
antigo sangue na neve,  
rascando as campinas,  
o homem e sua cozinha sepultados,  
o menino e seu pequeno carrinho,  
a flor sobre os ossos da mãe.  
Testemunha destes dias  
sou e sinto e canto  
e não há cordas de ouro  
para mim neste tempo.

A harpa e sua doçura se queimaram  
com o incêndio do mundo  
e para contar e cantar ressurreições  
vim.

Recebei-me  
e vede o que eu tiro da terra arrasada,  
um fragmento de violino, um anel morto  
e o esquecimento.

Aceitai o que trago,  
canto e conto,  
porque não só sangue submerso,  
ruína, pranto e cinza,  
vêm comigo agora.

Trago em meu saco de viagem  
a chuva cinza do Norte:  
sobre novas sementeiras  
cai e cai,  
e o pão imenso cresce  
como nunca na terra.

O martelo bate,  
a pá sobe e desce,  
soam as pedras nas construções,

sobe a vida.

Oh Polônia, oh amor,

oh primavera,

vens comigo

para que eu te mostre

contando e cantando

por todos os caminhos,

e no fundo,

mais além dos mortos,

canta e conta a vida,

porque isso é o canto e a conta,

o que me ensinaste,

Polônia, e o que ensino:

a fé na vida, mais profunda

quando de mais longe vim,

da morte,

a fé no homem quando pôde triunfar

do próprio homem,

a fé na casa quando pôde nascer

da cinza imensa,

a fé no canto que se pôde cantar

quando já não havia boca!

Polônia, me ensinaste a ser  
de novo  
e a cantar de novo,  
e isto é o que o viandante com guitarra  
tira do saco e o mostra cantando:  
a flor indestrutível  
e a nova esperança,  
as antigas dores sepultadas  
e a reconstrução da alegria.

## II

### PRIMAVERA NO NORTE

Eu percorri a primavera  
verde e abrasadora  
da Polônia.  
Tremiam na luz os cereais  
da abundância, o leite deslizava  
um rio branco  
para o mar  
lá da agricultura coletiva,  
os campos úmidos, olor de chão,  
flores como relâmpagos azuis  
ou pontuações rápidas de sangue.  
Desde o inverno longo os pinhais  
moviam seus costados de navio  
como embarcando na primavera,  
e debaixo, na sombra turbadora,  
os morangos entreabriam suas hastes.  
O ar era metálico,  
um ar novo de ressurreição,  
porque não só o bosque,



o mar, a terra,  
mas o homem,  
ali ressuscitavam.

Ali o dilúvio foi de sangue,  
a arca clandestina da luta  
navegou entre os mortos.

Por isso a violenta primavera  
da Polônia tinha  
sabor ferruginoso  
para minha boca, era  
um elétrico líquido,  
o beijo da terra,  
o coração do homem  
na taça estrelada da vida!

### III

## AS RUÍNAS NO BÁLTICO

Gdansk, atormentado pela guerra,  
rosa despedaçada,  
como espectro entre espectros,  
entre o cheiro marinho  
e o alto céu branco,  
andei entre tuas ruínas,  
entre pedaços de prata alaranjada.  
A névoa entrou comigo,  
os vapores glaciais,  
e errante  
desenlacei as ruas  
sem casas e sem homens.  
Eu conheço a guerra  
e esse rosto sem olhos e sem lábios,  
essas janelas mortas  
as conheço,  
vi-as em Madri, em Berlim, em Varsóvia,  
mas esta gótica nave  
com sua cinza de tijolos vermelhos

junto ao mar, na porta  
das antigas viagens,  
esta figura mercantil de proa,  
balandra verde dos mares frios,  
com suas dilacerantes aberturas,  
seus muros em munhões,  
seu orgulho demolido,  
me entraram na alma  
com rajadas de neve, pó e fumo,  
algo enceguecedor, desesperado.  
A casa das agremiações  
com seus sinais caídos,  
os bancos em que o ouro tilintava  
tombando na garganta da Europa,  
os molhes vermelhos  
onde um rio  
de cereais trouxe  
como uma onda terrestre  
o olor do verão,  
tudo era pó, montes  
de matéria desfeita,  
e o vento do Báltico férreo

voando no vazio.

Vi com meus olhos

pulular o rocio da onda

na ressurreição das carenas,

das proas bordadas

pelo homem recém-desenterrado.

Vislumbrei

como nascia um porto,

mas não das águas e as terras

lavadas e lustradas,

mas da catástrofe.

E eu te vi, titânica pomba,

branca e azul, marinha,

nascer e levantar-te

voando firme e forte

lá da destruição emaranhada

e da sangrenta solidão

do vento e as cinzas!

## IV

### CONSTRUINDO A PAZ

Mas a vida

ali também estava.

Em outra parte e outras horas

de minha vida, a morte

me esperou nas esquinas.

Aqui a vida espera.

Vi em Gdansk a vida

repovoando-se.

Beijaram-me

os motores com lábios de aço.

A água trepidava.

Avistei majestosas

passar como castelos sobre a água

as gruas de ferro marinho,

recém-reconstruídas.

Vi o gigantesco

novelo machucado

do ferro sobre o ferro

bombardeado

dar à luz pouco a pouco  
a forma das cruas,  
e despertar do fundo da morte  
a majestade azul do estaleiro.

## V

# OS BOSQUES

Para os bosques frios e os lagos  
do Norte verde,  
as águas masurianas,  
entrando em toda parte,  
tanques amplos invadidos  
pelo pálido céu,  
lagoas como agulhas,  
todas as formas plácidas da água  
ali ficaram como se uma estrela  
se houvesse destroçado  
ou lua verde em gotas  
caindo da altura.

Formoso é o ar, e o vento  
penteia as eriçadas cabeleiras  
dos pinhais acerados.

Formoso é o ar, fresco  
e azul sob os pinheiros.

De repente o vento traja  
seu trêmulo vestido

de oxigênio e agulhas.  
Solene é o vento na selva.  
Faz pequenos ruídos  
como cartas que tombam,  
ou ressoa com um pranto de garrafa  
ou brita pedras, busca  
fragmentos de madeira  
que arrasta com mãos de pai  
ou sopra e sobe  
de uma árvore a outra  
espantando os pássaros.  
Formoso é o vento do Norte,  
irmão da neve,  
na profundidade dos pinhais.  
E marchou sem chapéu.  
Em minha cabeça o ar  
me coroa de frio,  
novos lábios me mordem.  
Entro cantando  
no frescor verde  
como num alto oceano.  
Canto



e piso a erva  
recém-condecorada  
com pequenas estrelas amarelas.  
Formoso Norte de largos ombros,  
de lagos e pinhais,  
te saúdo:  
deixa-me respirar-te,  
andar entre os pinheiros e as águas  
cantando e silvando  
e descansar em tua molhada alfombra  
como uma árvore caída  
sob teu sonho verde.

## VI

### REGRESSOU A SIRENA

Amor, como se um dia  
morresses,  
e eu cavasse  
e eu cavasse  
noite e dia  
em teu sepulcro  
e te recompusesse,  
levantasse teus seios desde o pó,  
a boca que adorei, de suas cinzas,  
construísse de novo  
teus braços e tuas pernas e teus olhos,  
tua cabeleira de metal torcido,  
e te desse a vida  
com o amor que te ama,  
te fizesse andar de novo,  
palpitar outra vez em tua cintura,  
assim, amor, levantaram de novo  
a cidade de Varsóvia.  
Eu chegaria cego em tuas cinzas

mas te buscaria,  
e pouco a pouco irias elevando  
os edifícios doces de teu corpo,  
e assim encontraram eles  
na cidade amada  
só vento e cinza,  
fragmentos arrasados,  
carvões que choravam na chuva,  
sorrisos de mulher sob a neve.  
Morta estava a formosa,  
não existiam janelas,  
a noite se encostava sobre a branca morta,  
o dia iluminava a campina vazia.  
E assim a levantaram,  
com amor, e chegaram  
cegos e soluçantes,  
mas cavaram fundo,  
limparam a cinza.  
Era tarde, a noite,  
o cansaço, a neve  
detinham a pá,  
e eles cavando acharam

primeiro a cabeça,  
os alvos seios da doce morta,  
seu traje de sirena,  
e por fim o coração sob a terra,  
enterrado e queimado mas vivo,  
e hoje pulsa vivo, palpitando no meio  
da reconstrução de sua beleza.

Agora compreendes como  
o amor construiu as avenidas,  
fez cantar a lua nos jardins.

Hoje quando  
pétala a pétala tomba a neve  
sobre os telhados e as pontes  
e o inverno bate  
as portas de Varsóvia,  
o fogo, o canto  
vivem de novo nos lares  
que edificou o amor sobre a morte.

Ai daqueles que fugiram e creram  
escapar com a poesia:  
não sabem que o amor está em Varsóvia,  
e que quando a morte

ali foi derrotada,  
e quando o rio passa,  
reconhecendo seres e destinos,  
como duas flores de perfume e prata,  
cidade e poesia,  
em suas cúpulas claras  
guardam a luz, o fogo e o pão de seu destino.

Varsóvia milagrosa,  
coração enterrado  
de novo vivo e livre,  
cidade em que se prova  
como o homem é maior  
que toda a desventura,

Varsóvia, deixa-me  
tocar teus muros.

Não estão feitos de pedra ou de madeira,  
de esperança estão feitos,  
e o que tocar queira a esperança,  
matéria firme e dura,  
terra tenaz que canta,  
metal que reconstrói,  
areia indestrutível,

cereal infinito,  
mel para todos os séculos,  
martelo eterno,  
estrela vencedora,  
ferramenta invencível,  
cimento da vida,  
a esperança,  
que aqui a toquem,  
que aqui sintam nela como sobe  
a vida e o sangue de novo,  
porque o amor, Varsóvia,  
levantou tua estátua de sirena  
e se toco teus muros,  
tua pele sagrada,  
compreendo  
que és a vida e que nos teus muros  
morreu, por fim, a morte.

## VII

### CANTA A POLÔNIA

A guerra ali no fundo  
dos grandes bosques,  
a guerra junto à água  
lenta e multiplicada  
saiu para insultar-me, no meio  
da paz  
no reino silvestre:  
ali estava.

Goering havia deixado  
seus cubos de cimento.  
Ali estava a horrível arquitetura  
inumana, angulosa,  
ranhuras entreabertas  
como olhos de réptil, formas nuas  
da crueldade, ali, escondido,  
nas novas covinhas das feras  
planejaram o ataque  
contra a luz soviética.

Ali do fundo da sombra

atacaram a estrela  
reunindo toda força repulsiva,  
unindo os vermes e o veneno,  
as chamas destruidoras,  
os planos da morte.

Já o bosque ia cobrindo  
com seu esplendor obscuro  
os sinais malignos,  
mas ali agazapados os fortins,  
as redes rotas que os escondiam  
eram a voz do metal terrível,  
a boca desdentada da guerra.

Como hoje nas tranquilas salas claras  
dos colégios militares  
da América do Norte,  
com obstinada precisão se estuda  
o poder do micróbio  
para que às aldeias  
entre com sua carga de vômitos  
e assassine os meninos com a água,  
assim os pensamentos do incêndio  
e do assassinato se incubaram



nestas grutas dos bosques frios.

Mas a onda assassina se deteve

contra um muro de pedra:

a unânime muralha

do socialismo, o peso

do punho de Stalin,

e do Este nevado

voltou a paz ao bosque.

Os invasores que daqui saíram

não regressaram,

mas o ar luminoso

de Stalingrado veio,

atravessou os bosques da Polônia,

abriu as portas

do invasor sanguinário

e crescem desde então

as lianas no bosque,

a água espera as folhas que caem,

os esquilos elétricos

dançam com traje novo.

Denso é o ar como um líquido

que enchesse a taça da terra,

fundem-se meus passos no musgo  
como se caminhasse no esquecimento,  
um pedaço de lenha  
se encheu de aderências  
como um violino de música,  
as folhas tecem fios que atravessam  
de uma árvore a outra  
fiando o perfurado  
silêncio da selva.

Ao pé do bosque as campinas  
sentem nascer o trigo,  
mais além o carvão corre  
para o aço,  
as cidades se povoam,  
marcha o homem,  
marcham os homens,  
crescem as naves,  
de noite o céu mostra  
a Polônia com longa  
luz de estrelas  
dizendo: “Homens de todas  
as terras e os mares,

vede como cresce  
a filha do aço”.

E a lua se assombra  
porque no vazio  
de ontem, carbonizado,  
hoje um telhado devolve  
a doce luz noturna,  
o sol entra cedo  
nas padarias,  
senta-se nas escolas,  
vive a vida,  
constrói o homem,  
o braço duro enlaça  
um talhe de pomba.

Bom dia, Polônia!  
Boa noite, Polônia!  
Até amanhã, te amo!  
Bons dias e noites!  
Bons anos e séculos!

Te amo, Polônia, e de ti me despeço  
levando uma flor e deixando em tua testa  
um longo beijo que tomou a forma

de todos os meus beijos: de um canto.

**IV**

**O PASTOR PERDIDO**

## VOLTA ESPANHA

Espanha, Espanha coração violeta,  
me faltaste ao peito, tu me faltas  
não como falta o sol na cintura  
mas como o sal na garganta,  
como o pão nos dentes, como o ódio  
na colmeia negra, como o dia  
em cima dos sobressaltos da aurora,  
mas não é isso ainda, como o tecido  
do elemento visceral, profunda  
pálpebra que não fita e que não cede,  
terreno mineral, rosa de osso  
aberta em minha razão como um castelo.

A quem posso chamar senão à tua boca?

Tenho outros lábios que me representem?

Estás abandonada ou estou mudo?

Que significa tua calada esfera?

Aonde vou sem tua voz, areia mãe?

Que sou sem teu fanal crucificado?

Onde estou sem a água de tua rocha?

Que és tu se não me deste sangue?

Oh tormento! Recobra-me, recebe-me  
antes que meu nome e minhas espigas  
desapareçam na primavera.

Porque a tuas solidões iradas  
vai meu destino acorrentado, ao peso  
de tua vitória. A ti vou conduzido.

Espanha, és mais grave que uma data,  
que uma adivinhação, que uma tormenta,

e não importa a torre desapiedada  
de tua perdida voz, mas a dura  
resistência, a pedra que sustenta.

Mas por que, se sou areia tua,  
água em tuas águas, sangue em tuas feridas,  
hoje me recusas a boca que me chama,  
tua voz, a construção dê minha existência?

Peço ao que em teu ser é minha substância,  
a teu dilaceramento de facas,  
que se abram hoje, sobre a desventura,  
as iluminações de teu rosto,  
e te levantes, perfurando o céu,  
rompendo as trevas e os sinais,  
até surgir, farinha e alvorada,  
lua acesa sobre os ossários.

Matarás. Mata, Espanha, santa virgem,  
levanta-te empunhando a ternura  
como uma cega rosa desatada  
sobre as pedrarias infernais.



Vem a mim, devolve-me a torre  
que me roubaram,

devolve-me a língua

e o povo que me esperam, espanta-me  
com a unidade final de tua formosura.

Levanta-te em teu sangue e em teu fogo  
o sangue que deste, o primeiro,  
e o fogo, ninho de tua luz sagrada.

## I

### SE EU TE RECORDASSE

Espanha, não há lembranças

tuas, não és memória.

Se quero recordar

os acasos

ou o mercado amarelo

ou as ácidas sombras de Valencia,

fecho a testa,

abro os olhos

e mordo a boca.

Não, não tenho lembranças.

Não quero nada com tua forma seca

nem com tua generosa cabeleira,

não quero tuas espigas,

não quero ir recolhê-las

na melancolia de um caminho.

Te quero intacta, inteira,

a mim restituída

com feitos e palavras,

com todos teus sentidos,

desenlaçada e livre,  
metálica e aberta!  
Granada vermelha e dura,  
topázio negro, Espanha,  
amor meu, anca  
e esqueleto do mundo,  
guitarra incandescente,  
fogo sem mutilar, oh dolorosa  
pedra amada,  
se eu te recordasse  
o coração me sangraria  
e necessito de sangue  
para reconquistar tuas belezas,  
para que teu silêncio  
de repente se ajoelhe  
vencido, terminado,  
e se ouça a voz de teus povoados  
no coro novo do mundo.

## II

# CHEGARÁ NOSSO IRMÃO

Há algo,  
fermentações, lágrimas,  
luas, prantos, dores.  
Adverte-se  
que acontece algo,  
um ponto, algo  
como um cometa  
de cor escarlata:  
são todas as tuas estrelas,  
Espanha,  
teus homens, tuas mulheres,  
Espanha.  
Há um oceano,  
um vasto vento elétrico  
que fabrica relâmpagos,  
algo cresce em teu ventre,  
Espanha.  
Reconhecemos  
o irmão que vem,

levanta-o à luz,  
nutre-o com teu sangue,  
que corra  
apenas se nascido,  
que morra  
agora,  
dá-lhe  
leite de pedra selvagem,  
força de terra atômica,  
dá-lhe todos teus ossos,  
os ossos que não esquecem,  
dá-lhe as órbitas abertas  
de nossos fuzilados,  
dá-lhe tua vida e a minha,  
se a queres,  
e então,  
entrega-lhe facas,  
fuzis escondidos.  
Arranha  
sob teu leito,  
busca  
nas sementeiras,

tira do ar as armas,  
e deixa-o que lute,  
Espanha, que lute teu filho,  
que lute teu filho, Espanha.

Rompe  
teu cárcere, abre  
todos teus olhos,  
levanta  
teu antigo coração  
porque essa é tua bandeira,  
a nova estrela no meio  
de teu sangue vertido.

Levanta-te  
e clama,  
levanta-te  
e derruba,  
levanta-te e constrói,  
segadora,  
deita ao mundo teu filho,  
amassa teu pão de novo,  
a terra está esperando  
tuas mãos e tua farinha.

É tua vitória  
a que nos faz falta,  
a que buscamos antes de dormir,  
a que esperamos  
antes de despertar.  
Tua vitória esquecida  
vai errante nos caminhos,  
deixa-a entrar,  
deixa entrar tua vitória,  
abre as portas,  
que teu filho abra a porta  
com régias rubras mãos de mineiro,  
que se abram as portas da Espanha,  
porque essa é a vitória  
que nos falta  
e sem esta vitória  
não há honra na terra.

### III

## O PASTOR PERDIDO

Chamava-se Miguel. Era um pequeno  
pastor das margens  
de Orihuela.

Amei-o e coloquei sobre seu peito  
minha masculina mão,  
e cresceu sua estatura poderosa  
até que na aspereza  
da terra espanhola  
se destacou seu canto  
como um brusco carvalho  
no qual se juntaram  
todos os enterrados rouxinóis,  
todas as aves do sonoro céu,  
o esplendor do homem duplicado  
no amor da mulher amada,  
o zumbido oloroso  
das loiras colmeias,  
o ágrrio cheiro materno  
das cabras paridas,



o telégrafo puro  
das cigarras vermelhas.  
Miguel fez de tudo  
— território e abelha,  
noiva, vento e soldado —  
barro para sua estirpe vencedora  
de poeta do povo,  
e assim saiu caminhando  
sobre os espinhos de Espanha  
com uma voz que agora  
seus carrascos  
têm que ouvir, escutam,  
aqueles  
que conservam as mãos  
maculadas  
com seu sangue indelével,  
ouvem seu canto  
e julgam  
que é só terra  
e água.  
Não é certo.  
É sangue,

sangue,  
sangue de Espanha, sangue  
de todos os povos de Espanha,  
é seu sangue que canta  
e nomeia e chama,  
nomeia todas as coisas  
porque a tudo ele amava,  
mas essa voz não esquece,  
esse sangue não esquece  
de onde vem  
e para quem canta.

Canta  
para que se abram os cárceres  
e ande a liberdade pelos caminhos.

Chama-me  
para mostrar todos os lugares  
por onde o arrastaram,  
a ele, luz dos povos,  
relâmpago de idiomas,  
para mostrar-me  
o presídio de Ocaña,  
ali onde gota a gota

o sangraram,  
ali onde cercearam  
sua garganta,  
ali onde o mataram sete anos  
encarniçando-se  
em seu canto  
porque quando mataram esses lábios  
apagaram-se as lâmpadas de Espanha.

E assim me chama e me diz:

“Aqui me justiçaaram lentamente”

Assim o que amou e levava  
sob sua pobre roupa  
todos os mananciais espanhóis  
foi assassinado sob  
a sombra dos muros  
enquanto tocavam todos os sinos  
em honra do carrasco,  
mas  
os acasos  
deram olor ao mundo aqueles dias  
e aquele aroma era  
o coração martirizado

do pastor de Orihuela  
e era Miguel seu nome.  
Aqueles dias e anos  
enquanto agonizava,  
na história  
sepultou-se a luz,  
mas ali palpitava  
e amanhã voltará.  
Aqueles dias e séculos  
em que a Miguel Hernández  
os carcereiros  
deram tormento e agonia,  
a terra sentiu falta  
de seus passos de pastor sobre os montes  
e o guerrilheiro morto,  
ao tombar, vitorioso,  
escutou da terra  
levantar-se um rumor, um latejo,  
como se entreabrissem as estrelas  
de um jasmim silencioso:  
era a poesia de Miguel.  
Do fundo da terra falava,

do fundo da terra  
falará para sempre,  
é a voz de seu povo,  
ele foi entre os soldados  
como uma torre ardente.

Ele era  
fortaleza  
de cantos e estampidos,  
foi como um padeiro:

com suas mãos  
fazia seus sonetos,  
Toda sua poesia  
tem terra porosa,  
cereais, areia,  
barro e vento,  
tem forma  
de jarra levantina,  
de anca fornida,  
de barriga de abelha,  
tem aroma  
de trevo na chuva,  
de cinza amaranto,

de fumaça de esterco, tarde

nas colinas.

Sua poesia

é milho agrupado

numa espiga de ouro,

é vinha de uvas negras, é garrafa

de cristal deslumbrante

cheia de vinho e água, noite e dia,

é espiga escarlate,

estrela anunciadora,

foice e martelo escritos com diamantes

na sombra de Espanha.

Miguel Hernández, toda

a alaranjada greda ou levedura

de tua terra e teu povo

reviverá contigo.

Tu a guardaste

com a mão mais tarda, na agonia,

porque estavas feito

para o amanhecer e a vitória,

estavas feito de água e terra virgem,

de assombro insaciável,

de plantas e de ninhos.

Eras

a germinação invencível

da matéria que canta,

eras

pátria da inteireza e dispuseste

contra os inimigos,

o mouro e o franquista,

uma mão pesada

cheia de trepadeiras e metais.

Com tua espada nos braços, invisível,

morrias,

mas não estavas só.

Não só a erva queimada

nas pobres colinas de Orihuela

espargiram tua voz e teu perfume

pelo mundo.

Teu povo parecia

mudo,

não fitava

tua morte,

não ouvia

as missas do desprezo  
mas, anda,  
anda e pergunta,  
anda e vê se há alguém  
que não saiba teu nome.

Todos sabiam,  
nos cárceres,  
enquanto os carcereiros  
jantavam com Cossío,  
teu nome.

Era um fulgor molhado  
pelas lágrimas  
tua voz de mel selvagem.

Tua revolucionária  
poesia  
era, em silêncio, na cela,  
de um cárcere a outro,  
repetida,  
entesourada,  
e agora

desponta o germe,  
sai teu grão à luz,



teu cereal violento  
acusa,  
em cada rua,  
tua voz toma o caminho  
das insurreições.  
Ninguém, Miguel, te esqueceu.  
Aqui te levamos todos  
na metade do peito.  
Filho meu, recordas  
quando  
te recebi e te coloquei  
minha amizade de pedra nas mãos?  
Pois bem, agora,  
morto,  
tudo me devolves.  
Cresceste e crescido,  
és,  
és eterno,  
és Espanha,  
és teu povo,  
já não podem matar-te.  
Já levantaste

teu peito de celeiro,  
tua cabeça  
cheia de raios vermelhos,  
já não te detiveram.

Agora  
querem meter-se  
como frades tardios  
em tua lembrança,  
querem regar com baba  
teu rosto, guerrilheiro comunista.

Não podem.

Não os deixaremos.

Agora  
fica puro,  
fica silencioso,  
permanece sonoro,  
deixa  
que rezem,  
deixa  
que caia o fio negro  
de seus catafalcos podres  
e bocas medievais.

Não sabem outra coisa.

Já chegará

teu vento,

o vento do povo,

o rosto de Dolores,

o passo vitorioso

de nossa nunca morta

Espanha,

e então,

arcanjo das cabras,

pastor caído,

gigantesco poeta de teu povo,

filho meu,

verás

que teu rosto enrugado

estará nas bandeiras,

viverá nas vitórias,

reviverá quando reviva o povo,

marchará conosco sem que ninguém

possa jamais separar-te do regaço de Espanha.

**V**

**CONVERSA DE PRAGA**

*A Julius Fucik*

## I

### MEU AMIGO DAS RUAS

Pelas ruas de Praga no inverno diariamente

passei junto aos muros da casa de pedra

em que foi torturado Julius Fucik.

A casa não diz nada, pedra cor de inverno,

barras de ferro, janelas surdas.

Mas diariamente passei por ali,

olhei, toquei os muros, busquei o eco,

a palavra, a voz, a pisada pura

do herói.

E assim saiu seu semblante

uma vez, e suas mãos outra tarde,

e logo todo o homem foi acompanhando-me,

foi acompanhando-me,

através da praça Wencelas, um bom amigo,

comigo pelo velho mercado de Havelka,

pelo jardim de Starhov, de onde

Praga se eleva como uma rosa cinzenta.

## II

### **ASSIM TERIA ACONTECIDO**

Assim teria acontecido, assim teria acontecido

se não houvesse também, quase invisível,

entrado para sempre na História.

Nos teríamos visto diariamente,

teríamos mudado certos livros que amamos,

se eu te houvesse relatado

contos de pescadores e mineiros

de minha pátria marinha,

e teríamos rido

de tal maneira que os transeuntes

achariam perigosa

nossa grande alegria.

### III

## TU O FIZESTE

Houve muitos homens,  
muitos Fucik  
que fizeram bem todas as coisas da vida.  
Tu, Julius Fucik,  
também as fizeste.  
Os pequenos e grandes deveres dolorosos  
e os indispensáveis  
pequenos movimentos,  
cumprir, cumprir:  
a retidão é um ponto severo  
que se repete até ser uma linha,  
uma norma, um caminho,  
e este ponto o fizeste  
como todos os homens simples  
por dever e por alegria,  
porque assim temos que ser.

## IV

### O DEVER DE MORRER

Mas quando ao relógio chegou a comprida hora  
da morte, cumpriste,

cumpriste com a mesma tranquilidade alegre,  
cumpriste com o dever de morrer.

Nada se rompe entre tua vida e tua morte:

é uma só linha sem ruptura  
aquela que edificaste.

A linha continua viva,

continua reta e crescente

andando, andando sempre,

de dentro da morte tua até outras vidas,

vagando, vagando sempre, acumulando seres,

acumulando seres, existências,

como um grande rio se enche de outros rios,

como na música o som

se enriquece e se eleva,

assim tua voz, tua vida continuam

andando por toda a terra.

Não são herança mas sangue vivo,



não são lembrança mas ação segura,  
e és o herói humano,  
não o semideus de pedra,  
o que saturou sua dimensão de homem  
com todo o conteúdo da vida,  
não de sua vida somente  
mas também de todas,  
de todas nossas vidas,  
e em ti a liberdade não são duas asas  
num escudo, nem uma estátua morta,  
mas a firme mão do Partido  
que sustenta a tua  
e assim da firmeza,  
que em ti cresceu de muitas outras vidas,  
as novas vidas recolheram  
e semearam sementes.  
Os homens continuaram,  
desde o minuto em que tombou teu rosto,  
a luta, e se tingiu nossa bandeira  
com o sangue sagrado  
de teu coração invencível.

V

**ERAS A VIDA**

Pelas ruas de Praga  
tua figura,  
não porém um deus alado,  
mas o pálido rosto perseguido  
que depois da morte nos sorri.  
O herói que não leva  
em sua cabeça imóvel  
os lauréis de pedra esquecida,  
mas um chapéu velho  
e no bolso o último  
recado do Partido,  
o clandestino da meia-noite  
e a aurora organizada,  
a circular que marcha  
com sua tinta fresca,  
e assim rua após rua  
Fucik, com tuas instruções,  
Fucik, com teus folhetos,  
com teu velho chapéu, sem orgulho

nem humildade, temperando  
as armas da resistência,  
e andando para a morte  
com a tranquilidade do transeunte  
que deve vê-la na próxima esquina,  
pelas ruas de pérola antiga  
do inverno de Praga,  
enquanto o inimigo no castelo  
ladrava a sua matilha,  
de uma rua a outra rua  
organizavas  
de teu povo a unidade, a vitória  
que hoje coroa a paz de tua pátria.

## VI

### ESTÁS EM TODA PARTE

Estirpe de Fucik, linhagem  
de alegres silenciosos,  
por toda a terra estendeis  
o ferro humano inextinguível.  
Coréia, terra amada, provaste  
aos bestiais invasores  
de Filadélfia que a raça  
de Fucik, sobre a cinza,  
sobre o incêndio e o martírio,  
continua acesa e vence a morte.  
Longe, no Paraguai obscuro  
e venenosamente verde,  
os pequenos encarcerados,  
os perseguidos na selva,  
ao cair sobre as folhas  
ensanguentadas, junto ao rio,  
fecham para sempre a mesma  
boca sobre-humana de Fucik.  
No Irã o petróleo

volta às mãos do povo  
escrevendo com letras rubras  
teu nome, Júlio de Praga.  
E a moça do Vietnam  
que com doces mãos de flor  
maneja a metralhadora,  
em sua bolsa arranhada  
pelos espinhos da selva,  
leva teu livro em caracteres  
que não poderias ler:  
o livro que nos últimos dias  
os justicados de Atenas  
levam escrito nos nobres rostos  
para que os assassinos  
descubram de novo tuas palavras  
sobre o sangue poeirento.

## VII

### SE LHES FALO...

Há mil anos um homem foi crucificado,  
morreu em sua fé, pensando mais além da terra.  
Sua cruz pesou sobre a vida humana  
e amassou a ânsia e a esperança.  
Nós teremos milhões de crucificados  
e nossa esperança está sobre a terra.  
Que levante os olhos o que deseje vê-la.  
Dá-me a mão se queres tocá-la.  
Nos novos arrozais da China está nossa esperança.  
E quando os dentes brancos do arroz sorriem,  
não é verdade que a terra está feliz?  
Não é verdade que o trigo e a carne,  
não é verdade que a escola,  
a casa limpa, o trabalho assegurado e justo,  
a paz para os filhos, o amor,  
o livro em que a alegria e a sabedoria se juntaram,  
não é verdade que são estas as conquistas do homem,  
e estas simples verdades compõem nossa esperança?  
Por que desejais que aos camponeses *aimarás* da infeliz Bolívia,

desfiados pela fome e o frio das  
grandes alturas, venha amanhã prometer-lhes o  
céu?

Já não me crucificaríeis porque eles continuariam famintos.

Mas se lhes falo de uma cooperativa agrícola que

vi na Polônia,

onde o leite, o pão e o livro eram tesouros comuns,

então me dareis pauladas nas costas

e me crucificareis se os meus não me defendem.

Temos um crucificado em cada quilômetro de terra, e perto da próspera  
Nova York, perto do Stork Club, crucificam um negro e um branco  
diariamente.

Mas não ficamos tranquilos

esperando o martírio nem o incenso,

nós lutaremos cada dia de nossa vida,

nós venceremos e agora te chamamos,

e assim lá de sua força e sua cruz, como a chames

não me importa,

o coração morto de Julius Fucik derrotou seus carrascos.

## VIII

### RADIANTE JULIUS

Radiante Julius — do favo das vidas  
célula férrea e doce, feita de mel e fogo! —  
dá-nos hoje como o pão diário  
tua essência, tua presença,  
tua simples retidão de raio puro.  
Vem a nós hoje, amanhã, sempre,  
porque, singelo herói,  
és a arquitetura  
do homem de amanhã.  
Quando te feriu a morte, a luz  
brilhou sobre o planeta  
com a cor de abelha de teus olhos,  
e o germe do mel e da luta,  
da doçura e da dureza,  
ficaram implantados  
na vida do homem.  
Tua decisão destruiu o medo,  
e tua ternura, a escuridão.  
Entraste, homem nu,



na boca de nosso inferno  
e com o corpo lacerado,  
intacto, sem quebrar foi teu gesto  
e a verdade ativa  
que apesar da morte preservaste.

## IX

### COM MEU AMIGO DE PRAGA

Feliz tua pátria, Tchecoslováquia, mãe

de olhos de aço, pétala preferida

da Europa, coroada

pela paz de teu povo!

Doces colinas, águas, telhados vermelhos,

e trêmulos como chuva verde

eleva o lúpulo seus fios verticais,

enquanto em Gotwaldov uma colmeia

de inteligência e de razão sustenta

a nova rosa do trabalho humano.

Oh, Fucik, vem, visita

comigo,

comigo o limpo chão de tua pátria,

verde, branco e dourado,

e nela iluminando-a,

a claridade do povo!

Honra ao novo sulco

e à nova jornada,

e ao aço invencível de Kladno!

Ao homem novo que penetra  
nas oficinas e nas praças,  
às novas pontes seguras  
sobre o tremor do velho rio,  
através de Fucik, meu amigo,  
meu companheiro silencioso,  
que foi comigo mostrando tudo  
na cor do inverno de Praga,  
com seu velho chapéu invisível  
e seu doce sorriso mudo,  
pela vida e pela morte,  
a herança e o dom que nos fez.  
Julius Fucik, eu te saúdo,  
Tchecoslováquia renovada,  
mãe de rapazes simples,  
terra dos calados heróis,  
república de névoa e cristal,  
cacho, espiga, aço, povo!

**VI**

**É LARGO O NOVO MUNDO**

## CONTIGO PELAS RUAS

Quero contar e cantar as coisas  
da larga terra russa.  
Só algumas poucas coisas,  
porque não cabem todas em meu canto.  
Humildes fatos, plantas,  
pessoas,  
pássaros,  
empresas dos homens.  
Muitas sempre existiram,  
outras  
estão nascendo,  
porque aquela é a terra  
do nascimento infinito.  
E assim começo, andando

contigo pelas ruas,  
pelos campos,  
perto do mar no inverno.  
Es meu amigo, vem,  
vamos andando.

## I

# MUDA A HISTÓRIA

Era o tempo de Pushkin,  
a primavera plana,  
uma onda de ar  
como a vela pura  
de um barco transparente  
ia pelas campinas  
levantando a erva e o aroma  
das germinações.

Perto de Leningrado os abetos  
dançavam uma valsa lenta  
de horizonte marinho.

Rumo a Este  
marchavam os motores,  
as rodas, a energia,  
os rapazes e as moças.

Trepidava a estepe,  
os cordeiros punham  
sua pontuação nevada  
na imensa extensão da ternura.

Vasta é a União Soviética,  
como nenhuma terra.

Tem espaço  
para a menor flor azul  
e para a usina gigante.

Tremem e cantam grandes rios  
sobre sua pele extensa  
e ali vive  
o esturjão que guarda envolto em prata  
diminutos cachos  
de frescor e delícia.

O urso nas montanhas  
vai com pés delicados  
como um antigo monge na aurora  
de uma basílica verde.

Mas é o homem o rei  
das terras soviéticas,  
o pequeno homem  
que acaba de nascer,  
chama-se Ivan ou Pedro,

e chora  
e pede leite:



é ele, o herdeiro.

Largo é o reino e afogado  
com tapetes de erva e neve.

A noite apenas cobre  
com seu diadema frio  
a cabeça, o cimo  
dos montes Urais,  
e o mar lambe o contorno  
de gelo ou terra doce,  
glaciais territórios  
ou países de uva.

Tudo possui:

a terra em movimento  
como uma vasta empresa  
onde ele deve,  
desde que nasce,  
cantar e trabalhar,  
porque o reino fecundo  
é obra de homens.

Antes foi escura a terra,  
fome e dor encheram  
o tempo e o espaço.

Então na história  
veio Lenin,  
mudou a terra,  
depois Stalin mudou o homem.  
Depois a paz, a guerra,  
o sangue, o trigo:  
dificilmente tudo  
se foi cumprindo  
com força e alegria,  
e hoje Ivan herdou  
de mar a mar a primavera rubra,  
por onde te levo pela mão.  
Escuta, escuta  
este canto de pássaros:  
silva a prata no temor molhado  
de sua voz matutina,  
eu o persigo entre agulhas  
e leques de pinheiros  
outro canto responde,  
povoa-se o bosque  
de vozes na altura.  
De bosque a bosque cantam,

de semana a semana,  
de aurora a aurora mudam  
trinos recém-nascidos.  
De aldeia a aldeia se respondem,  
de usina a usina,  
de rio a rio,  
de metal a metal, de canto a canto.

O vasto reino canta,  
se responde cantando.

Orvalho têm as folhas  
na manhã clara.

Sabor de estrela fresca  
tem o bosque.

Como por um planeta  
vai lentamente andando  
a primavera pela terra russa,  
e espigas e homens nascem  
sob seus pés de prata.

## II

### TRANSIBERIANO

Atravesso o outono siberiano:

cada bétula um candelabro de ouro.

De repente uma árvore negra, uma árvore vermelha,

mostra uma ferida ou uma labareda.

A estepe, o rosto

de áspera imensidade, largura verde,

planeta cereal, terrestre oceano.

Passei de noite

em Novosibirsk, fundada

pela nova energia.

Na extensão suas luzes trabalhavam

no meio da noite, o homem novo

fazendo nova a natureza.

E tu, grande rio Yenisey, me disseste

com ampla voz ao passar, tua palavra:

“Agora não correm em vão minhas águas.

Sou sangue da vida que desperta”.

A pequena estação em que a chuva

deixa uma lembrança de água nos rincões

e acima as antigas, doces casas  
de madeira, fragmentos dos bosques,  
têm hóspedes novos, uma fileira  
de ferro: são os novos tratores  
que ontem chegaram, rígidos, uniformes  
soldados da terra,  
armas do pão, exército  
da paz e a vida.

Trigos, madeiras, frutos  
da Sibéria, bem-vindos  
na casa do homem:  
ninguém lhes dava direito a nascer,  
ninguém podia saber que existíeis,  
até que se quebrou a neve  
e entre as asas brancas do degelo  
entrou o homem soviético  
a estender as sementes.

Oh terras siberianas,  
na luz amarela  
do mais comprido outono da terra,  
alegres são as folhas de ouro,  
toda a luz os cobre com sua taça entornada!

O trem transiberiano  
vai devorando o planeta.

Cada dia uma hora  
desaparece diante de nós,  
cai atrás do trem,  
torna-se semente.

Junto aos Urais  
deixamos o bom frio do outono  
e antes de Krasnoyarsk, antes de um dia,  
a primavera invisível  
vestiu de novo seu túbio traje azul.

Na cabina seguinte  
viaja o jovem geólogo  
com sua mulher e um menino pequeninho.

A ilha de Sajalin os espera  
com seus quarenta graus  
de frio e solidão,  
mas também esperam os metais  
que têm dado referência  
aos descobridores.

Adiante, menino soviético!  
Como venceremos a solidão,

como venceremos o frio,  
como ganharemos a paz,  
se não vais pelo transiberiano  
para fecundar as ilhas?  
O trem vai repartindo  
até Vladivostok, e ainda  
entre os arquipélagos de cor de aço,  
os rapazes que mudarão a vida,  
que mudarão frio e solidão e vento  
em flores e metais.

Adiante, rapazes  
que neste trem transiberiano,  
ao longo de sete dias de marcha  
sonhais sonhos precisos  
de ferro e de colheitas.

Adiante, trem siberiano,  
tua vontade tranquila  
quase dá volta ao globo!

Extensão, ampla terra, percorrendo-te,  
resvalando no trem dias e dias,  
amei tuas latitudes de estepe,  
teus cultivos, teus povoados, tuas usinas,

teus homens reduzindo-te em substância  
e teu outono infinito que me cobria de ouro  
enquanto o trem vencida a luz e a distância!  
Desde agora te levarei em meus olhos,  
Sibéria, mãe  
amarela, inabarcável  
primavera futura!



### III

## TERCEIRO CANTO DE AMOR A STALINGRADO

Stalingrado com as asas tórridas

do verão, as brancas

mansões elevando-se:

uma cidade qualquer.

As pessoas apressadas

em seu trabalho.

Um cão cruza

o dia poeirento.

Uma moça corre

com um papel na mão.

Não passa nada,

exceto o Volga

de águas escuras.

Uma a uma as casas

se levantaram

lá do peito do homem,

e voltaram os selos do correio,

os buracos das caixas postais,

as árvores,

voltaram os meninos,  
as escolas,  
voltou o amor,  
as mães  
pariram,  
voltaram as cerejas  
aos ramos,  
o vento  
ao céu,  
e então?  
Sim, é a mesma,  
não cabe dúvida.  
Aqui esteve a linha,  
a rua,  
a esquina,  
o metro e o centímetro  
ali onde nossa vida e a razão  
de todas nossas vidas  
foi ganha  
com sangue.  
Aqui se cortou o nó  
que apertou a garganta

da História.

Aqui foi. Se parece mentira  
que possamos  
pisar a rua e ver  
a moça e o cão,  
escrever uma carta,  
mandar um telegrama,  
mas talvez  
para isto,  
para este dia igual  
a cada dia,  
para este sol simples  
na paz dos homens  
foi a vitória,  
aqui, nesta cinza  
da terra sagrada.

Pão de hoje, livro de hoje, pinheiro recente  
plantado esta manhã,  
luminosa avenida  
recém-chegada do papel  
ali onde o engenheiro  
a traçou sob o vento da guerra,

menina que passas, cão  
que atravessas o dia poento,  
oh milagres,  
milagres do sangue,  
milagres do aço e do Partido,  
milagres de nosso novo mundo.  
Ramo de acácia com espinhos e flores,  
ali onde, ali onde  
terás maior perfume  
que neste lugar em que todo perfume foi apagado,  
em que tudo caiu  
menos o homem,  
e homem destes dias,  
o soldado soviético?  
Oh, ramo perfumado,  
cheiras  
aqui  
mais que uma reunida primavera!  
Aqui cheiras a homem e a esperança,  
aqui, ramo de acácia,  
não pôde queimar-te o fogo  
nem sepultar-te o vento da morte.

Aqui ressuscitaste cada dia  
sem ter morrido nunca,  
e hoje em teu aroma o infinito humano  
de ontem e de amanhã,  
de passado amanhã,  
nos volta para dar sua eternidade florida.

És como a usina de tratores:

hoje florescem de novo  
grandes flores metálicas  
que penetrarão na terra  
para que a semente  
seja multiplicada.

Também a usina  
foi cinza,  
ferro retorcido, espuma  
sangrenta da guerra,  
mas seu coração não se deteve,  
foi aprendendo a morrer e a renascer.

Stalingrado ensinou ao mundo  
a suprema lição da vida:  
nacer, nacer, nacer,  
e nascia

morrendo,  
disparava  
nascendo,  
ia de bruços e se levantava  
com um raio na mão.  
Toda a noite ia sangrando  
e já na aurora  
podia ceder sangue  
a todas as cidades da terra.  
Empalidecia com a neve negra  
e toda a morte caindo  
e quando olhavas  
para vê-la tombar, quando chorávamos  
seu final de fortaleza,  
ela nos sorria,  
Stalingrado  
nos sorria.  
E agora  
a morte se foi:  
só algumas paredes,  
alguma contorção de ferro  
bombardeado e retorcido,

só algum rastro  
como uma cicatriz de orgulho,  
hoje tudo é claridade, lua e espaço,  
decisão e brancura,  
e no alto  
um ramo de acácia,  
folhas, flores, espinhos defensores,  
a imensa primavera  
de Stalingrado,  
o invencível aroma  
de Stalingrado!

## IV

# O ANJO SOVIÉTICO

Fazia cento e cinquenta anos  
que jazia enterrado.

Em Petrogrado de seda e sangue  
caiu com uma bala suja  
em alguma parte do peito.

Passou o tempo.

Por mais de cem invernos caiu neve  
sobre telhados e ruas,  
mas aberta e sangrando  
esteve aquela  
pequena ferida vermelha  
no peito de pedra, seda e ouro  
de Petrogrado. Um fio  
de sangue acusava. Ia  
e vinha,  
subia pelas cúpulas,  
corria pela seda  
das casacas bordadas,  
de repente aparecia



como pedra preciosa  
sobre o *decolleté*  
de uma beleza,  
e ai, era só um coágulo  
de sangue que acusava.  
Assim era,  
assim era o sangue de Pushkin  
assassinado,  
ia por toda parte  
como um fio  
infinito.  
No silêncio  
de Petrogrado, na pedra e a água  
da cidade adormecida,  
na estátua de Pedro e seu cavalo,  
o fio,  
o fio de sangue  
caminhava,  
caminhava procurando.  
Até que um dia  
amanheceu a aurora disparando.  
Nas escadas

do Palácio de Inverno  
apareceu um tapete  
de estranha contextura:  
era homem e cólera,  
era esperança e fogo,  
eram cabeças jovens e cinzentas,  
a frente dos povos.

E logo Lenin  
com uma assinatura  
no pé da esperança  
mudou a História.

Então  
aquele fio de sangue que acusava  
retirou-se a seu lugar  
e claro, aéreo e vermelho,  
o anjo pensativo  
viveu de novo.

Pushkin  
fitou sua camisa:  
já não sangrava o furo sujo  
que deixara a bala assassina.

O povo

havia expulso  
os espadachins  
de casacas vermelhas,  
os carrascos  
condecorados com gotas de sangue  
e agora  
com a ferida fechada  
recebeu na cabeça  
o vento de loureiros  
e pôs-se a andar pelas ruas,  
acompanhou seu povo.  
E, vivo de novo,  
fulgurante em sua estátua,  
ondulando no céu  
como uma grande bandeira,  
mesclando-se aos homens  
na saída do comércio,  
na campina  
com o pêlo molhado  
ou descansando um pouco  
junto aos feixes de trigo,  
vi o jovem Pushkin.

Meu amigo

não falava,

havia que lê-lo.

Eu caminhei a vasta geografia

da URSS,

olhando-o e lendo-o,

e ele com sua antiga voz me decifrava

as vidas e as terras.

Um repousado orgulho,

como um sonho,

invadia seu rosto

quando a meu lado

ia voando

transparente no ar transparente,

sobre a liberdade espaçosa

das cidades e dos prados.

## V

### EM SUA MORTE

Camarada Stalin, eu estava junto ao mar na Ilha Negra,  
descansando de lutas e de viagens,  
quando a notícia de tua morte chegou como um choque de oceano.  
Foi primeiro o silêncio, o estupor das coisas, e depois  
          chegou do mar uma onda grande.  
De algas, metais e homens, pedras, espuma e lágrimas  
          estava feita esta onda.  
De história, espaço e tempo recolheu sua matéria  
e se elevou chorando sobre o mundo  
até que diante de mim veio para golpear a costa  
e derrubou em minhas portas sua mensagem de luto  
com um grito gigante  
como se de repente se quebrasse a terra.  
Era em 1914.  
Nas fábricas se acumulavam sujeiras e dores.  
Os ricos do novo século  
repartiam-se a dentadas o petróleo e as ilhas, o cobre  
          e os canais.  
Nem uma só bandeira levantou suas cores

sem os respingos do sangue.

De Hong Kong a Chicago a polícia

buscava documentos e ensaiava

as metralhadoras na carne do povo.

As marchas militares desde a aurora

mandavam soldadinhos para morrer.

Frenético era o baile dos estrangeiros

nas boates de Paris cheias de fumo.

Sangrava o homem.

Uma chuva de sangue

caía do planeta,

manchava as estrelas.

A morte estreou então armaduras de aço.

A fome

nos caminhos da Europa

foi como um vento gelado aventando folhas secas e

quebrantando ossos.

O outono soprava os farrapos.

A guerra havia eriçado os caminhos.

Olor de inverno e sangue

emanava da Europa

como de um matadouro abandonado.

Enquanto isso os donos  
do carvão,  
do ferro,  
do aço,  
do fumo,  
dos bancos,  
do gás,  
do ouro,  
da farinha,  
do salitre,  
do jornal *El Mercurio*,  
os donos de bordéis,  
os senadores norte-americanos,  
os flibusteiros  
carregados de ouro e sangue  
de todos os países,  
eram também os donos  
da História.  
Ali estavam sentados  
de fraque, ocupadíssimos  
em dispensar-se condecorações,  
em presentear-se cheques na entrada

e roubá-los na saída,  
em presentear-se ações da carnificina  
e repartir-se a dentadas  
pedaços de povo e de geografia.

Então com modesto  
vestido e gorro operário,  
entrou o vento,  
entrou o vento do povo.

Era Lenin.

Mudou a terra, o homem, a vida.

O ar livre revolucionário  
transtornou os papéis  
manchados. Nasceu uma pátria  
que não deixou de crescer.

É grande como um mundo, mas cabe  
até no coração do mais

humilde

trabalhador de usina ou de oficina,  
de agricultura ou barco.

Era a União Soviética.

Junto a Lenin

Stalin avançava



e assim, com blusa branca,  
com gorro cinzento de operário,  
Stalin,  
com seu passo tranquilo,  
entrou na História acompanhado  
de Lenin e do vento.

Stalin desde então  
foi construindo. Tudo  
fazia falta. Lenin  
recebeu dos czares  
teias de aranha e farrapos.

Lenin deixou uma herança  
de pátria livre e vasta.

Stalin a povoou  
com escolas e farinha,  
imprensas e maçãs.

Stalin desde o Volga  
até a neve  
do Norte inacessível  
pôs sua mão e em sua mão um homem  
começou a construir.

As cidades nasceram.

Os desertos cantaram  
pela primeira vez com a voz da água.

Os minerais  
acudiram,  
saíram  
de seus sonhos escuros,  
levantaram-se,  
tornaram-se trilhos, rodas,  
locomotivas, fios  
que levaram as sílabas elétricas  
por toda a extensão e distância.

Stalin  
construía.

Nasceram  
de suas mãos  
cereais,  
tratores,  
ensinamentos,  
caminhos,  
e ele ali  
simples como tu e como eu,  
se tu e eu conseguíssemos

ser simples como ele.

Porém o aprenderemos.

Sua simplicidade e sua sabedoria,

sua estrutura

de bondoso coração e de aço inflexível

nos ajuda a ser homens cada dia,

diariamente nos ajuda a ser homens.

Ser homens! É esta

a lei staliniana!

Ser comunista é difícil.

Há que aprender a sê-lo.

Ser homens comunistas

é ainda mais difícil,

e há que aprender de Stalin

sua intensidade serena,

sua claridade concreta,

seu desprezo

ao ouropel vazio,

à oca abstração editorial.

Ele foi diretamente

desenlaçando o nó

e mostrando a reta

claridade da linha,  
entrando nos problemas  
sem as frases que ocultam  
o vazio,  
direto ao centro débil  
que em nossa luta retificaremos  
podando as folhagens  
e mostrando o desígnio dos frutos.  
Stalin é o meio-dia,  
a madureza do homem e dos povos.  
Na guerra o viram  
as cidades queimadas  
extrair do escombros  
a esperança,  
refundida de novo,  
fazê-la aço,  
e atacar com seus raios  
destruindo  
a fortificação das trevas.  
Mas também ajudou às macieiras  
da Sibéria  
a dar suas frutas debaixo da tormenta.

Ensinou a todos  
a crescer, a crescer,  
plantas e metais,  
criaturas e rios  
ensinou-lhes a crescer,  
a dar frutos e fogo.

Ensinou-lhes a Paz  
e assim deteve  
com seu peito estendido  
os lobos da guerra.

Diante do mar de Ilha Negra, na manhã,  
icei em meia haste a bandeira do Chile.

Estava solitária a costa e uma névoa de prata  
se mesclava à espuma solene do oceano.

Em metade do seu mastro, no campo de azul,  
a estrela solitária de minha pátria  
parecia uma lágrima entre o céu e a terra.

Passou um homem do povo, saudou compreendendo,  
e tirou o chapéu.

Veio um rapaz e me apertou a mão.

Mais tarde o pescador de ouriços, o velho búzio e poeta, Gonzalito,  
acercou-se para acompanhar-me sob a bandeira.

“Era mais sábio que todos os homens juntos”, me disse olhando o mar com seus velhos olhos, com os velhos olhos do povo.

E logo por longo instante não nos falamos nada.

Uma onda

estremeceu as pedras da margem.

“Porém Malenkov agora continuará sua obra”, prosseguiu

levantando-se o pobre pescador de jaqueta surrada.

Eu o fitei surpreendido pensando: como, como o sabe?

De onde, nesta costa solitária?

E compreendi que o mar lhe havia ensinado.

E ali velamos juntos, um poeta,

um pescador e o mar

ao Capitão remoto que ao entrar na morte

deixou a todos os povos, como herança, a vida.

**VII**

**A PÁTRIA DO CACHO**

## I

# A TÚNICA VERDE

Eu nos caminhos,  
nos montes andei.

As vinhas me cobriram com sua túnica verde,  
provei o vinho e a água.

Em minhas mãos  
voou a farinha, resvalou o azeite,  
mas

é o povo da Itália  
a produção mais fina da terra.

Andei pelas fábricas,  
conversei com os homens,  
conheço o sorriso  
branco dos enegrecidos rostos,  
e é como farinha dura este sorriso:  
a áspera terra é seu moinho.

Vaguei  
entre os pescadores nas ilhas,  
conheço o canto  
de um homem só,



só nas solidões pedregosas,  
subi as redes do pescado,  
vi nas ladeiras calcinadas  
do sul, rasgar a entranha  
da terra mais pobre.

Vi o lugar  
em que meu amigo o guerrilheiro Benedetti  
imóvel com seu explosivo na mão  
deixou ali para sempre  
o rosto mas não o sorriso.

Por toda a parte  
toquei  
a matéria humana  
e este contato  
foi para mim como terra nutriz.

Eu havia andado muito  
conversando com trajés,  
saudando chapéus,  
dando a mão a luvas.

Andei muito  
entre homens sem homem,  
mulheres sem mulher,

casas sem portas.

Itália, a medida

do homem simples elevas

como o celeiro ao trigo,

acumulando grãos,

caudal, tesouro puro,

germinação profunda

da delicadeza e a esperança.

Nas manhãs

a mais antiga

das mulheres, cinza cor de oliva,

me trazia

flores de rocha, rosas arrancadas

ao difícil perfil das lombas.

Rosas e azeite verde eram os dons

que eu recolhi, mas

sobretudo

sabedoria e canto

aprendi de tuas ilhas.

Aonde vá levarei em minhas mãos

como se fosse o tato

de uma madeira pura,

musical e fragrante  
que guardassem meus dedos,  
o passo dos seres,  
a voz e a substância,  
a luta e o sorriso,  
as rosas e o azeite,  
a terra, a água, o vinho  
de tua terra e teu povo.  
Eu não vivi com as estátuas quebradas  
nem com os templos cuja dentadura  
caiu com suas antigas hierarquias.  
Eu não vivi tampouco  
só de azul e aroma,  
recebi as fundas sacudidas  
do oceano  
humano:  
na maior miséria  
dos desmantelados arrabaldes  
meti meu coração  
como uma rede noturna,  
e conheço as lágrimas e a fome  
dos meninos,

mas

também conheço o passo  
da organização e a vitória.

Eu não deixei meu peito  
como uma lira imóvel  
desfazer-se em doçura,  
mas também caminhei pelas usinas  
e sei que o rosto  
da Itália mudará. Toquei no fundo  
a germinação incessante  
do amanhã, e espero.

Eu me banhei nas águas  
de um manancial eterno.

## II

### CABELEIRA DE CAPRI

Capri, rainha do penedo,  
em teu vestido  
de cor amaranto e açucena  
vivi desenvolvendo  
a ventura e a dor, a vinha cheia  
de radiantes cachos  
que conquistei na terra,  
o trêmulo tesouro  
de aroma e cabeleira,  
lâmpada zenital, rosa estendida,  
favo de meu planeta.  
Desembarquei no inverno.  
Seu traje de safira  
a ilha em seus pés guardava,  
e nua surgia em seu vapor  
de catedral marinha.  
Era de pedra sua formosura. Em cada  
fragmento de sua pele reverdecia  
a primavera pura

que escondia nas gredas seu tesouro.

Um relâmpago vermelho e amarelo

sob a luz tênue

jazia sonolento

esperando a hora

para desencadear seu poderio.

Na margem de pássaros imóveis,

na metade do céu,

um rouco grito, o vento

e a indizível espuma.

De prata e pedra teu vestido, apenas

a flor azul rebenta

bordando o manto hirsuto

com seu sangue celeste.

Oh solidão de Capri, vinho

das uvas de prata,

taça de inverno, plena

de exercício invisível,

levantei tua firmeza,

tua delicada luz, tuas estruturas,

e teu álcool de estrela

bebi como se fosse

nascendo em mim a vida.

Ilha, de tuas paredes

despreendi a pequena flor noturna

e a guardo em meu peito.

E lá do mar girando em teu contorno

fiz um anel de água

que ali ficou nas ondas,

encerrando as torres orgulhosas

de pedra florescida,

os gretados píncaros

que a meu amor sustiveram

e guardarão com mãos implacáveis

o rasto de meus beijos.

### III

## A POLÍCIA

Nós somos

da polícia.

— E você? Quem é?

Donde vem, aonde

pretende dirigir-se?

Seu pai? Seu cunhado?

Com quem dormiu as sete noites últimas?

— Eu dormi com meu amor, eu sou talvez,

talvez, talvez,

sou da Poesia —

E assim uma gôndola

mais negra que as outras

atrás de mim os transportou em Veneza,

em Bolonha, na noite,

no trem: sou uma sombra errante

seguida pela sombras.

Eu vi em Veneza, erguido o Campanile

elevando entre as pombas de São Marcos

seu tricórnio de polícia.



E Paulina, nua, no museu,  
quando beijei sua bela boca fria  
me disse: Tem em ordem seus papéis?  
Na casa de Dante  
sob os velhos telhados florentinos  
há interrogatórios, e David  
com seus olhos de mármore, sem pupilas  
se esqueceu de seu pai, Buonarrotti,  
porque o compelem diariamente a contar  
o que com olhos cegos fitou.

No entanto aquele dia  
em que me trasladaram à fronteira suíça  
a polícia se deu conta de repente  
que lhe saía no encalço  
a militante poesia.

Não esquecerei a multidão romana  
que na estação, de noite,  
arrancou-me das mãos  
da perseguidora polícia.

Como esquecer o gesto guerrilheiro  
de Guttuso e o rosto de Giuliano,  
a onda de ira, o soco nos narizes

dos sabujos, como esquecer Mário,  
de quem no exílio  
aprendi a amar a liberdade da Itália,  
e agora irada sua cabeça branca  
divisei confundindo-se  
no mar agitado  
de meus amigos e de meus inimigos?  
Não esquecerei o pequeno  
guarda-chuva de Elsa Morante  
caindo sobre um peito policial  
como a pesada pétala  
de uma força florida.  
E assim na Itália  
por vontade do povo,  
peso de poesia,  
firmeza solidária,  
ação da ternura  
ficou meu destino.  
E assim foi como  
foi este livro nascendo  
rodeado de mar e limoeiros,  
escutando em silêncio,

detrás do muro da polícia,  
como lutava e luta,  
como cantava e canta  
o valoroso povo  
que ganhou uma batalha para que eu pudesse  
descansar na ilha que me esperava  
com um ramo em flor de jasmim na sua boca  
e em suas pequenas mãos a fonte de meu canto.

## IV

### OS DEUSES ESFARRAPADOS

Há séculos vive a miséria  
no sul da Itália. Olha seu trono:  
pendem dele como tapeçarias  
as trêmulas aranhas negras  
e ratos cinzentos roem  
as antigas madeiras.  
Esburacado trono que através  
das janelas quebradas  
da noite de Nápoles respira  
com estertor terrível,  
e entre os buracos  
os negros riços caem nas faces  
dos meninos formosos  
como pequenos deuses esfarrapados.  
Oh Itália, em tua morada  
de mármore e esplendor, quem habita?  
Assim trata, antiga loba rubra,  
a tua progênie de ouro?  
Triste é a voz do sul nos caminhos.

Ácida sombra o céu  
deixa tombar sobre as casas destruídas,  
lá das portas sai  
o ramo desgrenhado  
da fome e a pobreza  
e contudo canta  
tua cabeça sonora.

Triste é a voz do sul nos caminhos.

Os povoados adiantam  
mais de uma voz faminta  
que no entanto canta.

O vermelho vinho bebo  
levantando na taça  
não só o sol maduro,  
mas a luz antiga da ira.

Marcham rumo à terra  
os camponeses da Itália.

Cansaram-se  
de rasgar a pedra  
e penetraram no domínio,  
no feudal território.

Homens, mulheres, meninos

de repente se reuniram sob uma árvore  
e de imediato  
a limpar a terra,  
a cavá-la,  
a rompê-la,  
e no sulco  
caí o trigo,  
o punhado de trigo que guardaram  
como se fosse ouro  
as mãos dos pobres,  
e então  
a primeira cozinha deitando fumaça,  
o fogo,  
a roupa que se lava,  
a vida.

Vieram

os soldados,

o governo cristão.

“Não podeis semear,  
não podeis fazer fogo.

A terra

dos senhores

deve continuar estéril.

Tirai o trigo,

desfazei o sulco,

apagai o fogo”.

Os velhos rostos,

as enrugadas mãos,

tão semelhantes à terra, sulcos, sementes, fogo,

ficaram imóveis

e quando levantaram os fuzis

os soldados cristãos

eles cantavam, e caíram

cantando.

O sangue regou o trigo

mas ali cresce

um cereal indomável,

um cereal que canta até na morte.

Isto se deu quando vivi na Itália.

Mas os camponeses

assim conquistaram a terra.

V

**CHEGOU A FROTA**

Quando chega a frota

norte-americana

esfuma-se a bandeira

pastoril

da Itália.

Termina o azul e as guitarras

ali onde estão? Aquela

onda de mel e luz

que envolve

seres, conversas, monumentos,

tudo se esconde, só

as presenças de aço na baía,

lentos répteis,

línguas

malditas da guerra,

e no alto

a bandeira

do invasor

com suas barras de cárcere



e suas estrelas roubadas.

Os prostíbulos

crescem,

e ali de tombo em tombo

os marinheiros civilizadores

transitam,

derrubam-se,

entram aos murros

nos pobres lares da margem,

exatamente como

antes aconteceu em Havana,

no Panamá, em Valparaíso,

na Nicarágua, no México.

Quando parte

a frota

segue um barco pela terra.

Em trens, em caminhões

se dirige a um prostíbulo

ao novo porto em que os barcos cinzentos

vão para defender a cultura.

Ai, que dificuldades!

Faltam hotéis onde

situar às mulheres  
de maneira estratégica no porto!  
Ah mas para isso  
todo o governo se mobilizou.  
Corre o senhor de Gásperi vestido  
com seu fraque mais tétrico,  
e o ministro da polícia  
varre os quartos  
para que tudo  
se desenvolva  
com eficácia extrema.  
Depois  
os senhores ministros italianos  
se reúnem,  
se felicitam  
e o Presidente do Conselho, débil  
e funeral como um caixão de morto,  
declara com voz suave:  
“Ultrapassando as dificuldades  
temos cumprido com nossos deveres  
para com a frota norte-americana.  
Ademais esta tarde, com orgulho

o declaro,  
proibi uma exposição de pintura,  
expulsei um poeta perigoso  
e pus na fronteira  
o corpo de balé de Leningrado.

Assim

mostramos como aqui na Itália  
defendemos  
a cultura cristã”.

Enquanto isso nos portos  
a pastoril bandeira,  
a claridade da Itália  
se esconde, e a sombra  
dos encouraçados  
dorme na água, como  
nos pútridos charcos da selva  
esperam os répteis.

No entanto

azul é o céu da Itália,  
generosa sua terra pobre,  
largo o peito do povo,  
valente sua estatura

e o que conto existe,  
mas não será eterno.

## VI

### **EU TE CONSTRUÍ CANTANDO**

Eu te acreditei, te inventei na Itália.

Estava só.

O mar entre as gredas

desatava violento

sua seminal espuma.

Assim se preparava

a abrupta primavera.

Os germes adormecidos entreabriam

seus caules molhados,

secreta sede e sangue

feriam minha cabeça.

Eu de mar e de terra

te reconstruí cantando.

Necessitei de tua boca, do arco puro

de teu pequeno pé, de tua cabeleira

de cereal queimado.

Eu te chamei e vieste da noite,

e na luz entreaberta da aurora

descobri que existias

e que de mim como do mar a espuma  
nascestes, pequena deusa minha.  
Foste primeiro um germe deitado  
que esperava  
sob a terra escura  
o crescimento da primavera,  
e adormecido então  
senti que me tocavas  
debaixo da terra,  
porque ias nascer, e eu te havia  
semeado  
dentro de minha existência. Depois o tempo  
e o esquecimento vieram  
e eu esqueci que estavas comigo  
crescendo solitária  
dentro de mim, e de repente  
descobri que tua boca  
se havia levantado da terra  
como uma flor gigante.  
Eras tu que existias.  
Eu te havia criado.  
Meu coração então

tremeu reconhecendo-te

e quis afastar-te.

Porém já não pudemos.

A terra estava cheia

de cachos sagrados.

Mar e terra em tuas mãos

rebentavam

com os dons maduros.

E assim foi tua doçura derramando-se

em minha respiração e nos sentidos

porque por mim foste criada

para que me ajudasses

a viver a alegria.

E assim, a terra,

a flor e o fruto, foste,

assim do mar vinhas

submersa esperando

e te estendeste junto a mim no sonho

do que não despertamos.

**VIII**

**LONGE NOS DESERTOS**



## I

# TERRA E CÉU

Alturas da Mongólia,  
desérticas alturas,  
de repente avistei minha pátria,  
o Norte Grande, Chile,  
a pele seca, arranhada  
da terra nos limites do céu.  
Vi os montes de areia,  
a extensão taciturna:  
me recolhi escutando  
o vento terrível de Gobi,  
as tormentas  
no “teto do mundo”  
tudo tão parecido  
com as regiões

de cobre e sal e céu

de meu país andino.

Depois o vento

trouxe cheiro de camelo,

uma brisa queimada

se transformou em incenso,

a luz deteve

um dedo

sobre a seda

de uma bandeira rubra,

e vi que estava longe

de minha pátria.

Os mongóis já não eram

os errantes

ginetes

do vento e da areia:

eram meus camaradas.

Mostraram-me

seus laboratórios.

Doce ali em cima era

a palavra

metalurgia.

Ali onde os magos

teceram

sabedoria e teias de aranha,

em Durga, negra Durga,

agora reluzia

o novo nome,

Ulan Bator,

o nome

de um capitão do povo.

E era tudo

tão simples.

Os jovens,

os universitários do deserto,

inclinados

sobre os microscópios.

Nas areias frias

da altura reluziam

os novos institutos,

as minas eram perfuradas,

os livros e a música

cantavam no coro

do vento

e o homem

renascia.

## II

### ALI ESTAVA MEU IRMÃO

Ali estive.

Ali vi

não só areia e ar,

não só camelos e metais,

mas o homem,

o remoto

irmão meu,

nascendo agora no meio

da solidão planetária,

diferenciando-se

da natureza,

conhecendo

o mistério

da eletricidade e da vida,

dando a mão ao Este

e ao Oeste,

dando a mão ao céu

e à terra

repartindo,  
existindo,  
assegurando  
o pão e a ternura  
entre seus filhos.  
Oh territórios duros,  
contrafortes lunares,  
em vós  
ascende  
a semente  
do tempo socialista  
e sobe  
da pedra  
a flor e a formosura,  
a usina que fala ao céu  
com palavras de fumo  
e com os minerais dominados elabora ferramentas e alegria.

### III

## MAS DEU FRUTO

Porém quando  
entre os áridos  
sistemas dos píncaros  
aparece  
o homem,  
transformado,  
quando  
da yurta  
brota o homem  
que lutará com a natureza,  
o homem que é não só  
de uma tribo,  
mas da incendiada massa humana,  
não o errante  
prófugo das altas solidões,  
ginete da areia,  
mas meu camarada,  
associado ao destino de seu povo,  
solidário de todo o ar humano,

filho e continuador da esperança,  
então,  
cumpru-se a tarefa  
entre as cicatrizes dos montes:  
ali também o homem é nosso irmão.  
Ali a terra dura deu seu fruto.



**IX**

**O CAPITEL QUEBRADO**

# I

## NESTES ANOS

Agora

nestes anos

depois do meio século,

um silêncio medroso

do Ocidente

treme, encolhido.

Outra vez, outra vez a guerra,

talvez a guerra.

O mapa frio

cruzado por ciprestes,

por sombras verticais,

a noite atravessada

por punhal ou relâmpago.

É assim a ameaça  
sobre o teto e o pão.

Silêncio  
de árvore com folhas negras,  
a sombra  
cobre a Grécia.

Outra vez água amarga  
sobre a idade radiante  
das estátuas cegas.

Que acontece?  
Onde estamos?

Faz já tempo um rei e uma rainha  
foram pré-fabricados,  
“made in England”  
Logo é a história  
deste tempo terrível,  
os cruéis oficiais  
ressuscitados  
da ópera sangrenta,  
os norte-americanos que administram  
a rosa

de Praxiteles  
arrasando  
com isto e com aquilo.  
Quem o tivera pensado,  
quem  
se atrevera  
a pensar que as pedras  
mais puras,  
cortadas com o fio da aurora,  
iam ser maculadas,  
que a Grécia ia cair  
numa fossa negra  
de Chicago.

Quem o diria  
senão os astros gregos,  
as linhas  
da trágica musa  
do tempo mais antigo,  
e assim foi sucedendo.

As abelhas  
zumbem  
elaborando

mel com sangue,  
luz de martírio,  
alvéolos  
de arquitetura ultrajada.

## II

### BELOJANNIS O HERÓI

Assim, entre as colunas,

Belojannis:

dórica é a auréola

da luz em suas faces.

Não são os automóveis

iluminando o crime.

É um planeta,

é uma estrela vermelha,

é o ígneo desterro

da antiga e a nova

claridade da terra...

Cai,

dispararam nele

lá do Pentágono

balas que atravessaram

o mar para cravar-se

em seu peito claríssimo,

balas que recolheram

espinhos inumanos

para entrar na gruta  
verde e branca da Grécia,  
lacerando as paredes,  
salpicando  
de sangue  
as folhas do acanto.

### III

## CONTEMPLADA A GRÉCIA

Oh lágrimas, não é tempo  
de acudir a meus olhos,  
não é hora  
de acudir aos olhos dos homens,  
pálpebras, levantai-vos  
do fundo da escuridão do sonho, claras  
ou sombrias pupilas,  
olhos sem lágrimas, olhai a Grécia  
crucificada em seu madeiro.  
Olhai-a toda  
a noite, o ano, o dia,  
vertendo o sangue de seu povo,  
batendo as faces  
em seu terrível capitel de espinhos.  
Olhai, olhos do mundo,  
o que a Grécia, a pura,  
suporta, o açoite  
do mercador de escravos,  
e assim de noite e ano e mês e dia



vê como se levanta a cabeça  
de seu povo orgulhoso.  
De cada gota  
caída do martírio  
cresce de novo o homem,  
o pensamento cresce suas bandeiras,  
a ação confirma pedra a pedra  
e mão a mão  
a altura do castelo.  
Oh Grécia clara,  
se em ti rodou a escuridão seu saco  
de estrelas negras, sabes  
que em ti mesma  
está a claridade, que recolhes  
a noite inteira em teu regaço  
até que de tuas mãos  
se levanta a aurora,  
vôo branco molhado de orvalho.  
Em sua luz te veremos,  
antiga e clara mãe dos homens,  
sorrir, vitoriosa,  
mostrando-nos de novo tua brancura

de estátua, entre os montes

**X**

**O SANGUE DIVIDIDO**

## I

### EM BERLIM A MANHÃ

Despertei. Era Berlim. Pela janela  
vi o coração desdentado,  
a doida sepultura,  
a cinza,  
as ruínas mais pesadas,  
com florões e frisos  
malferidos,  
sacadas arrancadas por uma negra mandíbula,  
paredes que já perderam, que não encontram  
suas janelas, suas portas,  
seus homens, suas mulheres,  
e uma montanha adentro  
de escombros amontoados,  
sofrimento e soberba confundidos  
na farinha final, no moinho  
da morte.  
Oh cidadela, oh sangue  
inutilmente desaparecido,  
talvez é esta, é esta

tua primeira vitória,  
ainda entre escombros negros  
a paz que conheceste,  
limpando as cinzas e elevando  
tua cidadela para todos os homens,  
tirando de tuas ruínas  
não os mortos,  
mas o homem comum,  
o novo homem,  
o que edificará as estruturas  
do amor e a paz e a vida.

## II

### JOVENS ALEMÃES

Como um ramo vermelho  
numa árvore queimada  
aparece e nela  
a flor do tempo brilha.  
Assim, Alemanha, em teu rosto  
queimado pela guerra,  
tua nova juventude ilumina  
as queimaduras e as cicatrizes  
do inferno passado.  
Eu recebi junto à Elba,  
junto à transparência  
de seu antigo transcurso,  
quando partindo da Boêmia  
o trem chegou à Alemanha,  
à florida juventude de agora  
com seus firmes sorrisos  
e as mãos  
cheias de flores que me davam  
rapazes e moças

carregados de lilases.

Mas não eram as flores somente  
as que davam luz sobre a água,  
era o novo brotar humano,  
o sorriso arrancado às cerejeiras,  
o direto olhar,  
as firmes mãos que apertavam as tuas,  
e os olhos diretamente azuis.

Ali tremeu a terra  
com toda a crueldade e o castigo,  
e agora,  
jovens  
da água e da terra renascidos,  
com flores na boca,  
levantando o amor sobre a terra,  
com a palavra Stalin  
em milhões de lábios,  
florescendo.

Oh prodígio,  
aqui de novo a vida,  
árvore de luz, colmeia,  
celeiro inacabável,

a paz e a vida,  
ramo e ramo,  
água e água,  
cacho com cacho,  
lá das cicatrizes derrotadas  
rumo à nova  
madureza da aurora.  
E eu esqueci as ruínas,  
o alfabeto de pedra queimada,  
a lição do fogo,  
esqueci a guerra,  
esqueci o ódio,  
porque vi a vida.  
Oh jovens,  
jovens alemães,  
novos preservadores de vossa primavera,  
firmes e francos jovens da nova Alemanha,  
olhai para o Este,  
olhai para a vasta União  
das Repúblicas amadas.  
Vede como também de suas ruínas  
amanhece na Polônia



um sorriso firme.

China, a gigantesca, sacudiu  
suas cadeias cheias de sangue  
e agora é nossa imensa irmã.

Diante de vós  
está o tesouro do mundo,  
não o antigo tesouro do saque,  
mas o novo tesouro,  
o largo espaço cheio  
de seres fraternais,  
a paz, vento de espigas, o encontro  
com o homem remoto  
que não vem para roubar-nos.

Vai passando e crescendo  
por todas as terras um fio  
de aço que cuidamos,  
o mar cantando junto ao homem  
seu eterno hino de espuma,  
e como um telegrama diário o ar  
deixando-nos notícias.

Quantas usinas novas nasceram,  
quantas escolas apagaram a sombra,

quantos rapazes sabem a partir de hoje

o idioma secreto

dos metais e das estrelas,

como tiraremos pão do planeta

para todos

e daremos frescor à terra,

velha mãe de todos os homens.

Inventaremos água nova,

arroz celeste,

motores de cristal.

Estenderemos

mais além das ilhas o espaço.

Nos desertos de fogo e areia

veremos como dança

a primavera em nossos braços, porque

nada será esquecido,

nem a terra,

nem o homem.

O homem não será esquecido

e é este o tesouro.

Jovens que do fundo

da guerra

trazeis um sorriso  
que não será afogado,  
este é o tesouro:  
não esquecer o homem.  
Porque assim é maior a terra  
que todos os astros reunidos.  
Assim crescemos cada dia e cada  
dia somos mais ricos de homens,  
temos mais irmãos,  
no ar, nas minas,  
nas altas planícies  
da Mongólia metálica.  
O homem,  
ao Este, ao Norte, ao Sul,  
ao Oeste, para cima,  
onde caminha o vento,  
o homem.  
Olha, rapaz, como te saúdam,  
olha como cresceu tua família,  
grande é a terra e tua,  
grande é a terra e minha,  
é de todos,

saúda,

saúda o mundo,

o novo mundo que nasceu

e que contigo crescerá

porque tu és semente.

Crescerás, cresceremos.

Já ninguém pode derrubar a árvore

nem cortar suas raízes

porque em teu coração estão crescendo

e a árvore encherá toda a terra

de flores e cantos e frutos.

### III

## A CIDADE FERIDA

Berlim cortado  
continuava sangrando  
secreto sangue, escura  
a noite ia e vinha.  
O resplendor do tempo  
como um relâmpago em Berlim do Este  
iluminava o passo  
dos jovens livres  
que levantavam a cidade novamente.  
Na sombra passei de lado a lado  
e a tristeza de uma idade antiga  
me encheu o coração como uma pá  
carregada de imundície.  
Em Berlim custodiava o Ocidente  
sua “Liberdade” imunda,  
e ali também estava  
a estátua com seu falso  
fanal, sua carranca leprosa  
pintada de alcoólico carmim,

e na mão o garrote  
recém-desembarcado de Chicago.  
Berlim Ocidental, com teu mercado  
de jovens rameiras  
e de soldados invasores ébrios,  
Berlim Ocidental, para vender tua pobre  
mercadoria  
saturaste os muros  
de afixos com pernas obscenas,  
de vampiras seminuas,  
e até os cigarros um sabor  
de vício negro têm.  
Os pederastas dançam apertando-se  
com os técnicos do State Department.  
As lésbicas descobriram  
seu protegido paraíso  
e seu santo: San Ridgway.  
Berlim Ocidental, és a pústula  
do rosto antigo da Europa,  
os velhos zorros nazistas  
resvalam no muco  
de tuas iluminadas ruas sujas,

e Coca-Cola e anti-semitismo  
correm em abundância  
sobre teus excrementos e tuas ruínas.  
Es a cidade maldita, filha da tartaruga Truman  
e do desterrado crocodilo hitleriano,  
e afiam-lhe os dentes,  
e dão-lhe baionetas  
enquanto o boogy-boogy  
desencadeia o fio delirante  
do mercado sexual para soldados.  
“Jovenzinha alemã  
de dezenove abris  
busca o velho senhor, ou comerciante  
estabelecido, para vender-lhe logo  
sua juventude”, diz o jornal.  
E na sombra terrível  
da noite que passa  
desembarcam os tanques.  
Os gases que assassinaram  
na metade da Europa  
voltam a serem fabricados  
com monopólio norte-americano.

Velhos carrascos nazistas  
saem de novo e ladram  
nos cafés, olfateando o sangue,  
a arte abstrata e o conflito da “alma”  
são temas das artes, salpicadas  
com sangue e sexo,  
como nos bons tempos de Adolfo  
fecham jornais e golpeiam o ventre  
de alguma mocinha comunista  
que lhes cospe no rosto.

Assim é a vida,  
e neste Berlim tombaram homens  
em todos os cachos da morte.  
Para esta cidade negra,  
pustular, venenosa,  
a Liberdade deu suas maiores veias,  
sangrando desde o Volga  
até as águas negras do Sprea.

Para este baile norte-americano  
e este garrotaço de Washington,  
lutaram, ai, lutaram  
todos os homens



de um mar até outro,  
até todas as terras e as ilhas.  
Por isso vou passo a passo  
a Berlim Oriental, também a noite  
cobre os telhados quebrados,  
mas eu vejo o sonho,  
sei que o trabalho dorme  
para na noite acumular sua força.  
Vejo os últimos jovens que cantam  
voltando das fábricas.  
Vejo  
a luz através da noite,  
a cor das flores  
que enchiam os trens quando cheguei à Alemanha.  
Respiro porque o homem  
aqui é meu irmão.  
Aqui não preparam o lobo,  
aqui não afiam os dentes  
para desenfrear a carnificina.  
Aqui cheira  
à escola varrida e regada,  
cheira a tijolos recém-transportados,

cheira à água fresca,

cheira à padaria,

cheira à verdade e a vento.

XI

**NOSTALGIAS E REGRESSOS**

**(INTERMÉDIO)**

## I

# OS REGRESSOS

No sul da Itália, na ilha,  
recém-chegado  
da Hungria deslumbrante, da abrupta  
Mongólia,  
o sol sobre o inverno,  
o sol sobre o mar do inverno.  
Outra vez,  
outra vez comecemos,  
amor, de novo façamos  
um círculo na estrela.  
Seja a luz,  
seja a transparência.  
Façamos  
um círculo no pão.  
Seja entre todos os homens  
a partilha de todos os bens.  
Faça-se a justiça,  
faremos.  
Vida,

me deste

tudo.

Afastaste de mim a solidão,

a solitária lâmpada

e o muro.

Deste-me

amor a mãos-cheias,

batalhas,

alegrias,

tudo.

E a ela me entregaste

apesar de mim.

Fechei os olhos.

Eu não queria vê-la.

Vieste

apesar disso, completa,

completa com todos os dons

e com a ferida que eu mesmo pus

dentro de ti com uma flor sangrenta

que me fez cambalear sem derrubar-me.

## II

### A PASSAGEIRA DE CAPRI

De onde, planta ou raio,  
de onde, raio negro ou planta dura,  
vinhas e vieste  
até o rincão marinho?  
Sombra do continente mais longínquo  
há nos teus olhos, lua aberta  
em tua boca selvagem,  
e teu rosto é a pálpebra de uma fruta adormecida.  
O pé acetinado de uma estrela é tua forma,  
sangue e fogo de antigas lanças há em teus lábios.  
De onde recolheste  
pétalas transparentes  
de manancial, de onde  
trouxeste a semente  
que reconheço? E depois  
o mar de Capri em ti, mar estrangeiro,  
por trás de ti as rochas, o azeite,  
a reta claridade bem construída,  
mas tu, eu conheço,

conheço essa rosa,  
conheço o sangue dessa rosa,  
sei que a conheço,  
sei de onde vem,  
e piso o ar livre de rios e cavalos  
que tua presença traz à minha memória.

Tua cabeleira é uma carta vermelha  
cheia de bruscos beijos e notícias,  
tua afirmação, tua investidura clara  
falam-me no meio-dia,  
na meia-noite chamam à minha porta  
como se adivinhassem  
aonde querem regressar meus passos.

Talvez, desconhecida,  
o sal de Maracaibo  
ressoa em tua voz enchendo-a de sonho,  
ou o frio vento de Valparaiso  
sacudiu tua razão quando crescias.

O certo é que hoje, olhando-te ao passar  
entre as aves de peito rosado  
dos farelhões de Capri,  
a labareda de teus olhos, algo

que vi voar lá de teu peito, o ar  
que rodeia tua pele, a luz noturna  
que de teu coração sem dúvida sai,  
algo chegou à minha boca  
com um sabor de flor que conhecia,  
algo tingiu meus lábios com o licor escuro  
das plantas silvestres de minha infância,  
e eu pensei: esta dama,  
ainda que o clássico azul derrame todos  
os cachos do céu em sua garganta,  
ainda que por trás dela os templos  
nimbem com sua brancura coroada  
tanta formosura,  
ela não é, ela é outra,  
algo crepita nela que me chama:  
toda a terra que me deu a vida  
está neste olhar, e estas mãos  
sutis  
recolheram a água na vertente  
e estes mínimos pés foram medindo  
as vulcânicas ilhas de minha pátria.  
Oh tu, desconhecida, doce e dura,



quando já teu passo  
desceu até perder-se,  
e só as colunas  
do templo roído e a safira verde  
do mar que canta em meu desterro  
ficaram sós, sós  
comigo e com tua sombra,  
meu coração deu um grande latejo,  
como se uma enorme pedra sustentada  
na invisível altura  
caísse de repente  
sobre a água e saltassem as espumas.  
E despertei de tua presença então  
com o rosto regado  
pelo teu borrifo,  
água e aroma e sonho,  
distância e terra e onda!

### III

## QUANDO DO CHILE

Oh Chile, longa pétala  
de mar e vinho e neve,  
ai quando  
ai quando e quando  
ai quando  
me encontrarei contigo,  
enrolarás tua cinta  
de espuma branca e negra em minha cintura, desencadearei minha poesia  
sobre teu território.

Há homens  
metade peixe, metade vento,  
há outros homens feitos de água.

Eu estou feito de terra.

Vou pelo mundo  
cada vez mais alegre:  
cada cidade me dá uma nova vida.

O mundo está nascendo.

Mas se chove em Lota  
sobre mim tomba a chuva,

se em Lonquimay a neve  
resvala das folhas  
chega a neve onde estou.  
Cresce em mim o trigo escuro de Cautín.  
Eu tenho uma araucária em Villarrica,  
tenho areia no Norte Grande,  
tenho uma rosa ruiva na província,  
e o vento que derruba  
a última onda de Valparaíso  
bate-me no peito  
com um ruído quebrado  
como se ali tivesse  
meu coração uma janela rota.  
O mês de outubro chegou faz  
tão pouco tempo do passado outubro  
que quando este chegou foi como se  
me estivesse olhando o tempo imóvel.  
Aqui é outono. Cruzo  
a estepe siberiana.  
Dia após dia tudo é amarelo,  
a árvore e a usina,  
a terra e o que nela o homem novo cria:

há ouro e chama vermelha,  
amanhã imensidade, neve, pureza.  
Em meu país a primavera  
vem de norte a sul com sua fragrância.  
É como uma moça  
que pelas pedras negras de Coquimbo,  
pela margem solene da espuma  
voa com pés nus  
até os arquipélagos feridos.  
Não só território, primavera,  
plenificando-me, ofereces.  
Não sou um homem sozinho.  
Nasci no sul. Da fronteira  
trouxe as solidões e o galope  
do último caudilho.  
Mas o Partido me desceu do cavalo  
e me tornou homem, e andei  
os areais e as cordilheiras  
amando e descobrindo.  
Povo meu, verdade que na primavera  
soa meu nome em teus ouvidos  
e me reconheces

como se fosse um rio  
que passa por tua porta?  
Sou um rio. Se escutas  
pausadamente sob os saleiros  
de Antofagasta, ou melhor  
ao sul de Osorno  
ou rumo à cordilheira, em Melipilla,  
ou em Temuco, na noite  
de astros molhados e loureiro sonoro,  
pões sobre a terra teus ouvidos,  
escutarás que corro  
submergido, cantando.  
Outubro, oh primavera,  
devolve-me a meu povo.  
Que farei sem ver mil homens,  
mil moças,  
que farei sem conduzir sobre meus ombros  
uma parte da esperança?  
Que farei sem caminhar com a bandeira  
que de mão em mão na fila  
de nossa longa luta  
chegou às mãos minhas?

Ai Pátria, Pátria,  
ai Pátria, quando  
ai quando e quando  
quando  
me encontrarei contigo?  
Longe de ti  
metade de terra tua e homem teu  
continua sendo,  
e outra vez hoje a primavera passa.  
Mas eu com tuas flores me completei,  
com tua vitória vou para frente  
e em ti persistem vivendo minhas raízes.

Ai quando  
encontrarei tua primavera dura,  
e entre todos os teus filhos  
vagarei pelos teus campos e tuas ruas  
com meus sapatos velhos.

Ai quando  
irei com Elias Lafferte  
por todo o pampa dourado.

Ai quando te apertarei a boca,  
chilena que me esperas,

com meus lábios errantes?

Ai quando

poderei entrar na sala do Partido  
para sentar-me com Pedro Fogueiro,  
com o que não conheço e no entanto  
é mais irmão meu que meu irmão.

Ai quando

me tirará do sonho um trovão verde  
de teu manto marinho.

Ai quando, Pátria, nas eleições  
irei de casa em casa recolhendo  
a liberdade temerosa  
para que grite no meio da rua.

Ai quando, Pátria,

te casarás comigo  
com olhos verde-mar e vestido de neve  
e teremos milhões de filhos novos  
que entregarão a terra aos famintos.

Ai Pátria, sem farrapos,

ai primavera minha,

ai quando

ai quando e quando

despertarei em teus braços  
empapado de mar e de orvalho.  
Ai quando eu estiver perto  
de ti, te agarrarei pela cintura,  
ninguém poderá tocar-te,  
eu poderei defender-te  
cantando,  
quando  
for contigo, quando  
vieres comigo, quando  
ai quando.



## IV

# O CINTURÃO

Carlos Augusto me mandou  
um cinturão de couro de Orinoco.  
Agora na cintura  
levo um rio,  
aves nupciais que em seu vôo levantam  
as pétalas da espessura,  
o longo trovão que perdi na infância  
hoje o levo amarrado,  
cosido com relâmpagos e chuva,  
subjugando minhas velhas calças.  
Couro de litoral, couro de rio,  
te amo e toco,  
és flor e madeira, sáurio e lodo,  
és argila extensa.  
Passo minha mão sobre tuas rugas  
como sobre minha pátria. Tens lábios  
de um beijo que me busca.  
Mas não só amor, oh terra, tens,  
sei que também me guardas

a dentada, o fio, o extermínio  
que perguntam por mim todos os dias,  
porque tua costa, América, não tem apenas plumas  
de um leque incendiário,  
não tem só açúcar luminoso,  
frutas que pestanejam,  
mas o venenoso sussurro  
da facada secreta.

Aqui só  
me provou o rio:  
não fica mal em minha cintura.

O Orinoco  
é como um nome que me falta.  
Eu me chamo Orinoco,  
devo ir com a água na cintura,  
e desde agora  
esta linha de couro  
crescerá com a lua,  
abrirá seus estuários na aurora,  
caminhará as ruas  
comigo e entrará nas reuniões  
recordando-me

de onde sou: das terras abruptas  
de Sinaloa e de Magallanes,  
das pontas de ferro andino,  
das ilhas de furacão,  
porém mais que todos os lugares,  
do rio caimão verde,  
do Orinoco, envolto  
pelas suas respirações,  
que entre suas duas margens sempre recém-bordadas  
vai estendendo seu canto pela terra.

Carlos Augusto, obrigado,  
jovem irmão, porque no meu exílio  
a água pátria me mandaste. Um dia  
verás aparecer na corrente  
do rio  
que desatada corre e nos reúne,  
um rosto, nosso povo,  
alto e feliz cantando com as águas.  
E quando esse rosto nos fitar  
pensaremos “fizemos nossa parte”  
e cantaremos com nossos rios,  
com nossos povos cantaremos.



## V

### UM DIA

A ti, amor, este dia

a ti o consagro.

Nasceu azul, com uma asa

branca na metade do céu.

Chegou a luz

na imobilidade dos ciprestes.

Os seres diminutos

saíram na margem de uma folha

ou na mácula do sol numa pedra.

E o dia continua azul

até que entre na noite como um rio

e faça tremer a sombra com suas águas azuis.

A ti, amor, este dia.

Apenas, de longe, lá do sonho,

o pressenti e apenas

me tocou seu tecido

de rede incalculável

eu pensei: é para ela.

Foi um latejo de prata,

foi sobre o mar voando um peixe azul,  
foi um contato de areias deslumbrantes,  
foi o voo de uma flecha  
que entre o céu e a terra  
atravessou meu sangue  
e como um raio recolhi em meu corpo  
a desbordada claridade do dia.

É para ti, amor meu.

Eu disse: é para ela.

Este vestido é seu.

O relâmpago azul que se deteve  
sobre a água e a terra  
a ti consagro.

A ti, amor, este dia.

Como uma taça elétrica  
ou uma corola de água trêmula,  
levanta-o em tuas mãos,  
bebe-o com os olhos e a boca,  
derrama-o em tuas veias para que arda  
a mesma luz em teu sangue e no meu.

E te dou este dia

com tudo o que traga:

as transparentes uvas de safira  
e a aragem rompida  
que acerca de tua janela as dores do mundo.

Eu te dou todo o dia.

De claridade e de dor faremos  
o pão de nossa vida,  
sem afastar o que nos traga o vento  
nem recolher somente a luz do céu,  
mas as cifras ásperas  
da sombra na terra.

Tudo te pertence.

Todo este dia com seu azul cacho  
e a secreta lágrima de sangue  
que descobrirás na terra  
E não te cegará a escuridão  
nem a luz deslumbrante:  
deste amassilho humano  
estão feitas as vidas  
e deste pão do homem comeremos.

E nosso amor feito de luz escura  
e de sombra radiante  
será como este dia vencedor

de claridade no meio da noite.

Toma este dia, amada.

Todo este dia é teu.

Se o dou a teus olhos, amor meu,

se o dou a teu peito,

deixo-o nas mãos e no pêlo

como um ramo celeste.

Dou-o a ti para que faças um vestido

de prata azul e de água.

Quando chegar

a noite que este dia inundará

com sua rede trêmula,

estende-te junto a mim,

toca-me e cobre-me

com todos os tecidos estrelados

da luz e a sombra

e fecha teus olhos então

para que eu adormeça.



**XII**

**A FLOR DE SEDA**

## I

# O LÍRIO DISTANTE

Coréia, tua morada  
era um jardim ativo  
de novas flores que se construíam.

Era tua paz de seda  
um manto verde,  
um lírio que elevava  
seu rápido relâmpago amarelo.

Da Ásia recolhias  
a luz desenterrada.

Ias tecendo  
com fios anteriores  
a nova trama do vestido novo.

Teu traje de boneca ensanguentada

ia-se mudando em calça de usina  
e os fios de seda  
recolhiam o caudal das cascatas,  
carregavam as palavras no vento.

Querias com tuas mãos  
cortar tua própria estrela e elevá-la  
na edificação do firmamento.

## II

# OS INVASORES

Vieram.

Os que arrasaram  
antes a Nicarágua.

Os que roubaram o Texas.

Os que humilharam Valparaiso.

Os que com garras sujas  
apertam a garganta  
de Porto Rico.

À Coréia chegaram.

Chegaram.

Com napalm e com dólares,  
com destruição, com sangue,  
com cinzas e lágrimas.

Com a morte.

Chegaram.

À mãe e ao menino  
queimaram vivos na aldeia.

À escola florida  
dirigiram  
seu petróleo ardendo.

Para destruir as vidas e a vida.

Para buscar desde o ar  
até o último  
pastor nas montanhas  
e matá-lo.

Para cercar os seios  
da radiante guerrilheira.

Para matar prisioneiros em seus leitos.

Chegaram.

E súbito não houve senão morte.

Fumaça, cinzas, sangue, morte.

### III

## A ESPERANÇA

Em todo o tempo o homem  
dá sua prova.

Parece que se extinguem  
de repente as sementes e as lâmpadas  
e não é verdade.

Então

aparece

um homem, uma nação, uma bandeira,

uma bandeira que não conhecíamos,

e sobre o mastro

e a cor que ondula,

mais alta que o sangue,

volta a viver a luz entre os homens

e a semente volta a ser semeada.

Honra a ti, Coréia,  
mãe de nossa época,  
mãe nossa de lábios arrasados,  
mãe nossa cortada no martírio,  
mãe queimada em todas as suas aldeias,  
mãe cinza, mãe escombros, mãe pátria!



## IV

### TEU SANGUE

Sim, sabemos,  
sim, sabemos tudo.  
Teus filhos mortos e tuas filhas mortas  
estivemos contando-os  
um por um cada longa noite.  
Não há número nem há nome  
para tantas dores,  
mas tampouco há número  
para o que nos deste,  
para os dessangrados  
heróis que nesta hora  
puseram em tuas mãos,  
Coréia,  
o tesouro orgulhoso,

a liberdade, não só  
tua liberdade, Coréia,  
mas a liberdade inteira,  
a de todos,  
a liberdade do homem.

V

## A PAZ QUE TE DEVEMOS

A teu sangue, Coréia,  
defensora  
de flores,  
deve a paz do mundo.

Com teu sangue, Coréia,  
com tua trágica mão desgarrada,  
nos defendeste a todos!

Com teu sangue, Coréia,  
em minha época, nestes anos duros,  
a liberdade pôde dizer teu nome  
e continuar sua herança.

As lâmpadas

continuarão acesas

e as sementes buscarão a terra.

**XIII**

**PASSANDO PELA NÉVOA**

# I

## LONDRES

Na alta noite, Londres,  
apenas entrevista,  
olhos inumeráveis,  
dura secreta sombra,  
tendas cheias de cadeiras,  
cadeiras e cadeiras, cadeiras.  
O céu negro  
sentado sobre Londres,  
sobre sua névoa negra,  
sapatos e sapatos,  
rio e rio,  
ruas desmornadas pelos dentes  
da miséria cor de ferro,  
e sob a imundície

o poeta Eliot  
com seu velho fraque  
lendo aos vermes.  
Perguntaram-me quando  
nasci, por que vinha  
perturbar o Império.  
Tudo era polícia  
com livros e matracas.  
Perguntaram-me  
pelo meu avô e meus tios,  
pelos meus pessoalíssimos assuntos.  
Eram frias  
as jovens facas  
sobre as quais  
senta-se  
senta  
senta  
a matrona Inglaterra,  
sempre sentada  
sobre milhões de rasgões,  
sobre pobres nações andrajosas,  
sentada

sobre seu oceano  
de reservado uso pessoal,  
oceano  
de suor, sangue e lágrimas  
de outros povos.

Ali sentada  
com suas velhas rendas  
tomando chá e ouvindo  
os mesmos relatos tontos  
de princesas,  
coroações  
e duques conjugais.

Tudo acontece entre fadas.

Enquanto isso  
ronda a morte com chapéu  
vitoriano  
e esqueleto listrado  
pelas enegrecidas bicheiras  
dos negros subúrbios.

Enquanto isso  
a polícia te interroga:  
é a palavra paz a que lhes crava



como uma baioneta.

Esta palavra paz

eles quiseram

enterrá-la,

porém

não podem por ora.

Deitam-lhe sombra em cima,

névoa

de polícia,

amarram-na e a encerram,

a golpeiam,

a salpicam de sangue e martírio,

a interrogam,

deitam-na ao mar profundo

com uma pedra em cada

sílaba,

a queimam com um ferro,

com um sabre

a cortam,

atiram-lhe vinagre, fel, mentira,

a empacotam, enchem-na de cinza, a precipitam.

Mas então

voa

de novo

a pomba:

é a palavra paz com plumas novas,

é o jasmim do mundo

que avança com suas pétalas,

é a estrela do sonho e do trabalho,

a ave branca

de voo imaculado,

a rosa que navega,

o pão de todas as vidas,

a estrela de todos os homens.

## II

# O GRANDE AMOR

No entanto,  
Inglaterra,  
há algo de caoba  
em tua cintura,  
velha madeira usada  
pela mão do homem,  
banco de igreja, coro  
de catedral na névoa.  
Algo  
a ti nos une,  
há algo  
contido  
de trás de tuas janelas,  
um vento brusco, uma ave

de litoral selvagem,  
uma melancolia matutina,  
algo impossivelmente solitário.

Amei a vida  
de teus homens, falsos  
conquistadores conquistados,  
derramados rumo aos quatro ventos do planeta  
para encher teu cofre. No entanto,  
se o ouro os moveu com sua onda negra  
não só foram isso  
mas seres,  
tímidos seres em trevas, só,  
enquanto o estandarte com leões  
sufocava a luta dos povos.

Pobres meninos ingleses, amos pobres  
de um mundo debulhado,  
eu sei que entre vós  
é natural  
o rouxinol terrestre.

Shelley canta na chuva  
e decora a chuva

sua citara escarlate.

Nasce em teu litoral o agressivo  
punhal de proa rumo a todos os mares,  
mas em tua areia o perseguido  
encontrou o pão e construiu sua casa.

Lenin sob a névoa  
entrando no Museu  
em busca de uma linha,  
de uma data, de um nome,  
enquanto toda a terra  
parecia oprimida,  
solidão sozinha, etapa impenetrável,  
ali, com seus óculos  
e seu livro,  
Lenin,  
mudando em luz a névoa.

E então, isso eras,  
Inglaterra,  
torre de asilo,  
catedral de refúgio,  
e os que agora

fecham com a polícia  
as linhas, as palavras,  
o tesouro  
das sabedorias que resguardas,  
os que recusam tua areia  
ao peregrino da luz errante,  
não são dignos  
de tua antiga verdade, de tua madeira,  
mas te esfaqueiam,  
matam em ti o que te resguardava,  
não coração, mas o decoro.

Pátria de aves marinhas,  
me ensinaste  
quanto sei dos pássaros.  
Mostraste-me a escama  
polida dos peixes,  
o tesouro plenário  
da natureza,  
foste catalogando rios, flores,  
moluscos e vulcões.  
Nas encarniçadas

regiões de minha pátria  
chegou Darwin o jovem,  
com sua lâmpada  
e sua luz alumiou sob a terra  
e sob o mar profundo  
tudo o que temos:  
plantas, metais, vidas  
que tecem a estrutura  
de nossa obscura estrela.

Mais tarde Hudson  
nas campinas  
se ocupou dos pássaros que haviam  
sido esquecidos pelos livros  
e com eles  
encheu a geografia  
que nos está parindo pouco a pouco.  
Inglaterra,  
és doce  
descobridora  
de plumas e raízes,  
pudeste

ser o conhecimento enamorado,

e agora

por que permites

que em tua beira

vivam os destruidores de aves,

os rapaces, os enterradores?

Foste

penetradora

do mais secreto

labirinto

da vida e as vidas,

e agora,

quando escutamos

tua voz

ouvimos a cinza,

a destruição do pó, a agonia.

Eu sei que cantas

e és

singela como tua perdida gente

de subúrbios e minas,

grave e crepitante

como o carvão que escavas.



Peço-te,

Inglaterra,

que voltes

a ser

inglesa,

me ouves?

Sim, que sejas

inglesa,

que não te macaquizem,

que não te policiem, que respires,

que sejas e que sejas

o que tens sido

em teu campo e teus povoados,

horto frutal de pássaros e gentes,

humanidade simples,

refugio dos homens perseguidos,

descobridora de aves.

Inglaterra,

peço-te

que sejas uma rainha das ilhas,

não uma vassala insular,  
que obedeças  
a teu coro de pássaros marinhos,  
a tua simples estirpe  
mineira e marinheira.

Eu vou dizer-te em segredo  
que desejamos amar-te.

E difícil,  
tu sabes

quantas coisas ocorreram  
nos distantes territórios,  
sangue, explorados,  
etcetera e etcetera.

E então, agora,  
na hora do amor  
te queremos amar.

Prepara-te como antes  
para o amor que volta,  
para o amor que sobe  
na onda mais alta  
do oceano humano.

Prepara-te

na paz,  
e então,  
volta a ser o que amamos,  
homens como nós,  
terra como a nossa,  
isso é o que desejamos.

Todos  
vivemos  
na terra  
sob os mesmos bosques,  
sobre a mesma areia.

Não podemos  
contrariar o outono,  
ou lutar  
contra a primavera,  
temos  
que viver  
sobre as mesmas ondas.  
São nossas, dos homens,  
dos meninos.

Todas  
as ondas,  
não têm selo algum,  
nem a terra  
tem selo,  
por isso  
homens de tantas raças e regiões  
nesta época  
da fertilidade, dos destinos  
e das invenções,  
podemos descobrir  
o grande amor  
e implantá-lo  
sobre os mares e sobre a terra.

**XIV**

**A LUZ QUEIMADA**

## I

### A CHAMA NEGRA

Está a rosa de hoje no anúncio  
de ontem sobre o ramo.

É só claridade, luz construída,  
borbotão de beleza,  
pequeno raio vermelho  
levantado na terra.

Os pinheiros no vento  
derramam seu som e suas agulhas,  
o sal do mar recolhe  
o peso azul, opressor do céu.

De paz é este dia  
largo e aberto e claro  
como o novo edifício de uma escola.

De paz está feito o vento  
que atravessa a altura dos pinheiros.  
De paz, meu amor, é esta  
luz de tua cabeleira  
que cai sobre minhas mãos  
quando reclinas a cabeça e fechas,  
por um só minuto,  
as portas da terra,  
do mar e dos pinheiros.  
Não é pétala, não é rosa,  
não é labareda negra:  
é sangue, agora,  
neste dia mais além do vento.

## II

### A TERRA TEMPESTUOSA

Amor, amor, agora

furada com teus olhos

a espessura.

É no Vietnam, um acre

olor de luz queimada,

um vento de perfume e sepultura.

Avança

com teus olhos,

abre entre lianas e canaviais

o caminho do raio de teus olhos.

Vejo

os heróis

desgarrados,

de sol a sol, sem noite, sem orvalho,



pequenos capitães  
do suor e a pólvora  
defendendo a pele emaranhada,  
a terra tempestuosa,  
as flores da pátria.  
Jovens do Vietnam escurecidos  
pela selva, pelo silêncio e pela mentira:  
eu não mereço o mar,  
não mereço  
este dia de paz e de jasmins.  
Para vós é, para vós,  
o tesouro terrestre,  
para todos  
os que do invasor e de seu fogo  
centímetro a centímetro,  
com seu sangue e seus ossos,  
reconquistam a pátria.  
Para eles  
a paz do dia e a paz da manhã  
que entrelaçadas  
num rincão de selva ou de cimento  
as teremos conquistado

para todos os homens.

**XV**

**A LÂMPADA MARINHA**

## I

# O PORTO COR DE CÉU

Quando tu desembarcas  
em Lisboa,  
céu celeste e rosa rosa,  
estruque branco e ouro,  
pétalas de ladrilho,  
as casas,  
as portas,  
os telhados,  
as janelas  
salpicadas do ouro limoeiro,  
do azul ultramar dos navios.  
Quando desembarcas  
não conheces,  
não sabes que detrás das janelas  
escutam,

rondam  
carcereiros de luto,  
retóricos, corretos,  
arreiando presos às ilhas,  
condenando ao silêncio,  
pululando  
como esquadras de sombras  
sob janelas verdes,  
entre montes azuis,  
a polícia  
sob as outonais cornucopias  
buscando portugueses,  
rasgando o solo,  
destinando os homens à sombra.

## II

### A CITARA ESQUECIDA

Oh Portugal formoso,  
cesta de fruta e flores,  
emerges  
na margem prateada do oceano,  
na espuma da Europa,  
com a citara de ouro  
que te deixou Camões,  
cantando com doçura,  
espargindo nas bocas do Atlântico  
teu olor tempestuoso de vinhedos,  
de acasos marinhos,  
tua luminosa lua entrecortada  
por nuvens e tormentas.



### III

## OS PRESIDIOS

Porém,  
português da rua,  
entre nós,  
ninguém nos escuta,  
sabes  
onde  
está Álvaro Cunhal?  
Reconheces a ausência  
do valente  
Militão?  
Moça portuguesa,  
passas como bailando  
pelas ruas  
rosadas de Lisboa,



porém,  
sabes onde caiu Bento Gonçalves,  
o português mais puro,  
a honra de teu mar e de tua areia?

Sabes  
que existe  
uma ilha,  
a Ilha do Sal,  
e Tarrafal nela  
verte sombra?

Sim, o sabes, moça,  
rapaz, sim, o sabes.

Em silêncio  
a palavra  
anda com lentidão mas percorre  
não só Portugal, mas a terra.

Sim sabemos,  
em remotos países,  
que há trinta anos  
uma lápide  
espessa como tumba ou como túnica  
de clerical morcego

afoga, Portugal, teu triste gorjeio,  
borrifa tua doçura  
com gotas de martírio  
e mantém suas cúpulas de sombra.

## IV

### O MAR E OS JASMINS

De tua mão pequena em outra hora

saíram criaturas

debulhadas

no espanto da geografia.

Assim voltou Camões

para deixar-te um ramo de jasmins

que continuou florescendo.

A inteligência ardeu como uma vinha

de transparentes uvas

em tua raça.

Guerra Junqueiro entre as ondas

deixou tombar seu trovão

de liberdade bravia

que transportou o oceano em seu canto,

e outros multiplicaram  
teu esplendor de roseiras e cachos  
como se de teu território estreito  
brotassem grandes mãos  
derramando sementes  
para toda a terra.

No entanto,  
o tempo te enterrou.  
O pó clerical  
acumulado em Coimbra  
caiu em teu rosto  
de laranja oceânica  
e cobriu o esplendor de tua cintura.

V

## A LÂMPADA MARINHA

Portugal,  
volta ao mar, a teus navios,  
Portugal, volta ao homem, ao marinheiro,  
à tua terra volta, à tua fragrância,  
à tua razão livre no vento,  
de novo  
à luz matutina  
do cravo e a espuma.  
Mostra-nos teu tesouro,  
teus homens, tuas mulheres.  
Não escondas mais teu rosto  
de embarcação valente  
posta nas avançadas do oceano.  
Portugal, navegante,

descobridor de ilhas,  
inventor de pimentas,  
descobre o novo homem,  
as ilhas assombradas,  
descobre o arquipélago no tempo.

A súbita  
aparição  
do pão  
sobre a mesa,  
a aurora,  
descobre-a,  
descobridor de auroras.

Como é isto?

Como podes negar-te  
ao céu da luz, tu, que mostraste  
caminhos aos cegos?

Tu, doce e férreo e velho,  
estreito e largo pai  
do horizonte, como

podes trancar a porta  
aos novos cachos  
e ao vento com estrelas do Oriente?

Proa da Europa, busca  
na corrente  
as ondas ancestrais,  
a marítima barba  
de Camões.

Rompe  
as teias de aranha  
que cobrem teu fragrante arvoredado,  
e então  
a nós os filhos de teus filhos,  
aqueles para os quais  
descobriste a areia  
até então obscura  
da geografia deslumbrante,  
mostra-nos que podes  
atravessar de novo  
o novo mar escuro  
e descobrir o homem que nasceu

nas ilhas maiores da terra.

Navega, Portugal, a hora

chegou, levanta

tua estatura de proa

e entre as ilhas e os homens volta

a ser caminho.

Nesta idade conjuga

tua luz, volta a ser lâmpada:

aprenderás de novo a ser estrela.



**XVI**

**A TERRA E A PINTURA**

## I

### CHEGADA A PORTO PICASSO

Desembarquei em Picasso às seis dos dias de outono,  
recém

o céu anunciava seu desenvolvimento rosa, olhei ao  
redor, Picasso

se estendia e acendia como o fogo do amanhecer. Longe atrás  
ficavam as cordilheiras azuis e entre elas levantando-se no vale o Arlequim  
de cinza.

Eis aqui: eu vinha de Antofagasta e de Maracaibo, eu vinha de Tucumán  
e da terceira Patagônia, aquela de dentes gelados roídos pelo trovão, aquela  
de bandeira submersa na neve perpétua.

E eu então desembarquei, e vi grandes mulheres de cor de maçã  
nas margens de Picasso, olhos desmedidos, braços que reconheci:  
talvez a Amazônia, talvez era a Forma.

E ao oeste eram saltimbancos desvalidos rodando para o amarelo,  
e músicos com todos os quadros da música, e ainda mais,  
além a geografia  
povoou-se de uma desgarrada emigração de mulheres, de arestas,  
de pétalas e chamas,  
e no meio de Picasso entre as duas planícies e a árvore de vidro.  
vi uma Guernica em que permaneceu o sangue como um  
grande rio, cuja corrente  
se converteu na taça do cavalo e a lâmpada:

ardente sangue sobe aos focinhos,  
úmida luz que acusa para sempre.

Assim, pois, nas terras de Picasso de Sul a Oeste,  
toda a vida e as vidas faziam de morada  
e o mar e o mundo ali foram acumulando  
seu cereal e sua salpicadura.

Encontrei ali o arranhado fragmento  
do giz, a casca do cobre,  
e a ferradura morta que lá de suas feridas  
para a eternidade dos metais cresce,

e vi a terra entrar como o pão nos fornos  
e a vi aparecer com um filho sagrado.

Também o galo negro de encefálica espuma  
encontrei, com um ramo de arame e arrabaldes,  
o gato azul com seu leque de unhas,  
o tigre adiantado sobre os esqueletos.

Eu fui reconhecendo as marcas que tremeram  
na foz da água em que nasci.

Primeiro foi esta pedra com espinhos, ali onde  
sobressaiu, ilusório, o ramo desgarrado  
e a madeira em cuja rota genealogia  
nascem as brucas aves de meu fogo natal.

Mas o touro assomou lá dos corredores  
no centro terrestre, eu vi sua voz, chegava  
escavando as terras de Picasso, cobria  
a efígie com os mantos da tinta violeta,  
e vi chegar o colo de sua escura catástrofe  
e todos os bordados de sua baba invencível.

Picasso de Altamira, Touro do Orinoco,  
torres de águas pelo amor endurecidas,  
terra de minerais mãos que converteram  
como o arado, em parto a inocência do musgo.

Aqui está o touro de quem a cauda arrasta  
o sal e a aspereza, e em seu rodo  
treme o colar da Espanha com um ruído seco,  
como um saco de ossos que a lua derrama.

Oh circo em que a seda continua ardendo  
como um esquecimento de papoulas na areia  
e já não há senão dia, tempo, terra, destino  
para enfrentar, touro do ar desaguado.

Esta corrida tem todo o lilás luto,  
a bandeira do vinho que rompeu as vasilhas:  
e ainda mais: é a planta de pó do arrieiro  
e as acumuladas vestiduras que guardam  
o distante silêncio da carnificina.

Sobe Espanha por estas escadas, rugas  
de ouro e de fome, e o rosto fechado da cólera  
e ainda mais, examinai seu leque: não há pálpebras.

Há uma negra luz que nos fita sem olhos.

Pai da Pomba, que com ela  
desprendida na luz chegaste ao dia,  
recém-fundada em seu papel de rosa,  
recém-limpa de sangue e de orvalho,  
na clara reunião das bandeiras.

Paz ou pomba, gesto radiante!

Círculo, reunião do terrestre!

Espiga pura entre as flechas rubras!

Súbita direção da esperança!

Contigo estamos no fundo revolto  
da argila, e hoje no duradouro  
metal da esperança.

“É Picasso”,

diz a pescadora, atando prata,

e o novo outono arranha

o estandarte

do pastor: o cordeiro que recebe uma folha

do céu em Vallauris,

e ouve passar as agremiações em sua colméia, perto  
do mar e sua coroa de cedro simultâneo.

Forte é nossa medida quando  
arrojamos — amando o simples homem —  
tua brasa na lança, na bandeira.

Não estava nos desígnios do escorpião teu rosto.

Quis morder às vezes e encontrou teu cristal  
desmedido,

tua lâmpada sob a terra,

e então?

Então pela margem da terra crescemos,  
rumo à outra margem da terra crescemos.

Quem não escuta estes passos ouve teus passos. Ouve  
lá da infinidade do tempo este caminho.

Larga é a terra. Não está tua mão sozinha.

Ampla é a luz. Acende-a sobre nós.

## II

### A GUTUSSO, DA ITÁLIA

Gutusso, até tua pátria chegou a cor azul  
para saber como é o vento e para conhecer a água.

Gutusso, de tua pátria veio a luz  
e pela terra foi nascendo o fogo.

Em tua pátria, Gutusso, a lua tem cor  
de uvas brancas, de mel, de limões caídos,  
mas não há terra,  
mas não há pão!

Tu dás a terra, o pão, em tua pintura.

Bom padeiro, dá-me tua mão que levanta  
sobre nossas bandeiras a rosa da farinha.  
Agrônomo, pintaste a terra que repartes.



Pescador, tua colheita palpitante  
sai de teus pincéis rumo às casas pobres.  
Mineiro, perfuraste com uma flor de ferro  
as escurezas, e voltas com o rosto manchado  
para dar-nos a dureza da noite escavada.  
Soldado, trigo e pólvora na tela,  
defendes o caminho.

Labregos do Sul, rumo à terra, em teus quadros!  
Gente sem terra, rumo à estrela terrestre!  
Homens sem rostos que em tua pintura têm nome!  
Pálpebras do combate que avançam para o fogo!  
Pão da luta, punhos da cólera!  
Corações de terra coroados  
pela eletricidade das espigas!  
Grave passo do povo para o amanhã,  
para a decisão, para ser homens,  
para semear, para ordenhar deixando  
em tua pintura seu primeiro retrato.

Estes — como se chamam? Lá dos velhos muros  
de tua pátria perguntam os senhores

de grande colar e de maligna espada  
— quem são? E de sua rotunda —  
seios de açúcar — a imperial Paulina,  
nua e fria — quem são?, pergunta.

— Somos a terra, dizem as enxadas.

— Hoje existimos, diz o segador.

— Somos o povo, canta o dia.

Eu te pergunto — estamos sós? E me responde um rosto  
que deixaste entre outros camponeses: Não é certo!

Já não é verdade que tu, solitário violino,  
ineficaz noturno, fitando-te o espectro,  
queres voar sem que os pés conservem  
fragmentos, terra, bosques e batalhas!

Ai, com estes sapatos marchei contigo  
medindo sementeiras e mercados!

Eu conheci um pintor da Nicarágua. As árvores  
ali são tempestuosas e desatam suas flores  
como vulcões verdes. Os rios aniquilam  
em sua corrente rios sobrepostos  
de borboletas e os cárceres  
estão cheios de gritos e de feridas!

E este pintor chegou a Paris, e então  
pintou um pontinho de cor ocre pálido  
numa tela branca, branca, branca,  
e a este pôs um marco, marco, marco.

Ele veio ver-me então e eu me senti triste,  
porque detrás do pequeno homenzinho e seu ponto  
Nicarágua chorava, sem que ninguém a ouvisse,  
Nicarágua enterrava suas dores  
e suas carnificinas na selva.

Pintura, pintura para nossos heróis, para nossos mortos!

Pintura cor de maçã e de sangue para nossos povos!

Pintura com os rostos e as mãos que conhecemos e que não queremos esquecer! E que surja a cor das reuniões, o movimento das bandeiras, as vítimas da polícia.

Que sejam louvadas e pintadas e escritas

as reuniões de trabalhadores, o meio-dia da greve,

o tesouro dos pescadores, a noite do fogueiro,

os passos da vitória, a tempestade da China,

a respiração ilimitada da União Soviética,

e o homem: cada homem com seu ofício e sua lâmpada, com a segurança de sua terra e seu pão.

Abraço-te, irmão, porque cumpres em tua areia o destino de luta e luz da Itália.

Que o trigo de amanhã

pinte sobre a terra com suas linhas de ouro

a paz do povo.

Então, quando o ar

numa onda remover a colheita do mundo, cantará o pão em todas as campinas.

**XVII**

**O MEL DA HUNGRIA**

## I

### EU VINHA DE LONGE

Eu trazia às costas  
um saco  
de negros sofrimentos,  
a noite das minas  
de minha pátria.  
Quando o carvão  
de Lota  
na locomotiva  
arde,  
se põe rubro  
e queima  
não é fogo,  
é sangue,  
sangue dos mineiros de minha pátria,

escuro sangue que acusa.

E assim

dobrado

sob meu saco negro

de sangue e de carvão fui transgredindo

os caminhos da Europa,

a lua de prata gasta

pelos olhos humanos,

as velhas pontes quebradas

pela guerra,

as cidades vazias

com suas janelas ocas

e seus escombros onde o pasto cresce,

as urtigas,

o triste saramago,

com medo,

sem raízes.

Assim vaguei pelas ruas bombardeadas

buscando a verde esperança,

até que a encontrei

vestida de água e de ouro

nas margens duplas

de Budapeste um dia.



## II

### CRESCEM OS ANOS

Hungria,

duplo é teu rosto como uma medalha.

Eu te encontrei no verão

e era

teu perfil bosque e trigo:

o rápido verão

com seu manto de ouro

teu doce corpo verde recobria.

Mais tarde

te vi cheia de neve,

oh bela rosada

de dentes brancos e coroa branca,

estrela do inverno,

pátria da brancura!

E assim teu duplo rosto de medalha  
amei passando sobre tuas pupilas  
meus beijos bem-vindos na aurora,  
porque construías  
o sol que ia nascendo,  
tua bandeira,  
o passo de teu povo  
nas estepes,  
as ferramentas puras  
da libertação, o aço  
com que se forjaram as estrelas.

Junto a mim cresce  
este tempo,  
esta época  
como um rápido bosque,  
como planta vulcânica  
cheia de vida e folhas,  
minha época  
de sangue e claridade, de noite fria  
e esplendor matutino.  
Novas cidades crescem,

amanhecem bandeiras,  
se afirmam as repúblicas  
do socialismo em marcha,  
Vietnam palpita  
porque em sangue e dores  
nasce uma nova vida.

Minha época  
loureiro e lua cheia,  
amor e pólvora!

Eu vi  
nascer, crescer os anos,  
parir a velha terra  
robustas, novas coisas.  
Penso  
no homem perdido  
de outro tempo  
que não viu nascer nada,  
que se precipitou de rua em rua,  
de noite em noite fria,  
subiu escadas,

encheu-se de fumaça,  
e nunca viu onde terminavam  
os degraus nem a fumaça.  
Aquele homem  
foi como um cogumelo na selva,  
na umidade escura  
dissipou suas heranças,  
não viu sobre o bosque a altura  
tatuada com estrelas,  
não vislumbrou sob seus pés  
entrelaçar-se todos  
os germes do bosque.  
Eu sinto, olho, toco  
o crescimento  
do que sobrevêm,  
vou de uma terra a outra constatando,  
somando o indelével,  
acrescendo os passos,  
reunindo as sílabas  
do canto do vento na terra.

### III

## ADIANTE

URSS,  
China,  
Repúblicas  
populares,  
oh mundo  
socialista,  
mundo  
meu,  
produz,  
faz árvores, canais,  
arroz, aço,  
cereais, usinas,  
livros, locomotivas,  
tratores e gados.

Tira do mar teus peixes  
e da terra rica as colheitas  
mais douradas do mundo.  
Que lá das estrelas  
se divisem  
brilhando como minas descobertas  
teus celeiros,  
que trepidem os pés no planeta  
com o ritmo de ataque  
das perfuradoras,  
que o carvão de seu berço  
saia num grito vermelho  
rumo às fundições eminentes,  
e o pão diário  
se desborde,  
o mel, a carne  
sejam puros oceanos,  
as rodas verdes das maquinarias  
se ajustem aos eixos oceânicos.  
Busca sob a neve,  
e na altura,  
que tuas asas de paz deslumbradora

povoem de música motorizada

as últimas esferas

da pátria celeste.

Eu habito

no mundo do ódio.

Querem

que um vento terrível destrua as colheitas.

Que não se reincorporem tuas cidades.

Querem

que rebentem teus motores

e que não cheguem pão nem vinho

às múltiplas bocas de teus povos.

Querem negar-te a água,

a vida, o ar.

Por isso,

homem do mundo socialista, assume,

assume sorridente,

coroadado de flores e de usinas,

erguido sobre todos

os frutos deste mundo.

## XVIII

### **FRANÇA FLORIDA, VOLTA!**

France, jadis on te souloit nommer  
En tous pays, le trésor de noblesse  
Par un chacun pouvoit en toi trouver  
Bonté, bonneur, loyauté, gentillesse,  
Clergie, sens, courtoisie, proesse.  
Tous estrangiers amoient te suir.  
Et maintenant voy dont j'ay desplaisance...

*Charles D'Orleans (1430)*



## I

# A ESTAÇÃO SE INAUGURA

Quando sob a terra  
se preparam  
as estações,  
as seivas, as raízes,  
as sementes,  
o fogo,  
a água  
falam  
buscando-se adereços,  
polindo a caoba  
da castanha futura,  
endurecendo o nívoo  
marfim das amêndoas,  
combinando os fios

das trepadeiras,  
levantando o açúcar  
verde dos cachos,  
então  
tudo está preparado:  
o outono de mãos rubras,  
ou a primavera pura,  
ou o verão nos rios,  
ou o inverno cor de estrela,  
e França abre as portas:  
inaugura-se o tempo.

Porque ali são mais belos  
os bailes das folhas,  
a seda crepitante  
do outono nos bosques.  
Ali as águas sabem  
cantar de acordo  
com o violino do vento.  
Catedral e campina  
faz já muitos anos  
florescem recebendo

o mesmo beijo dúplice da chuva.

Ali no país de França

nasceu o vinho,

logo na transparência da taça

as palavras acharam

forma e som de cristal maduro

e os homens cantaram.

Ali

sempre os homens cantaram.

Chegou a guerra

como um alcatrão implacável,

mas do luto

a França saltou cantando.

Cantaram os valentes no muro

dos fuzilamentos. Cantaram

os comunistas da Comuna.

Cantou, decapitada,

a filha de Jean Richard. Canta

o povo da França,

enquanto os mercadores

atlânticos

vão preparando a carnificina.

Mas não apenas sala de espaçoso outono

ou primavera pedraria

és, jardim

da França, rua

da França,

combatente,

escreveste com pedra e sangue

teu nome na muralha

do destino,

e como em ti os rios são seguros

de sua harmoniosa abundância,

assim teu povo,

rumo à plenitude, de margem a margem,

cumulado de lutas e dons,

restaurará, cantando,

a alegria.

## II

### E NÃO OBSTANTE...

Eu fiz uso  
de Rabelais para a vida minha  
como dos tomates.  
Para mim  
foi essencial sua carnívora trombeta,  
sua principal algazarra.  
E não obstante...  
Aquele noite sozinha,  
passei na costa dos pobres ricos,  
na França lunática do Sul.

Eu vinha terrestre,  
com o pó do Sul, a neve vermelha,  
o ocaso de todos os caminhos.

Vinha feliz.

Eu despertava  
com o colo dourado  
da alegria  
sob meu braço esquerdo,  
com o talo amorado de uma rosa  
sob meus novos beijos,  
e então  
a polícia,  
muito correta,  
me ofereceu cigarros  
e me expulsou da França.

Era depois da primeira noite  
de França. Entre sua terra  
e meu corpo adormecido  
o tempo havia passado  
e aquela noite, sem sonhos,  
em mim subiu a terra  
com estrofes e vinhas.

Tremeu o coração enquanto dormia:

a terra o enchia  
de elétrica beleza,  
o tingia de verde,  
água de França e vinho,  
pâmpanos e raízes.

Antigos mortos amados,  
açafão e jasmins,  
envolviam-me adormecido,  
e eu pelas fragrâncias da terra  
naveguei, trespassado,  
até que o dia impôs sua espada branca  
com gotas de orvalho  
e então  
veio  
quem, senão ela,  
a França de hoje,  
a polícia,  
e embora o navio me esperasse ancorado  
para voltar ao Chile,  
ali, entre cigarros, me expulsaram  
de quase tudo o que amo,

e de nada serviu que eu servisse  
a memória  
de Charles d'Orléans, limpando diariamente  
sua guitarra de luto,  
de nada me serviu que Rimbaud viva  
clandestino  
em minha casa,  
desde há muitos anos.

Ai de nada,  
ai de nada.

Nem os olhos de Éluard como duas lâmpadas  
de fogo azul sobre meus ombros.

Nada serviu.

A polícia  
falava de instruções superiores,  
e que fique bem claro:  
não devo retornar nunca.

Não posso  
pôr um só sapato  
nesse proibido território.

Devo entender as coisas:  
nem de trânsito,



nem voar por cima,  
nem cruzar por baixo,  
nem sussurrar junto ao mar, às ondas  
da Normandia que amo.

Não posso  
disfarçar-me de árvore e receber a chuva,  
dormir junto aos berros.

Não devo junto a um rio  
cantar ou chorar de alegria.

Não posso  
comer queijo silvestre  
com as alfaces  
que ali são como lábios. Não posso  
em Saint Louis de la Isla  
beber meu vinho branco,  
nenhuma,  
nenhuma  
tarde mais  
de minha vida.

Foram completamente claros  
e inteiramente obscuros.

Expulsam-me. Está claro.

Por que me expulsam? Obscuro.

Assim, a polícia

tomou em suas mãos

a condecoração que em outro tempo

o conde de Dampierre me deixou na lapela,

olharam-na

como se fosse um alho sujo

ou um toco de cigarro com gosto de sabão.

Eles tinham

instruções

eminentemente superiores,

e assim foi, cavalheiros e senhoras,

como parti da França.

É natural,

não necessito

explicar-me.

Todos sabemos

que a Embaixada

do Far West,

com seus vaqueiros,

cospem nas lâmpadas de cristal em Versailles.

Que com tabaco na boca

Jim Cola Cola

urina as estátuas

de Fontainebleau, as cegas

estátuas de rainhas adormecidas.

Todos sabemos isso, porém,

não quero falar a respeito,

não é meu tema.

Se eu tivesse

vinte anos

e se me houvessem

arrancado

a França da cintura,

este seria um longo

lamento, um comprido pranto.

Eu teria escrito

a morte e as exéquias

da mais olorosa primavera.

Mas, agora,

com tantas cicatrizes  
que ainda não conseguiram  
matar meu coração,  
com a alegria  
sem despertar ainda entre meus braços,  
com toda a vida adiante,  
com a esperança,  
com tudo o que vem  
quando nós não seremos mais,  
com a França que amanhã  
despertará também,  
porque nunca dormiu,  
com todos os jasmims e as vinhas,  
as ruas, os caminhos,  
e as canções que amo,  
e que ninguém muito menos  
a polícia  
poderão arrancar-me da alma,  
posso dizer, senhores  
e senhoras,  
que amo à doce França,  
de onde me expulsaram.

E que continuo  
vivendo  
como se ali vivesse,  
com sua terra e seus heróis,  
com seu vinho e seu povo,  
e que não despertei oficialmente  
daquela única noite  
em que todo o aroma  
de sua profundidade e sua doçura  
subiu em meu sonho para despedir-me.

### III

## MAIS DE UMA FRANÇA

Transparente

é a terra:

bolha de água e ferro,

taça verde

de oceanos, campinas,

distâncias,

ondas de quartzo e cobre

nela se aquietaram.

O carvão no fundo

de corredores cegos

repousa sua energia.

Frutas e cereais

como o manto

de um antigo monarca

a cobrem com estrelas  
amarelas:

desbordante é a taça  
da terra:

toda a luz e toda  
a sombra a acendem  
e apagam,  
ásperas, com espinhos  
do inverno,  
doce, cheia de todas  
as doçuras:  
planeta, guardas algo  
mais vivente  
e elétrico  
que todos os metais:

é o homem  
o pequeninho  
ser que treme,  
cai e levanta

a frente mais ferida  
e com o braço recém-arranhado  
empunha os relâmpagos.

Vejo  
os bosques calorosos,  
a selva  
em Laos,  
insetos como folhas,  
leopardos  
de força silenciosa  
e cintura fosfórica,  
as grandes árvores trançadas  
na antiga terra,  
os monumentos úmidos  
com seus narizes quebrados  
e os olhos por onde  
irrompem as ramagens.

Nada disto  
nos interessa:  
atende;  
espera,



olha!

Aqui está o que amas:

Um pequeno

homem livre

com um rifle,

esperando.

É ele,

o guerrilheiro do Cambodja.

Espera

o mecânico passo

do invasor blindado.

Não pensa

na febre que espreita,

na serpente

de elétrico veneno:

só espera

o soldado

estrangeiro.

Ali na selva

as folhas

são sua pátria,

cada som de ave  
ou água,  
cada vôo  
de borboleta ou pálpebra,  
é sua pátria.

A pátria é uma folhagem  
e em sua sombra  
o homem,  
o homem pequenininho,  
defendendo  
cada uma  
de suas folhas.

Vietnam do outro lado.  
Há rios pardos, trêmulos  
de vidas e mensagens  
que vão de terra a terra.

Os franceses  
das cidades  
ouvem o cochicho  
da folhagem.

Por que deixaram  
a frutal primavera

da França?  
Disseram-lhes  
que trariam  
a cultura  
e desde então  
as metralhadoras  
e o napalm  
de Eisenhower,  
a ruína e o incêndio,  
desembarcam  
com eles, os franceses.

Os netos  
de Victor Hugo  
não trazem  
livros  
mas  
terríveis balas,  
dores,  
sangue.

Por isso

lá de Saigon se eleva  
um negro  
murmúrio  
de fumaça e medo  
que atravessa a terra  
e cai  
sobre a França,  
sobre certas pequenas  
casas pobres  
cai  
o medo da Indochina.

A morte,  
uma notícia  
com um nome de luto,  
chega  
como uma águia negra  
das alturas da Ásia  
e entra  
na primavera  
matutina da França  
com uma sombra rápida

de garras.

## IV

### HENRI MARTIN

Henri Martin escuta  
o rumor  
que fazem o medo e o sangue.

Em sua prisão de França  
ouve  
as bandeiras do bosque.  
Os seus morrem  
inutilmente,  
apodrecem, se os carregam  
escaravelhos cor de estanho.  
Caem  
filhos da França  
lá longe.

Por quê?

Henri Martin se opôs

à carnificina

sem glória,

e agora

com um traje listrado,

com um número nas costas,

trabalha encarcerado

a radiante

honra da França.

Para desembarcar com aguaceiro

quente, entre as moscas,

tanques e pústulas,

maldições, desgraças,

para desembarcar

rapazes

nascidos da rosa

da França,

filhos

do jasmim e as uvas,

para matá-los,

para condecorá-los

e assassiná-los,  
o governinho  
da França  
deve crucificar a honra,  
encarcerá-la,  
pôr-lhe traje listrado,  
numerá-lo,  
deve industrializar sua estrumeira  
para vendê-la  
aos cowboys de Washington,  
deve romper os ossos  
da antiga  
honra nunca extinta.

Por isso

Henri Martin,

radiante,

indomável

através das barras

que aprisionam

os olhos tricolores

de seu povo,

olha



como cai  
o sangue nos pântanos,  
lá longe,  
sem glória,  
sob as asas tórridas,  
e os escaravelhos  
com suas pequenas  
bocas de estanho  
carreando  
às úmidas tocas,  
homens,  
fragmentos de rapazes,  
a força e a doçura  
da França  
sacrificada  
para que os cowboys  
da Filadélfia  
dancem com a suavíssima senhora  
do embaixador da França.

Henri Martin: o trevo  
do pasto matutino,

as coisas mais humildes,  
o banco  
do carpinteiro,  
a flor azul sem nome  
entre as pedras,  
o terrível  
vento sulfúrico  
de Chuquicamata na noite,  
os homens  
amontoados  
nas minas,  
o pão,  
o guerrilheiro  
de nossa dolorosa,  
materna, infortunada,  
heróica  
Grécia de hoje.

tudo

o simples, o que sem aprender e sem sabê-lo  
canta em todas as terras e os rios,

tudo

te saúda,

Henri Martin, honra

de quanto existe, irmão

da claridade e do sonho,

irmão

da retidão e do dia,

irmão

de toda a esperança,

marinheiro.

Eu passo e vejo o mundo.

Ali estive,

ali onde estiveste.

Conheço

o sangue e a morte.

Por isso, porque és

o irmão da vida,

Henri Martin, honra

da França, folha

da mais alta azinheira,  
loureiro das campinas,  
herói  
da paz e da pureza,  
te saúdo  
com a simplicidade  
da areia e a neve  
de minha pátria distante.

## XIX

# AGORA CANTA O DANÚBIO

... Danúbio, rio divino  
que por fieras naciones  
vas con tus claras ondas discurriendo.

Garcilaso De La Vega,

Canção III

## I

# DEDOS QUEIMADOS

Romênia antiga, Bucareste dourada,  
como te assemelhavas  
às nossas infernais e celestes  
repúblicas  
da América.

Pastoril eras e sombria.  
Espinhos e asperezas resguardavam  
tua miséria terrível,  
enquanto Mme. Charmante  
divagava em francês pelos salões.  
O látigo caía  
sobre as cicatrizes de teu povo,  
enquanto os elegantes literários

em sua revista *Sur* (seguramente)  
estudavam Lawrence, o espião,  
ou Heidegger ou a “notre petit Drieu”.

“Tout allait bien a Bucarest.”

O petróleo  
deixava queimaduras nos dedos  
e enegrecia rostos  
de romenos sem nome,  
mas se fazia coro  
de libras esterlinas  
em Nova York e em Londres.

Por isso  
era tão elegante Bucarest,  
tão suaves as senhoras.

“Ah quel charme, monsieur.”

Enquanto a fome  
rondava levantando  
seu possuidor vazio  
pelos subúrbios negros  
e o campo infortunado.

Ah, sim senhores, era  
exatamente como Buenos Aires,

como Santiago ou Lima,  
Bogotá e São Paulo.  
Dançavam uns poucos na sala  
permutando suspiros,  
o Clube e as revistas literárias  
eram muito europeus,  
a fome era romena,  
o frio era romeno,  
o pranto dos pobres  
no comum ossário era romeno,  
e assim andava a vida  
de flor em flor como no meu continente  
com as prisões repletas  
e a valsa nos jardins.

Oui, Madame, que mundo  
se foi, que irreparável  
perda para toda  
a gente distinta!  
Bucareste já não existe.  
Esse gosto, essa linha,  
essa primorosa mescla



de podridão e de “pâtisserie”!

Terrível me parece.

Contam-me

que até a cor local,

os pinturescos trajés esfarrapados,

os mendigos retorcidos como pobres raízes,

as meninas que tremendo

esperavam a noite

às portas do baile,

tudo isso, horror, desapareceu.

Que faremos, chère Madame?

Em outra parte faremos

uma revista *Sur* de fazendeiros

profundamente preocupados

com a “métaphisique”.

## II

### A BOCA QUE CANTA

Vou desde os pinhais  
até as bocas descidas do Danúbio,  
o ar azul sacode  
as vidas e a vida.  
O ar limpa o fundo  
dos salões, entra  
pelas janelas  
um vento de bandeiras populares.  
Apagando nesta hora,  
Romênia, com tuas mãos os farrapos  
de teu povo, mostraste  
uma nova cabeça, novos olhos,  
nova boca que canta,  
e não só uma raça de pastores

mostras hoje na terra,  
mas uma deslumbrante  
construção que caminha.

### III

## UMA IMPRENSA

Eu vi uma imprensa alçar-se  
tão poderosa  
como em minha terra um Banco.

Vi tijolo a tijolo  
modelar a forma  
daquela catedral da palavra,  
subir as paredes  
e logo  
resplandecer as linotípias,  
o aço azeitado,  
e entrar a rotativa  
como o tanque maior  
da tipografia.

Era formoso  
ver como entrava  
a férrea mãe  
da luz escrita.

Rechinando  
avançava  
e a seu lado  
como formigas azuis,  
os operários.

Cheirava a vento  
com azeite férreo,  
cheirava a fruta nova  
e a silêncio,  
cheirava a tempo grande que vinha.

Era formoso,  
mais belo que as folhas e as árvores,  
mais belo que as flores,  
ver como para a altura  
caminhava a imprensa.

Ali onde as damas  
antigamente  
se inclinavam

diante de um pequeno crápula da Europa,  
o coroado Carol,  
ali crescia como  
a catedral do vento  
uma imprensa  
maior  
que um Banco do Ocidente,  
maior que uma usina  
de fuzis,  
mais bela  
que um plantel de açucenas acesas,  
mais alta  
que nossas árvores americanas.

## IV

### OS DEUSES DO RIO

Ovídio e Garcilaso desterrados

ontem em tuas ribeiras,

Romênia, te coroem,

te coroem e cantem.

Águas leve teu rio fecundando

as vidas e a areia,

povoe o amor tuas casas e teus bosques,

com cachos se cubram

teus braços e tuas faces.

Não só ao homem

livre

de tuas novas cidades e campinas

celebro.

Não só aos trabalhos criadores  
de escolas e de usinas  
eu dedico meu canto.  
Não só aos canais  
abertos na rocha e na terra  
para que andem repartindo espigas  
as águas do Danúbio  
eu minha lira consagro,  
senão a ti, Romênia,  
a teu nobre sabor de terra e vinho,  
a teu pão generoso  
repartido em teu povo,  
o aroma de pinheiros e mimosas  
que o vento te faz dádiva.  
Eu canto  
na pele de tuas uvas,  
no brilho dos olhos  
que dali se juntam aos meus  
como dois raios negros,  
tuas danças antigas  
que hoje brilham na luz que conquistaste  
como flores ou fogo,



na amizade de todos,  
na mão serena do Partido,  
na alegria  
da paz romena,  
tua lembrança inumerável  
que canta como um rio.

Romênia,  
hoje lá das areias de minha pátria  
eu te escrevo esta carta.  
Recebe-a, Romênia.  
Leva borrifos do Pacífico,  
leva vozes e beijos,  
leva neve de altíssimas montanhas,  
leva cantos e lutas  
de meu povo.

Honra e amor, Romênia,  
sobem em ti como duas vinhas novas.

A inteligência fita com teus olhos.  
Em tua boca sorriem os cachos.



**XX**

**O ANJO DO COMITÊ CENTRAL**

## I

# O ANJO DA GUARDA

Em minha casa, de menino, me disseram,  
“Escuta. Há um anjo  
que vai contigo e te defende:  
um anjo da Guarda”.

Eu cresci, dolorido, nos rincões.  
E o pranto acumulado fui deixando  
cair de gota em gota em minha escrita.

Adolescente fui, de perigo em perigo,  
de noite a noite, com minha própria espada  
defendendo meu pão e meu poema,  
cortando o lugar da rua escura  
que devia cruzar, armazenando

minha solitária força no vazio.

Quem não veio à minha porta para quebrar alguma coisa?

Quem não me trouxe corrosiva lava?

Quem não levou uma pedra venenosa

à velocidade de minha existência?

O proprietário me expulsou irroso.

O elegante desdenhou meu rosto.

E de sua letrinha mexicana

ou de cinzentos silabários,

malévolos barbudos, mercadores

de rosas mortas, poetas

sem poesia, deslizaram tinta

contra minha combatente cabeleira.

Abriram poços de alma lamacenta

para que eu caísse entre seus dentes,

coroaram meu canto com facas,

mas não quis fugir, nem defender-me:

cantei, cantei enchendo-me de estrelas,

cantei sem que ninguém me defendesse,

exceto o azul aço de meu canto.



## II

### ENTÃO TE OCULTAVAS

Ali onde estavas, anjo da Guarda?  
Eras tu a vivenda com espinhos  
em que devi dormir? Eras a mesa  
da pobreza que me preparavam?  
Eras o ódio, arame interminável  
que tive que cortar, ou talvez eras  
a miséria de seres infelizes,  
o que fui encontrando nos caminhos,  
nas cidades, nos socavões  
dos abandonados? Aí, foste invisível,  
posto que só a lances de infortúnio,  
só rompendo portas inumanas,  
vi crescer na minha voz todas as vozes,  
e saí entre as vidas ao combate.





### III

## EU SAÍ DE MINHA PÁTRIA

Cruzei as cordilheiras a cavalo.

Um tiranete, um bailarino vendia  
minha pátria com metais e mineiros,  
e enchia de paredes e prisões  
o recinto ocupado pela aurora.

Saltei pelas gargantas arranhadas  
da natureza galopando  
sob um silêncio de arvoredos escuros.

De repente os gélidos pombais  
da geleira despenhavam força,  
plumas glaciais, puro poderio:  
de repente terra e árvores se tornaram  
áspera adversidade e cicatrizes,  
talha-mares de súbita madeira,

impenetrável densidade tecida  
como uma catedral, entre as folhas,  
ou titânico sal resvaladiço,  
ou desdentado cinturão de pedra.

Ainda mais, desci de repente  
a terra vertical, e os ginetes  
cindiam com suas tochas o caminho,  
onde esperava o deus vertiginoso  
de um novo rio desbordando espadas,  
despenhando sua música secreta  
sobre a hostilidade da espessura.

## IV

### PRIMEIRA APARIÇÃO DO ANJO

E ali transpondo o rio,  
quando as águas duplicavam  
a ação das cavalgadas,  
e de repente uma aragem entrava  
como uma flecha na minha garganta,  
quando tropeçava a besta  
e eram as águas a meu lado  
um torrencial lance de agulhas,  
e a catarata esperava  
como um relâmpago nas pedras,  
olhei ali atrás de mim,  
e sem barbear-se, enrugado,  
com uma pistola e um laço  
vi pela primeira vez o anjo.

Ia cuidando-me o anjo,  
ia sem asas junto a mim  
o anjo do Comitê Central.

V

## O ANJO SOLITÁRIO

Ia defendendo-se então  
do ar indomável, do rio,  
das pedras em furacão  
e da aspereza espinhosa.  
Ia defendendo-me o anjo,  
da matilha que me odiava,  
dos que ululando aguardavam  
meu sangue nas ruas do crime.

## VI

### O ANJO DOS PAMPAS

Oh lua inabarcável, nas campinas,  
oh sol azul sobre todo o espaço,  
pampa de solidão, estrela reta  
estendida em desertas dimensões.

Erva argentina, terra interminável,  
olor de céu cereal, caminho  
feito de todos os caminhos, larga  
primavera sem pálpebras, planura.

Eu fui de cabo a cabo, trepidando  
na velocidade, transpondo o dia  
e a noite nua do planeta.

E ali perdido na distância, quando

o avestruz errante ou a pomba  
da terra selvagem apareceram,  
quando cansaço e solidão encheram  
a taça transparente do pampa,  
quando pude sentir-me desamparado e último, quando fui só ausência,  
sonho, suor e pó,  
rumo à liberdade com os olhos abertos,  
com outro rosto,  
amarradas as mãos ao volante,  
sem sonho e sorrindo através da noite,  
ali estava de novo, ali  
estava defendendo minha fadiga:  
não sei como se chama, talvez López,  
talvez Ibieta, o anjo  
do Comitê Central.

## VII

### O ANJO DOS RIOS

Saberás talvez que entre os rios férreos  
da América passei. O alargamento  
do Paraná me recebeu tremendo.  
Era sua lentidão como a lua  
que se desborda sobre as campinas  
e era povoado de secretos lábios  
que iam beijando seu gesto selvagem.

Rios territoriais, filhos rubros  
das trevas úmidas da América,  
eu vim a vossas águas, ao sangue  
que noite e dia a combater areias  
transporta vosso nome numeroso,  
eu fui um ramo equatorial, uma réstia



de terra tua, de fluvial folhagem.

As longas águas me contaram toda  
sua cantata de sangue paraguaio  
e de Assunção as torres do martírio:  
como muda de tigre a espessura,  
como o petróleo mancha o estandarte  
e como azeite e lodo se derramam  
sobre os pobres mortos da pátria.

E o rio me contou o que os mortos  
dizem falando do fundo das raízes,  
pedindo ajuda ainda lá na morte,  
sustendo bandeiras enterradas  
enquanto os estrangeiros do petróleo  
bebem com o carrasco no palácio.

Ali entre rios te encontrei, as águas  
ainda iam dentro de meu próprio sangue  
enumerando páginas do bosque,  
e ali, anjo novo, estavas no fundo  
da América  
e sem reconhecer-te, “Camarada

anjo, és tu?” te disse,  
e longas terras, trigos, ameaças,  
ondas e pinheiros percorremos juntos  
até que eu também sobre os mares  
fechei os olhos e voei adormecido.

## VIII

### O ANJO DA POESIA

União Soviética, floresces  
com outras flores que na terra  
não têm ainda nome.

Tua firmeza é a flor da árvore do aço.

É tua fraternidade a flor do pão fragrante.  
É teu inverno uma flor em que a neve  
ilumina o amor sem ameaça.

Eu percorri a terra onde Pushkin voltava  
para elevar em seu canto a luz dos cristais,  
e presenciei como seu povo levantava  
esta constelação sobre as mãos  
acostumadas a elevar o trigo.

Pushkin, foste o anjo  
do Comitê Central.

Contigo visitei ruínas sagradas  
ali onde os soldados de teu povo  
defenderam as sílabas de tua alma.

Contigo vi crescer dos escombros  
o gigantesco voo da vida,  
as rodas do trator rumo ao outono,  
novas cidades cheias de ruídos,  
aviões amarelos como abelhas.

E quando entrei no museu ou na casa,  
na fábrica, no rio que te segue cantando,  
ou quando na cidade de Lenin vi apagadas  
as cicatrizes do martírio agosto,  
oh camarada transparente, estavas  
junto a meu coração dando-me toda  
a orgulhosa estrutura de tua pátria.

Ali, enfim, um anjo não levava mais arma  
que um ramo cristalino de relâmpagos  
e ele e toda sua terra defendiam  
as sílabas errantes de meu canto.

Ali por fim a paz me resguardava.

E Pushkin me dizia: “Vem comigo  
até Novosibirsk, além nas terras  
desérticas, povoadas  
antes pela solidão e pelas dores,  
hoje a bandeira de minha voz passeia  
sobre as construções orgulhosas”

Anjo, querias que toda tua vida  
visitasse, tocando as espigas,  
enumerando fábricas e escolas,  
conversando com meninos e soldados.

## IX

### ANJO VYKA

Anjo hirsuto da Polônia, Vyka,  
tenho que fazer-te estas perguntas:  
atravessando toda a vida  
de teu país, o resplendor ardente  
do ferro dominando em Katowicz,  
os trigais que estendem sua ondulada alegria  
sobre toda a tua terra, as procissões  
de medieval catolicismo, a fumaça  
do território do carvão, o ar  
de Cracóvia, ar de livro seco,  
o Báltico outra vez empurrando suas brancas  
asas e ondas entre novas gruas,  
o tijolo amassado com o pó  
da infinita destruição subindo

outra vez no céu de Varsóvia,  
e o metálico aroma dos pinheiros em cima  
dos lagos masure, testemunhas transparentes  
da carnificina,  
e de aldeia em aldeia  
sobre a destroçada arquitetura  
o homem recobrou a beleza  
de tua terra, enchendo com sementes  
de sua ressurreição todo o silêncio.  
Esta fecundidade inesperada  
até ontem, este leite transmitido  
de boca em boca como um sinal novo,  
e essa terra que canta e se reparte  
sem evadir-se como a água, mas  
outorgando metais e celeiros,  
dize-me, anjo Vyka, tu que acompanhaste  
com descuidoso coração meus passos,  
que tens, que temos que ocultar,  
por que intentam negar estas regiões,  
estas colheitas, este mel singelo,  
por que intentam apagar esta grandeza  
e afastar esta vitória humana?

Foste diariamente o silencioso  
anjo amigo de estirpe obscura,  
apenas para que o bosque resguardasse  
as mínimas porções de seus morangos  
para teu companheiro de outros mares,  
ou o redondo caracol penetrasse  
na minha ternura de naturalista,  
e assim entre areias e pinhais ou entre  
marítimos de Gdansk ou entre motores  
toda tua pátria aberta me mostraste  
iluminada como um sorriso.



X

## ANJO, OH CAMARADA

Guerreiro solitário, anjo de todas  
as latitudes, apareces  
talvez nas sombrias cavidades  
da mina, quando a repressão e a fadiga  
vão dobrar teus braços, e levantas  
tuas asas minerais como escudo.

Estão naquela sombra entre os povoados,  
quando teu voo organizado cruza  
as difíceis terras do espinho,  
os aramados negros da morte.

Camarada, te espera o que sucumbe,  
te espera o que reserva  
sua energia, o que brota do perigo

e o que torna ao perigo. Estás no meio  
do tempo tempestuoso, da cólera  
com chapéu sovado, semelhante  
a todo o mundo, com as asas listas  
sob a luz comum de uma pobre jaqueta.  
Destes destinos és a unidade.

Sobre a terra inteira estás voando.  
Ninguém te reconhece salvo aqueles  
que também lêem na noite negra  
a radiante escrita de amanhã.  
Sem ver-te muitos homens  
junto a ti passarão, junto à esquina  
em que apoiado ao muro serás rua  
ou árvore sem nome no arvoredado humano.

Mas o que vem a ti sabe que existes.  
E esse, por trás de teus comuns olhos,  
adivinha a espada dos povos.

Ou melhor em plena luz nas regiões  
libertadas do Este nos recebes a todos,

não como a desterrados, mas sorridente  
para dar-nos  
a paz, e o pão, as chaves  
da terra.

**XXI**

**MEMORIAL DESTES ANOS**

## I

### VEIO A MORTE DE PAUL

Nestes dias recebi a morte  
de Paul Éluard.

Aí, o pequeno sobrescrito  
do telegrama.

Fechei os olhos, era  
sua morte, algumas letras,  
e um grande vazio branco.

Assim é a morte. Assim  
veio através do ar  
a flecha de sua morte  
a transpassar meus dedos  
e ferir-me como espinho  
de uma rosa terrível.

Herói ou pão, não recordo  
se sua louca doçura  
foi a do coroadado vencedor  
ou foi só o mel que se reparte.

Eu recordo  
seus olhos,  
gotas daquele oceano celeste,  
flores de azul cerejeira,  
antiga primavera.

Quantas coisas  
caminham pela terra e pelo tempo,  
até formar um homem.

Chuva,  
pássaros litorais cujo grito  
rouco ressoa na espuma,  
torres,  
jardins e batalhas.

Isso  
era Éluard: um homem  
rumo ao que tinham vindo

caminhando

raias de chuva, verticais fios

de intempérie,

e espelho de água clássica

em que se refletia e florescia

a torre da paz e a formosura.

## II

# AGORA SABEMOS

Sabemos todo o dia,  
a noite,  
todo o mês sabemos,  
todo o ano sabemos.

Noutro tempo o homem  
esteve ilhado,  
o prazer tapava-lhe os ouvidos,  
o céu o reclamava,  
chamava-o  
o inferno,  
e ademais  
era obscura  
a geografia humana.  
Não podia afirmar com precisão



se eram homens  
os outros,  
os homens das ilhas,  
os remotos,  
aqueles que de repente  
mostravam num dente de elefante  
tanta sabedoria  
como a porta de uma catedral.

Mas

lá longe  
entre nuvens e fumaça,  
as colônias,  
os vegetais mesmos  
se confundiam  
com a pele dos sáurios.

Agora

tudo

é diferente.

Pobre amigo,

sabes,

sabes que o homem existe.

Cada dia  
te pedem uma assinatura  
para arrancar um ser vivente  
de um cárcere vivente,  
e oprimido  
vais conhecendo  
os subterrâneos da geografia.

Sabes, sabemos,  
cada dia sabemos,  
dormindo conhecemos:  
já é impossível  
cobrir-nos os ouvidos  
com o céu.

A terra nos visita  
na manhã  
e nos dá o desjejum:  
sangue e aurora,  
trevas ou edifício,  
guerra ou agricultura,  
e há que escolher, amigo,  
cada dia,

sabendo agora,  
sabendo melhor agora  
onde estão colocadas  
tanto a nova vida  
como a velha morte.

### III

## AQUI VEM NAZIM HIKMET

Nazim, das prisões  
recém-saído,  
presenteou-me sua camisa bordada  
com fios de ouro vermelho  
como sua poesia.

Fios de sangue turco  
são seus versos,  
fábulas verdadeiras  
com antiga inflexão, curvas ou retas,  
como alfanjes ou espadas,  
seus clandestinos versos  
feitos para defrontar  
todo o meio-dia da luz,

hoje são como as armas escondidas,  
brilham sob os andares,  
esperam nos poços,  
debaixo da escuridão impenetrável  
dos olhos escuros  
de seu povo.

De suas prisões veio  
para ser meu irmão  
e percorremos juntos  
as neves das estepes  
e a noite acesa  
com nossas próprias lâmpadas.

Aqui está seu retrato  
para que não se esqueça sua figura:

É alto  
como uma torre  
levantada na paz das campinas  
e acima  
duas janelas:  
seus olhos  
com a luz da Turquia.

Errantes

encontramos

a terra firme sob nossos pés,

a terra conquistada

pelos heróis e poetas,

pelas ruas de Moscou, a lua cheia

florelando nos muros,

as moças

que amamos,

o amor que adoramos,

a alegria,

nossa única seita,

a esperança total que compartilhamos,

e mais que tudo

uma luta

de povos

onde são uma gota e outra gota,

gotas do mar humano,

seus versos e meus versos.

Mas

detrás da alegria de Nazim

há feitos,  
feitos como madeiros  
ou como fundações de edifícios.

Anos  
de silêncio e presídio.

Anos  
que não conseguiram  
morder, comer, engolir  
sua heróica juventude.

Contava-me  
que por mais de dez anos  
deixaram-lhe  
a luz da lâmpada elétrica  
toda a noite e hoje  
esquece cada noite,  
deixa na liberdade  
ainda a luz acesa.

Sua alegria  
tem raízes negras  
fundidas em sua pátria

como flor de pântanos.  
Por isso  
quando ri,  
quando Nazim ri,  
Nazim Hikmet,  
não é como quando ris:  
é mais alvo seu riso,  
nele sorri a lua,  
a estrela,  
o vinho,  
a terra que não morre,  
todo o arroz saúda com seu riso,  
todo seu povo canta por sua boca.

#### **IV**

### **ALBÂNIA**

Nunca na Albânia  
estive,  
áspera terra amada,



pedregosa

pátria dos pastores.

Hoje

espero

chegar a ti como a uma festa,

uma nova

festa terrestre: o sol

sobre a musculosa empunhadura

de tuas serras

e vislumbrar entre penhascos

como cresce

o novo lírio terno,

a cultura,

as letras que se estendem,

o respeito ao antigo camponês,

a origem do operário,

o monumento insigne

da fraternidade, o crescimento

da bondade como uma jovem planta

que floresce nas velhas terras pobres.

Albânia, pequeninha,

forte, firme, sonora,  
tua corda na guitarra  
— fio de água e aço —  
conjuga-se ao som da História,  
ao canto do tempo invencível,  
com uma voz de bosques  
e edifícios,  
aromas e brancuras,  
canto de todo o homem e todo o bosque,  
pássaros e macieiras,  
ventos e ondas.

Força, firmeza e flor são teu regalo  
na construção do terrestre.

V

## ÍNDIA, 1951

Na Índia

de novo,

outra vez

o aroma

de frutas mortas, o

grasnido

de corvos.

Senti que se oprimia

dentro de um vaso quebrado

meu coração, ouvi

passos,

passos que morreram,

passos.

Ramagem

de raças e de túnicas,  
Índia,  
materna, entrelaçada,  
angusta, cruel, remota,  
eras a mesma.

Os grandes rios sepultando corpos,  
a cor de açafião nas colinas,  
mas agora  
não era minha juventude, minha solitária adolescência vagante.

Agora  
as flores me esperavam,  
caíram em meu colo,  
e um nome,  
uma carta,  
uma simples sílaba  
vinha  
lá do cárcere para reconhecer-me.

Terras de Telenghana,  
mártires, criaturas  
colhidas entre  
dois fogos,

as metralhadoras do governo,

os cárceres

do Nizam de Hyderabad.

Camponeses caídos

nas que já creram

terras suas,

agora

com Parlamento próprio,

sem ingleses,

e a velha miséria,

a fome

ululando nas aldeias.

Esperando,

esperando

sempre viveu a Índia,

sentada

junto ao rio do tempo,

esperando.

Passavam os guerreiros

de pés ensanguentados,

os príncipes

comedores de pérolas,  
os ingleses  
impassíveis,  
os sacerdotes frios  
como sáurios,  
estudando o umbigo  
da terra e do céu,  
todos  
devorando-te algo,  
passageiros, piratas, mercenários,  
e tu, mãe do mundo,  
sentada junto ao rio  
do tempo  
fiando e esperando.

Agora os poetas,  
Sirdard Jaffris ou o outro,  
o magro ou o barbudo,  
saíam do cárcere.

A poesia  
na Índia  
entrava no calabouço,

saía e regressava,  
aprendendo  
a liberdade entre os prisioneiros,  
conhecendo  
as penas,  
os dialetos, as dores,  
as palavras secretas  
dos ensimesmados camponeses,  
a queixa dolorosa,  
as abertas feridas,  
a doçura rebelde  
que avança levantando seu estandarte  
de estrelas e pombas.

Útero da terra, território  
fechado em que fermentam  
as uvas da História.  
Antiga irmã  
dos velhos planetas,  
eu soube agora,  
escutando os cantos nos povoados,  
as iras debulhadas,

os punhos no vento,  
soube  
que se levantarão tuas estaturas,  
que se acumulará teu poderio,  
que darás a teu povo  
o pão que lhe negavas,  
e que já não veremos  
passar detrás do ouro,  
cruzar detrás do rito  
deslumbrador da teogonia,  
a fome com sua escova  
varrendo pobres ossos e sujeiras  
no lado do caminho.

Índia, levanta  
tua juventude, incita  
teu relógio para marcar a hora que vem.  
Adianta-te e colhe  
no horário o alto meio-dia.  
São antigas tuas flechas.  
Sobe-as à tua testa e crava  
no horário teu destino.





## VI

### DESDE DOBRIS A AURORA

Em dobris, junto a Praga,  
conversando com  
Jorge Amado,  
meu companheiro de anos e de lutas:  
De onde  
vens agora?

Eu, dos largos rios  
da Guatemala e México,  
do fulgor verde  
do rio Doce, adentro.  
Levava  
fogo de aves selvagens,  
orvalho

de foz.

Contei-lhe meus caminhos.

Ele regressava

da Bulgária, trazia

luz de roseiras vermelhas

no peito,

e contou-me as coisas,

os homens, as empresas,

o socialismo em marcha

naquela

terra eriçada, agora construtora.

Era tarde, as brasas

ardiam

na lareira de pedra.

Fora

o vento removia sussurrando

as folhas das faias.

Juntos peregrinamos,

perseguidos,

e eis que aqui a paz  
nos reunia.

Tínhamos  
pão,  
luz,  
fogo,  
terra,  
castelo.

Não eram só nossos,  
eram de todos.

Não queríamos  
falar. O vento  
falava por nós.  
Estendia-se  
no bosque,  
voava  
com as folhas desprendidas.

O vento  
ia ensinando,  
cantando

o que nós éramos,  
éramos e tínhamos.

A claridade terrestre  
nos rodeava.

Solene era o silêncio.

Longos haviam sido os caminhos.

E a aurora batia as janelas  
de novo  
para ir conosco pelo mundo.

# EPÍLOGO

# O CANTO REPARTIDO

Entre a cordilheira  
e o mar do Chile  
escrevo.

A cordilheira branca.

O mar cor de ferro.

Regressei de minhas viagens  
com os novos cachos.

E o vento.

O vento sacudia  
a terra, as raízes.

Eu viajei com o vento.

Hoje entre mar e neve  
e terra minha

eu ordenei os dons  
que recolhi no mundo.

Estabeleci meu amor  
como uma sarça ardendo  
sobre a primavera  
de minha pátria.

Regressei cantando.

Onde estive, a vida

criadora

me revestiu de germes

e frutos.

Regressei vestido

de uvas e cereais.

Eu trouxe a semente

de escolas transparentes,

a folhagem acerada

das novas usinas,

o latejo

da tenacidade e o movimento

da extensão povoando-se de aroma.

Num lugar qualquer

vi o pão diminuído

e mais além estender-se

os reinos da espiga.

Vi nos povos a guerra

como despedaçada

dentadura

e vi a paz redonda



noutras terras

crescer como uma taça

como o filho na mãe.

Eu vi.

Ali onde estive, ainda

nos espinhos

que quiseram ferir-me,

achei que uma pomba

ia cosendo

em seu voo

meu coração com outros

corações.

Achei por toda parte

pão, vinho, mãos,

ternura.

Dormi sob todas

as bandeiras

reunidas

como debaixo dos ramos

de um só bosque verde

e as estrelas eram

minhas estrelas.

De minhas encarniçadas  
lutas, de minhas dores,  
não conservo nada  
que não possa servir-vos.  
Também como a terra,  
eu pertenço a todos.  
Não há uma só gota  
de ódio em meu peito. Abertas  
vão minhas mãos  
espargindo as uvas  
no vento.  
Regressei de minhas viagens.  
Naveguei construindo  
a alegria.  
Que o amor nos defenda.  
Que levante suas novas  
vestiduras  
a rosa. Que a terra  
continue sem fim florida  
florescendo.  
Entre as cordilheiras  
e as ondas nevadas

do Chile,  
renascido no sangue  
de meu povo,  
para vós todos,  
para vós canto.  
Que seja repartido  
todo canto na terra.  
Que subam os cachos.  
Que os propague o vento.  
Assim seja.

# ÍNDICE

## **Prólogo**

Tendes que Ouvir-me

### **I - As Uvas da Europa**

I. Só o homem

II. O rio

III. A cidade

IV. Desviando o rio

V. Os frutos

VI. As pontes

VII. Picasso

VIII. Ehrenburg

IX. Palavras à Europa

### **II - O Vento na Ásia**

I. Voando para o sol

II. O desfile

III. Dando uma medalha à Madame Sun Yat Sen

IV. Tudo é tão simples

V. As cigarras

VI. China

VII. A Grande Marcha

VIII. O gigante

IX. Para ti as espigas

### **III - Regressou a Sirena**

I. Eu canto e conto

II. Primavera no Norte

III. As ruínas no Báltico

IV. Construindo a paz

V. Os bosques

VI. Regressou a sirena

VII. Canta Polônia

### **IV - O Pastor Perdido — Volta Espanha**

I. Se eu te recordasse

II. Chegará nosso irmão

III. O pastor perdido

## **V - Conversa de Praga**

- I. Meu amigo das ruas
- II. Assim teria acontecido
- III. Tu o fizeste
- IV. O dever de morrer
- V. Eras a vida
- VI. Estás em toda parte
- VII. Se lhe falo...
- VIII. Radiante Julius
- IX. Com meu amigo de Praga

## **IV - É Largo o Novo Mundo**

Contigo pelas Ruas

- I. Muda a história
- II. Transiberiano
- III. Terceiro canto de amor a Stalingrado
- IV. O anjo soviético
- V. Em sua morte

## **VII - A Pátria do Cacho**

- I. A túnica verde
- II. Cabeleira de Capri

III. A polícia

IV. Os deuses esfarrapados

V. Chegou a frota

VI. Eu te construí cantando

### **VIII - Longe nos Desertos**

I. Terra e céu

II. Ali estava meu irmão

III. Mas deu fruto

### **IX - O Capitel Quebrado**

I. Nestes anos

II. Belojannis o herói

III. Contemplada a Grécia

### **X - O Sangue Dividido**

I. Em Berlim a manhã

II. Jovens alemães

III. A cidade ferida

### **XI - Nostalgias e Regressos**

(Intermédio)



- I. Os regressos
- II. A passageira de Capri
- III. Quando do Chile
- IV. O cinturão
- V. Um dia

## **XII - A Flor de Seda**

- I. O lírio distante
- II. Os invasores
- III. A esperança
- IV. Teu sangue
- V. A paz que te devemos

## **XIII - Passando pela Névoa**

- I. Londres
- II. O grande amor

## **XIV - A Luz Queimada**

- I. A chama negra
- II. A terra tempestuosa

## **XV - A Lâmpada Marinha**

- I. O porto cor de céu
- II. A citara esquecida
- III. Os presídios
- IV. O mar e os jasmins
- V. A lâmpada marinha

### **XVI - A Terra e a Pintura**

- I. Chegada a Porto Picasso
- II. A Gutusso, da Itália

### **XVII - O Mel da Hungria**

- I. Eu vinha de longe
- II. Crescem os anos
- III. Adiante!

### **XVIII - França Florida, Volta!**

- I. A estação se inaugura
- II. E não obstante...
- III. Mais de uma França
- IV. Henri Martin

### **XIX - Agora Canta o Danúbio**

- I. Dedos queimados
- II. A boca que canta
- III. Uma imprensa
- IV. Os deuses do rio

## **XX - O Anjo do Comitê Central**

- I. O anjo da guarda
- II. Então te ocultavas
- III. Eu saí de minha pátria
- IV. Primeira aparição do anjo
- V. O anjo solidário
- VI. O anjo dos pampas
- VII. O anjo dos rios
- VIII. O anjo da poesia
- IX. Anjo Vyka
- X. Anjo, oh camarada

## **XXI - Memorial destes Anos**

- I. Veio a morte de Paul
- II. Agora sabemos
- III. Aqui vem Nazim Hikmet
- IV. Albânia

V. Índia, 1951

VI. Desde Dobris a aurora

## **Epílogo**

O canto repartido